



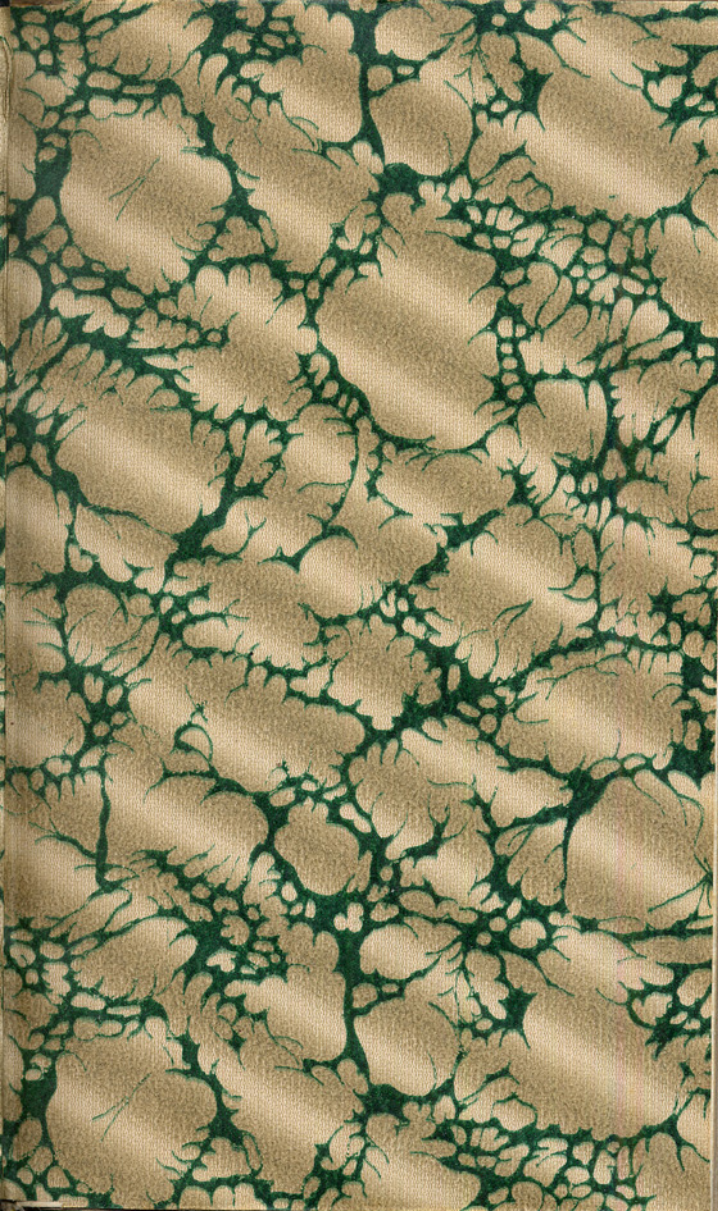
N.

243



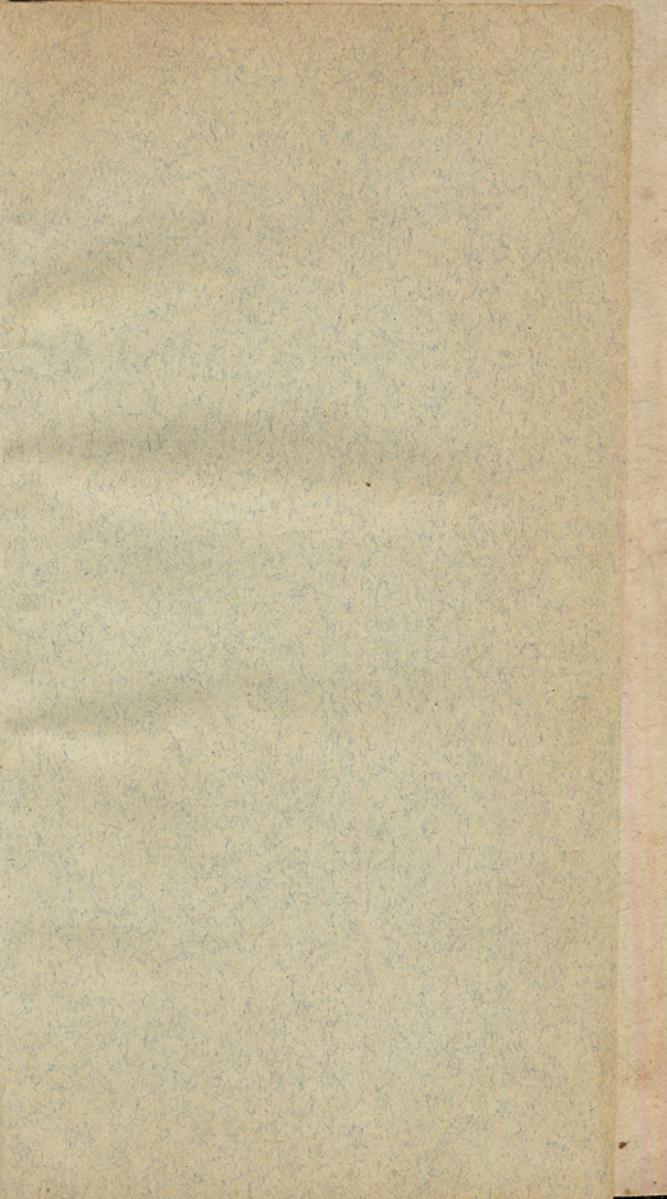
Ex-Libris
de

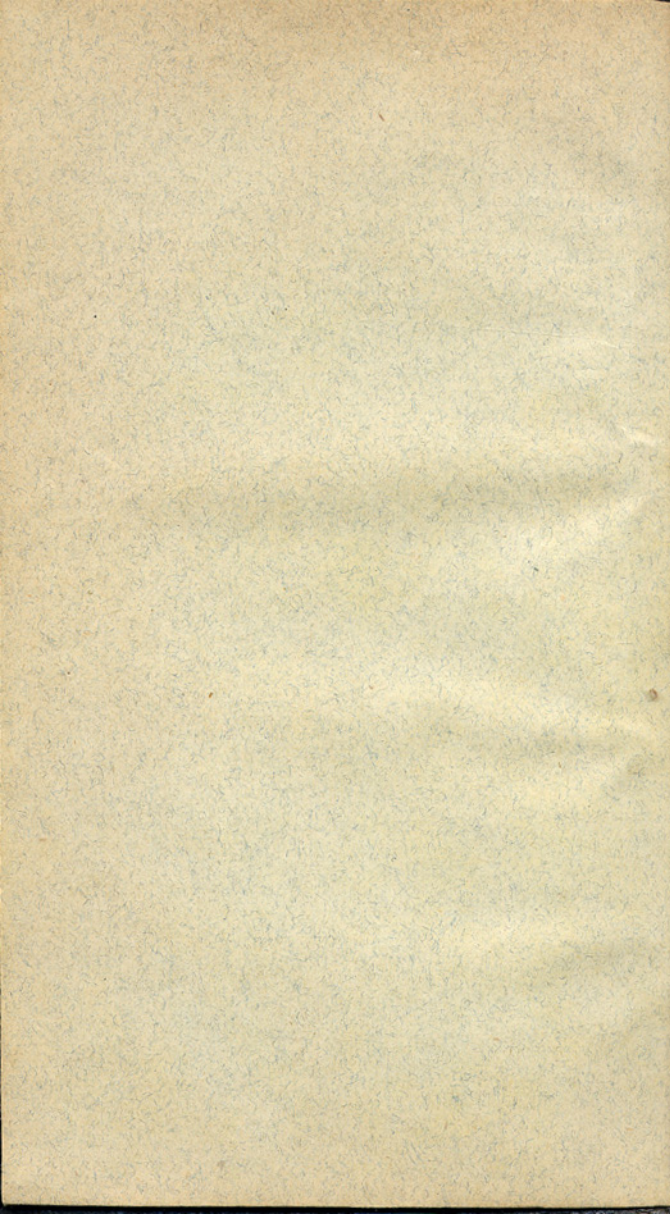
Aulo Gélío



Soares & Mendonça
Leilão 52, n.º 2547
(4 vols.)

msb 225002





2

20

V E R S O S

D E

FILINTO ELYSIO.

*João Vicente Pimentel
Montevideo*

50

VERSOS

DE

FRANCISCO FERREIRO

ADIMOS

V E R S O S

D E

FILINTO ELYSIO.

Tomo III.º



P A R I S.

Anno de 1802.



COMPRA

291763

E D I T A L.



HOUVE em Lisboa quem recebeu dos Snr.^{es} Manoel da Camara Bettancour, Joze Antonio dos Sanctos Branco um argél de caderninho mpressos de trovas minhas, no anno (segundos creio) de 1790; dos quâes me não remetteu ainda um sò real do producto da venda. Se o remorsos de Consciencia lhe ladraõ ainda na alma, e me quèr remetter o dinheiro, pòde confia-lo francamente, por letra de cambio, ao Morgado Malheos, Embaxador em Paris, que m'o entregará fielmente. Entam farei volitare per ora hominum o seu nome enramado de gloria. Mas no cazo contrario, já daqui o vòto, com c indeias às avèssas, a Plutaõ, e àsoutras enfaruscadas divindades da enxovia infernal.

CONSELHOS que tomei hà muito, d'um homem
no meu officio.

PAR les fredons d'un rimèur désolé,
Que ton repos ne puisse être troublé;
Et sans jamais t'avilir à répondre,
Laisse au mépris le soin de le confondre:
Rendre à leurs cris des sons injurieux,
C'est se flétrir, et ramper avec eux.

GRESSET.



EPITAPHIO

Aos meus Versos.

J'ai fait un peu de bien ; c'est mon meilleur ouvrage.

VOLT. Epit. à Hor.

Abstulit clarum cita mors Achillem.

HOR. lib. 2. Od. 16.

MORREU atraído o féro Achilles ; (1)
E Alcides , geração de Jove summo
No fogo Oetheo depoz a egregia vida ,
Caçadora de Lérnas e Nemeos.

(1) Acho ridiculo que Achilles, o grande Achilles, o decantado assumpto do divino Homero, tenha menos appellidos que um Jaõ fernandes. Achilles secco e pecco ! Por que

O graõ Cantor de Thracia que os auritos
 Carvalhos desprendia dos outeiros ,
 E em dança mui ayrosa os revolvía
 Co' a força do seu plectro — Que os mysterios
 Da sabia, da escondida Antiguidade
 Cantou Divino — Que apiedou canõro
 O illachrymavel Dite — Em negro inférno,
 (Para mais não voltar) despedaçado
 Das Rhòdopes Donzèllas càhe inulto.

Semiramis potente , Helena linda
 Da Morte são despojos invejados :
 Não Poder, não Sciencia, ou Formosura
 Sabem virar à lisa fouce o fio.

Quando estas almas , gloria do Universo
 Mudas descêraõ às cavérnas do Orco ,
 Mil Sombras, que pela enojosa Styge
 Viraõ passar tam saudósos nomes,
 Carpindo o golpe duro as acompanhaõ
 E lagrimas vertendo vaõ, trombudas.

O grande Homéro, e o doce Italo Cysne,

se não hà de chamar Achilles Phtio , Larissêo , Eacida , Pe-
 leio , Hectoreo etc. etc. etc. e toda a recua do *Regia Parnassi?*
 Foi desgraça sua não vir nestas éras, e lhe cozerem um rabo-
 léva de Achilles Chrisostomo, de Paría e Souza, Cordeiro de
 Vasconcellos de Sã. O Centauro Chiron era um asno em
 pontos de nomenclatura genealógica.

Presumpção immortal de Grécia e Roma,
 Dous validos do Pindo nemoroso,
 Por quem choraõ ribeiras do Permésso ;
 Tributos foraõ do avarento gume.

Da Parca é já vassalla, e nas profundas
 A'guas do adormecido Esquecimento,
 D'há muito tempo jaz sobre o esquerdo
 Cotovélo encostada a campanuda
 Conceituosa, ataroucada rima.

Os vérsos do Alpoim, do graõ Talaya
 (Tam charos nomes não respeita o Fado!)
 Serão pasto tambem do roáz Tempo ;
 Já lhes abre a garganta, aguça os dentes
 E c'os õlhos famintos os devóra.

Eu vi o torpe Monstro estar tragando
 Dourados livros, a graõ custo impressos
 Na *Real Officina Sylviana* : (1)
 E remoendo estampas, e floroês
 Na peçonhenta bocca arreganhada ;
 Judiava, trincando nas censuras.

Inda me lembro (Ah ! com que mágoa o digo !)
 Vêr por térra os retrâços babujados
 (Reliquias da dentuça estragadora !)

[1] Quanto val lidar com gente sabia ! Até o Impressor
 por effluvios regio-academicos , poz o titulo da sna officina,
 em verso.

Retraços Genealógicos, e Henriqueidos;
Tantos lauros fidalgos na poeira.... (2)

E vós, Versinhos meus, duros e antigos;
Cuidães que escapareis? Baixai os ólhos:
Bebei sem murmurar aguas do Lethes,
Se bebestes já na Haya as do desprezo —
Não éra assim no seyo de Élia ou Marcia!

(2) Dans l'abîme immense du tems,
Tombent ces recueils importants
D'historiens, de politiques,
D'interprètes et de critiques,
Qui tous, au mépris du bon sens,
Avec les livres germaniques
Se perdent dans la nuit des ans.
La mort devore avec furie
Les grands monumens d'ici bas.

BERNIS.

SONETTO

A' S. D. V. A. de S. R.

QUERIA-TE escrever, fiel Amiga,

Uns versos, quaés pedía o meu affecto,

Dignos de tam formoso e raro objecto,

Que izentos coraçõs a amar obriga.

Tomo um livro; o papel pouzo, em que diga

De sempre amar-te o firme, e são projecto,

Tres vezes no tinteiro a penna encêto,

Sem que possa engrolar-te uma Cantiga.

Recorro à Appollo: — Appollo fez-se mouco:

Chamo o Pegaso, as Musas: — Moita. Apuro

A ideia, empurro-a a versejar um pouco. —

Nada — Que è sêcca a veyá, o éstro escuro. —

Sobre que livro, (1) ou Démo escrevo eu louco?

(1; O tal Bezerro tem feito um argél de Odes compridas; entre ellas uma de 300 Strophes, tam sobeja de palavras, quam fallida de enthusiasmo. Delle contaõ que convidadõs varios amigos para lha ouvirem recitar, quando muito es-falfado parou em meio, para humedecer a gaita da garganta s'um cõpo de agua, achou-os todos a roncar.

Se és Odes do Bezerra , eu te esconjuro ! (2)

2) Dizem os Naturalistas (que sabêm tudo) que segundo as cousas que se mettem debaixo ; sahem as cousas , que se mettem por cima ; e allêgão c'o exemplo do Paypay , que comia como um Lobo , por que dormira , (quando no berço) sobre pell de Lobo ; trazem à bailha a Phebade , que por que assentava o pouzadeiro nû sobre o buraco da tripode , lhe entravaõ por baixo vapores , quesahiaõ por cima em Prophecia. Allegaõ mais (por que saõ gentes que allegaõ muito) que os Gregos quando queriaõ escrever bons versos , escreviaõ sobre o pergaminho da Iliada- Tam grande bruxaria tem as cousas debaixo com as cousas de cima ! Nunca porem disseraõ (o que por mal de peccado me succede u a mim) que um canhenho de versos mâos comia o éstro de quem sobre elles escrevia ; como um arneiro chupa o humor do probre regato que acertou passar-lhe sobre a côdea. Quem tal adivinhara :

Quid quisque vitet , nunquam homini satis

Cautum est in horas.

HOR. lib. 2 Od. 3.

Que fado mão , ou que fortuna escura minha me deparou tâes alcunhadas Odes , que me sumiraõ a corrente Poetica? Não he perdôo , em quanto me lavrar a lembrança.

O D E

Exoriare aliquis nostris ex ossibus.

VIRG. lib. 4^o

QUANDO, à beira do Lima saudoso,
O Bernardes suaviloquo entoava,
Ao som da campesina Cornamusa,
A meiga cantilena,
E que em ròda do Vate se apinhavaõ
Os Faunos, os auritos Egipanes,
Capri-barbi-corni-pedes-felpudos
Moradores das selvas;
E as verdes Hamadrias, co' as Napèas,
Là das fontes, o ouvido, e là dos troncos
Apontavaõ, nos sons embellesadas
Do dulcisono mètro;
Bem longe foi de imaginar, que um dia,
Da quelles mesmos sons allì vertidos
Se ergueria uma Musa de mais polpa,
Estadista, e Dansante. (1)

(1) A. d'Ar,

De Terpsícore Alumno mais devoto ;
Que das hêras mimosas de Polymnia ;
Dará báiles no Pindo, em lugar de Odes
De Pindaro, e de Horacio.

Horacio tresmudado em traje Luso, (2)
Estranhará seus versos engoyados ,
Sua atrevida phraze, hoje tam chòcha,
Em lingua d'etiqueta.

(2) Certa traducção.



E P I G R A M M A.

« SIM : seu marido (um Médico dizia)
Tem asthma, tem doença prolongada.
Tem muito que soffrer. » — Pobre coitada !
(Lhe responde a Mulher) Mas bem podia,
Senhor Doutor, cura-lo de maneira,
Que o despene depressa, e no Céu posto,
Eu de o ver padecer forre o disgosto,
E elle de assim viver forre a canseira.



O D E

AD

CURIONE M.

Umbra et secessum viro sapienti convenire.

Q U I D nos Illecebræ, Curio, tamdiu
Falsæ pelliciunt, nec benè credulos
Pompà ludit inani
Mundi scena volubilis?

Quæ dum suspicitur, vix que fugacibus
Personis animos occupat, effluit
Tortis sulphure flammis,
Aut picto similis vitro.

Vitæ, quin potius heu ! nimum brevis
Horas colligimus, dum superest colo
Stamen, fila que nondum
Fatales resecant Dæ?

Quem non turba fluens, sed ratio regit
Non vanæ species decipiunt, neque
Rerum pessima iudex
Vulgi torquet opinio :

TRADUÇÃO

DA

Ode precedente.

DE que vem, Curiaõ, que tam duravel
Nos céva falso engôdo?
E com van pompa credulos nos lógra
Do Mundo a instavel scena?
Que em quanto encaras nella, e te embelléza
Com máscaras fugaces,
Se esvâe, qual chispa azul da ondeada flamma,
Qual figurado vidro (1).
Porquê da vida, ay triste ! que è tam curta,
Naõ colhêmos as horas,
Em quanto a estriga enroupa a róca; e a Parca
Fatal naõ corta o fio?
A quem rège a Razaõ, e nunca a turba,
Nem formas vans illudem,
Nem (pèssimo Juiz) o Vulgo o esgarra
Com opiniaõ injusta.

(1) Corrediças da lanterna màgica.

Non ille aut teneris miles ab unguibus
 Insanam galeà canitiem premit,
 Aut rursus mare tranat
 Indis sospes ab ultimis :
 Illum non amor aut discruciat metus ;
 Non spes anxia ; non ille potentibus
 Aulas et male-tutos
 Fasces callidus invidet :
 Ergo militiæ transfuga et urbium
 Curam impendit agris rusticus utilem ;
 Jacturamque juventæ
 Compensat melioribus
 Annis. Tum patriæ, tum sibi providus
 Sulcis frugiferas ordinat arbores,
 Et quam nunc serit ævo
 Quercus proderit altero :
 Fixum blanditiis ac puerilibus
 Natorum studiis, sedulaque et placens
 Castis moribus uxor
 Dulci detinet in domo.
 Lætus sic reliquos ille agitat dies,
 Nec deerit tacito nœnia funeri,
 Fletu sparsus amico
 Urnæ cum dabitur cinis.

A. M. de Curnien.

Nunca o verás soldado em tenros annos
 Insanas cans com elmo
 Cingir ; nem cortar, salvo, lá das Indias ;
 Re-navegados mares ;
 Nem esperança ansiosa, amor, nem sustos
 Terão de atormenta-lo :
 Que opulentos salloës, lubricas honras
 Sabído não inveja.
 Antes, fugindo a exercitos, e a côrtes,
 Aldeaõ ara uteis campos ;
 E allí resarce, em seus melhores annos,
 Da mocidade as perdas.
 Provendo a si, e à patria, estorce as alas
 De fructiferos troncos ;
 E o Carvalho que planta, serà de uso
 A' vindoura progenie.
 Na doce caza o prendem com caricias
 Com jògos os filhinhos,
 E com castos costumes, com agrados
 A cuidadosa sposa ;
 Passando ledos os dias, sem que falte
 No quedo entérro a Nónia,
 Quando em urna lhe entrar regada a cinza
 De làgrimas amigas.

F A B U L A .

Homo doctus in se semper divitias habet.

Phædr.

QUANTO vale o saber !

Houve dous Cidadãos n' uma Cidade,

(Que por nome não pèrca)

Um delles ricco, e como é já costume,

Tam fátuo, quanto ricco :

Póbre era o outro, mas às letras dado.

Que bem diz o Garçaõ, — que não passeia

Em dourada berlinda o saber raro.

Dizia o ricco ao pobre :

« Tens tu, com tanto estudo, láuta meza ?

Barretadas ? — Mesuras de Senhoras ?

Quando vês pela praça,

Vem fallar-te o Fidalgo, o Béca, o Cura ?

Com meu luxo sustento

Pintores guapos, sabios Architectos ;

Amaõ-me as Damas, louvaõ-me os Poétas.

Sei tudo, sem estudo.

(Toda a gente m'õ diz, e eu quasi o creio)

Sou gentil-homem, guapo;
Tenho mil prendas, tenho mil pilhérias.
É para ver como essas Moças todas
Me gabaõ — que è um pasmo — (e è sem lisonja)
 Habito n'um Palacio,
 Opulentas alfayas,
Riccas librés, chapèos acairelados
Fazem mais fausta a reluzente placa,
 Que no peito blazona.
E tu, com todo o teu saber inutil
 Mal-enroupado, (1)
 Desconhecido,
Encargo da Republica, dás volta
A's ruas todas, só, e jejuando
 De affavel cortezia :

(1) Raras vezes me sirvo destes versinhos curtos, posto que tenhaõ muitos apaixonados, e que sejaõ mui cantadas por pessoas de affectado *sentimento* as aprosadas cantiguinhas de ***. Eu (naõ sei se julgo mal) sò approvara èsta acanhada medida nos versos amorosos, imitadores dos Gregos, e outras Naçoês, que a empregaraõ com feliz ventura, quando tenhamos Poetas que desempenhem. De alguns Mancebo^s Portuguezes me fallaõ com elogio; mas naõ tendo lido as suas obras, naõ pòsso formar juizo do seu merecimento. Fora muito benemerito das lettras quem se applicasse a estremar as palavras de melhor *euphonia*, de mais delicado senso, com as quaes ataviasse uma engraçada ficçaõ, em

Cansado vãs scismar (1) na agua-furtada,
 Em quanto eu stou com Damas, com amigos ;
 Trinco saúdes, festival embórco

Champanhas, Malvasias.

Ser ricco é tudo, (2) ser letrado é nada. »

Naõ acabava, quando um terremoto

Derriba as cazas — lavra o fogo, e queima

Mòveis, papéis — o pó, a chamma, o fumo —

O ruído arrazado das parêdes —

O claraõ de alongadas labaredas,

Que em ròda lambem Templos, e Palacios —

Os gritos, o tropél, o estrago, a morte,

Ays, soluços, mortiferos arrancos

Poem em fugida os peitos mãis valentes :

Foge a piedade, foge o parentesco,

Atè o Amor deixava ao desamparo

doce rithmo, com que naõ tivéssemos que invejar o Poeta
 de Teios. Em quanto este phenòmeno se naõ descobre,
 direi o que me vem à memoria, quando ouço :

Cruel Nerina,

Sòmos da d'alho

Nesses teus olhos

E naõ de rabelho ;

Amor aos mólhos

Viemos à villa

Tem seu rigor.

Por ver o estrambelho

e outras coplas mais em seguimento desta, feitas para se
 cantadas em cèrta festividade.

(1) Eu vi nascer esta palavra ; e dar-lhe a significavaõ,
 que hoje tem, quem nunca aprendeu etimologias.

(2] Quiconque est riche est tout. Boileau Satyr.

A suspirada Amante. —

Já os dous Cidadões, a pôr-se em cóbro ;
O ricco, e o Pobre fõgem. Ambos levaõ...

Levaõ o que è só proprio,
Que com elles sempre anda,

E em que não tem poder tremor, nem fogo :
Léva ignorancia o Ricco, e o Pobre estudos. —

Com seu saber, proficuo em tal desastre,

O Pobre acha agasalho, acha respeito;

O Ricco, sem riqueza, acha ludibrio.



O D E.

Hic posuisse gaudet

HORAT. lib. i. Od. 34.

NEM sempre è cego o Numen da Fortuna

Nem do seu Templo d'Antio espalha a esmola

A bons, a ruins, a Sabios, a Ignorantes

As ditas, e as desditas.

Jãa tres (1) ou quatro, que eu distinguo, os premios

Outorgou do Saber, e da Virtude.

Hoje exallados luzem como estrellas]

Na sphaera dos diplomas.

Naõ te admires, Bezerra; eu sei que ao lado

Da Fortuna assistio; regeu a destra

Do Nume, que esses dons distribuia,

A provida Sapiencia.

Foi acaso (bem sei) que raras vezes

Dã a varia Deosa attento ouvido

A conselho de sabios, nem de Numes,

Despotica em seu Reino.

Mas esta vez as supplicas poderaõ

(1) D. Rodrigo. José Maria, Araujo, Bezerra.

Da Tutelar da Elysia; que ella olhasse
Pela honra, pelo bem do povo Luso,
Dando ao Merito os postos.

S O N E T T O

ao Senhor

Domingos Maximiano Torres.

Que Parîs, meu Alfeno! Que passeios!
Que ricos trajas! — Damas roçagantes!
Mesuras de primor! Risos amantes!
Cortezes, melindrosos galanteios!
Que theatros, de mil bellezas cheios!
Que jardins assejados, e elegantes!
Que sombras táticas, que os mui flagrantes
Furtos, cóbrem, de amantes devaneios!
Viva Parîs! — Aquî a Lyra ociosa
Porei, c' os louros, nos idosos dias
Abhorridos do Amor, da Formosura,
E escreva em baixo a Gratidaõ forçosa:
« Aqui Filinto, contra as tyrannias
Colheu abrigo, e na soidaõ doçura. »

O D E

*Haya 23 Dêzembro, de 1794, dia dos
meus annos.*

Tædet alieno vivere more.

Reges et dominos habere debet

Qui se non habet. — MART.

JA' me transborda pela bocca (1) o tédio (2)
De viver (nunca meu) na Caza de outrem;]
E algemando o meu gosto, seguir séstros
Alheios, e etiquétas (3).

Vivaõ em cêpos tâes aperreados

(1) Sic qui paupertatem veritus, potiore metallis
Libertate caret, dominum vehet improbus, atque
Serviet æternum, quia parvo nesciet uti.

(2) Tambem o Tedio dà despeito e chòlera, quando
o sangue lhe ferve, e pela bocca fumèga.

(3) Parver buffonnerie tai cose avante,
Ma l'adottar le lionine corti,

Os que nunca trilharão as veredas
De Honra, e de Estima; e sim, as da Lisonja,
Parasitos sem pejo.

Eu (bem que m'as cortou falsa Calumnia)
Batto o acanho das azas (1), tenho a mira
Sempre fita no aurifero (2) Futuro,
Independente, e livre.

Depondo entam os trajos constrangidos,
Vestirei largas roupas à Vontade,
Sem que outros cingidouros as estreitem,
Que os liames do Honesto (3),
Grilhoes se forja, Déspotas se appresta
Quem inerte prostrou o animo livre
Ante o Ricco, que doura (esperdiçado)
A aviltada perguiça.

E divennero gravi e sacrosante :
Due passi più o men lunghi, più o men corti
Un inchino talor più o men profundo
Capace é de mandar sossopra il mondo,
L'Abbate Cast. Cant. 3.

(1) De enterramento fizemos enterro, de acanhamento faz-se acanho.

(2) Se Deos quizer, e as almas sanctas, quando os meus bens me vièrem à mão.

(3) A verdadeira e genuina significação do honesto vem no primeiro livro dos Officios de Cicero.

C A R M E N .

Conscientia bene actæ vitæ multorumque benefactorum
recordatio jucundissima est. Sen.

AUREA tecta regum et
Aureos currus stupidum
 Vulgus et insolentes ,
 Luminibus retortis ,
Divitum spectans epulas
 Invidiâ macrescit :
 Talia possidentes
Jactat æquales superis
 Et vocitat Beatos.
 Sed Timor et Cupido
Sordidus subterlatitant ,
 Tabificusque Languor ;
 Aurea tecta vestesque
Aureas ; curæque graves
 Improba corda torquent,
 Integer atque purus
Rustico vivit melius
 Sub lare spretor auri
 Splendidus ; ille avaræ
Abstinens fraudis , vetitas
 Legibus odit artes :
 Ille dapes inemptas

TRADUCCAO

D A

Ode precedente.

DEFINHA-SE de inveja o Vulgo stupido
Se com torcidos olhos
Os côches, áscua de ouro, os aureos Paços
Dos Reis, ou vio as mesas
Insolentes dos ricos. Dá por emulos
Dos Divos quem tal lógra,
E Bemaventurados os pregôa.
Mas nesses aureos tectos,
Mas nesses tissûs de ouro anda encoberta
A sordida Cubica ;
E com o em-magrecido Enojo, os Sustos ;
E as improbas entranhas
Lhe atassalhaõ roazes Des-socegos :
Em quanto inteiro e puro
Desprezador de faustos vive esplendido
Na tôsca choça ; e quêdo
Se abstem da avara astucia, e dá de rôsto
A's manhas, que as eis vedão

Libèris mènsa in tenui
 Hospitibusque præbet ;
 At sibi parcus uni
 Solvit indulgens animum
 In miseros paternum,
 Labrica si fruendas
 Diva quas olim dederat
 Nuper opes ademit ;
 Non dolet aut gravatur
 Naufragis rebus , modicâ
 Sorte satis locuples.
 Quæ benefecit antehac
 Mente pertractat tacitus
 Et meminisse gaudet.

A. M. de C.

 AD FRANC. M A N O E L.

GALLICA cùm Latinæ
 Musa mentitur faciem et
 Ora sonosque Musæ ,
 Jure timet sibi que
 Parva dissidens , oculos
 Consultit erudilos ;
 Ne gravis et severus
 Censor informem reprobet
 Nec satis expolitam :
 Tu bonus hanc magistrâ
 Arte concinna , et nitidum
 Redde , vel abde cellâ.

sobria meza ; aos hospedes , aos filhos ,
Dá manjar não-comprado.
Parco comsigo sò, o animo espraya
Paternal e'os mendigos:
E se a lûbrica Deosa, a que lhe déra,
Riqueza, ora lhe rouba,
Na tenuidade ricco, não lhe pêna
Nem dóe, se os bens naufragaõ:
Callado recordando os bens que hà feito,
Co' essas lembranças folga.



S O N E T T O

A' S.^{ra} D. M. J. R. D.

MA L. quero serenar turvas saudades
Reclamo à idéia o teu gentil semblante ,
O niveo collo môrbido — a ondeante
Trança de ouro , prisaõ das liberdades ;
Os ôlhos , que avassallaõ Divindades ,
O namorado riso , e o ar fragrante
Da pudibunda bocca , que em amante
Ardor ateia as àvidas vontades.
Quam feliz quem de perto te enamora (1),

(1) Ille mi par esse Deo videtur ,
Ille , si fas est , superare Divos ,
Qui sedens identidem te
Spectat et audit

Dulce ridentem... Catul. Od. ad Lesbiam,
cuja ode è traducção d'uma de Sappho,
que Boileau traduzio tambem em fran-
cez.

Heureux qui près de toi etc.

Quem te vê bella, quem te está contino,
Ouvindo arrebatado a voz que adora!
Sò lembrar-me, que amor tam peregrino
Gozei, e os dons dessa alma encantadora,
Do ser mortal me despe, e sou divino.

C A R T A

Ao Snr. J. A. C. D. C.

Em que se falla da Opera de Paris.

SUPPOEM, Amigo, que és pastel vivente
Que estás no forno (1), e mil pasteis com-tigo;
Por lados, pelas costas, pelo embigo;
Que tanto è o apertaõ, e o ar tam quente!

Chama-se esta a Platéa, os Camarotes

(1) Era em Julho, e fazia uma calma que valia duas
almas, e meia. Abafava a gente na Caza da Opera.

São estuffas (de esguãos, e acanhados)

São taboletas de caroões pintados,

De ôccas trunfas, de aerios birimbotes.

Nem lhes cède o Peralta em atavios;

Trescala de perfumes. Entufadas (1)

Vão até à nuca as faces; traz pejudas

Cadeias (2) de soalhas, e assobios.

Lá, de instrumentos rompe a traquinada,

A quem a alcunha déraõ de *Overtura*;

Cada um quèr sò brilhar, da Obra não cura;

Com que dispara a musica em salsada.

No theatro, a gritar, cada um se incita,

E por mais que ouças, não comprehendes nada (3)

(1) Eraõ, mòda dous chouricos de cabello, que começando na raiz das faces, se iaõ reciprocamente beijar nas fraldas do toutiço.

(2) Outra moda, que annunciava a vinda do Peralta, pelos guizos do relógio, como os chocalhos malsinaõ as bestas de almoereve.

(3) Por mim o digo; que d'uma Opeia inteira (e era Castor e Pollux,) apenas pude colhêr seis, ou sette palavras de relanço. Consolei-me com tudo, quando Frane

Na platea desfecha uma assuada

A cada Actor, ou Dama, que entra — ou grita

É pasmo ouvir Madamas quarentonas (1)

Uyvar, com mômos, solfas turbulentas,

Le Gros (2) berrar, abrir vermelho as ventas

C'o braço nû, nos ares dar taponas (3).

Alli Diana, co' a madeixa sôlta

Ao Zephyro, traçada a sâya fina,

Corre traz Gamos, Tigres — desatina

Os Caës, co' a argentea trompa, em si revolta.

Mas, apenas entrou nos bastidores,

ceses mesmos me affirmaraõ, que se elles naõ soubessem a tal Opera de cõr, lhes succederia o mesmo que a mim: e traziaõ para abõno uma Copla (que me fez rir) tirada d'entre outras, que se fizeraõ à reforma dos dias sanctos, e diz assim :

Dans ce tems l'Eternel entra :

» Pourquoi (dit-il) qu'on se désole ! »

L'on croirait être a l'Opera,

L'on n'entend pas une parole.

(1) As que eu ouvi quando cheguei, à Paris tinhaõ 40 annos bem puxados.

(2) Certo musico de braços arregaçados, com cara de magarefe, que chama os bois para o mattadouro.

(3) Cousas, que sô quem as vio as poderã crer.

Gamos, Tigres investem co' a Diana (1);
Que deposto o carcáz , risonha , e humana
Se tòrna em caça , e a caça em Caçadores.

Vem Jupiter do Céu, c'o rayo acceso
(A l'èrta o ouvido ao som d'um assobio) (2)
Largar o estouro (3); — e mui pausado , e frio
Dar phrazes sem sabor , razoës sem pezo.

Neptuno (quem tal crêra) appolvilhado ,
Aquí soltos annèis , alli prendidos ,
Sahe dos mares humidos ; — e os fidos
Tritoës tiraõ o Carro não — molhado.

Naõ me esqueça , fallando de Neptuno ;

(1) Para qualque tramoya , ou mutaçãõ de scena , toccaõ os Mestres um sòlo de assobio , como no Bairro-alto, rua dos Condes , ect., etc. Cà e là màs fadas hà.

(2) E tam necessario que hoje nas Operas francezas uma rija rovoada , que se incumbem os Poètas , que trabalhãõ para esse theatro de metter (e às vezes bem à queima roupa) uma trovoada, pelo grande effeito que ella faz nos spectadores. Vistas , dansas , trovoës saõ os principaes ingredientes do Drama. Os versos e a Poesia è o menos importante.

(3) Lembre-me Deos em bem, — N'uma dessas Comp.

Dizer-te, que deixando as barbatanas,
Os Frizoës, com servilhas mui maganas
Dansavaõ passe-piès melhor que o Nuno (1).

Vi juntos, sem eclipse, o Sol, e a Lua
Conversarem a maõ desempachados,
E, às escuras o Mundo, os Céos parados,
Córre o Tempo, e de regra o Orbe jejúa.

As almas dos Elysios muito humanas,
Todas corpos de carne, e de appetite,

laçoës, que alagaõ Paris, e transbordaõ pelos Reinos estrangeiros, li algumas reflexoës parecidas com estas minhas. Acodio logo a minha Reputaçã pelo seu credito. « Muda aquí, risca allí, se naõ queres incorrer no plagiato. » — Mas a minha pachorrenta Perguiça lhe respondeu mui-mansamente; que naõ merecia o custo tam mesquinha bagatella, nem valia a tomha tam misera chinella: e que se, tal qual è, tinha algum geito, que lhe importava ao Leitor que fosse minha, ou fosse alheia? Alem de que naõ è esta a unica: muitas outras vaõ enxertadas na lista, que seria necessario refaze-las, ou dà-las por spurias. — Atraz tempos tempos vem. Tempo terei para tudo, se avida me naõ falta, e se o Leitor se naõ enfada,

(1) Certo Boticario Poeta, Mestre de dansa, Acade de e, e por fim de estudos Médico.

Dentro, e fóra da scena daõ convite
A's paixoẽs mãis golosas, mãis mundanaõs.

Simulachros de ingenua singeleza
De mansa condiçaõ, de honesta calma;
Tormentas furiosas erguem na alma,
Que ouro amansa, chovido com largueza.

O Palacio de Armida mui-formoso,
Todo de papèl pardo — n'um instante
Mil Duendes do Inferno flammejante
O queimaõ c'um fogacho strepitoso.

Dormia uma Pastora (sem ter somno),
E o seu mui terno esperdiçado amante
Pedia a Philomèla que não cante,
Que a não acòrde com algum tritono;

Em quanto elle (1), com voz de trovoada,
Os bambolins, e Céos daquela scena
Faz tremer, quando o canto desempena

(5) Servem de Almas na Opera de Castor e Pollux 200 rapariguinhas, mui galantinhas, enfeitadinhas, vestidinhas de branco (em signal de pureza e castidade) as quaes dansaõ, passeiaõ, em quanto esta scena dura, e saõ cousa mui donosa para a visita, e para outros sentidos mãis.

(1) O berrador *le Gros*

Da robusta, garganta arrepiada:

Naõ te digo as carrancas , e tregeitos
Que Homens , e Damas fazem quando cantaõ:
Choraõ crianças , que de as ver se espantaõ ;
E è forçoso calla-las com confeitos.

Estaõ longe do mimo , e da doçura
Com que o bom Metastasio , e o Péres brando
Os cantos , e as palavras animando ,
Se deraõ vida , alêm da sepultura.

Guadagni , Egizzielli (que saudade !)
Com que extasi escutei o sonoro
Canto vosso no Templo (1) magestoso ;
Que a Amor (2) ergueu Joseph (3) , e à Heroicidade.

(1) A Opera real de Lisboa , antes do terremoto.

(2) Todos sabem que as operas de Metastasio tem igualmente por objecto as virtudes dos Herões , e as finuras dos amantes.

(3) D. Joseph I. Rei de Portugal.



O D E

Dii me tuentur , Diis pietas mea
Et Musa cordi est : hinc tibi copia
Manabit ad plenum benigno
Ruris honorum opulenta cornu.

HORAT. lib. I. Od. 17.

DESLEAL Pensamento , que , hà tres lustros ,
Te cêvas de terrores ,
E còbras mòres forças mais temendo ; (I)
Que òra de amor às brazas

(I) Esta Ode foi offerecida a certo sugeito , de quem se promettiaõ grandes cousas os seus apaixonados ; mas as em-
tradas de Leão estaccaraõ em paradas de sendeiro. Como pois
Author celeberrimo deste século (cujo nome arranha certas
orelhas grandes) diga, que è permitido destecer o elogio que
se poz em cabeça des merecedora , aproveito me do con-
selho , e des-cazo a Ode mal - couvinda ; e ficarà d'ora
em diante *Naõ-cazada , naõ-viûva , nem freira.*

(I) *E più timendo maggior forza acquisti Las Cazas n'um
sonetto.*

Sòpras a cinza , as azas sacodindo ;
E a Lealdade ingenua
Picando com as púas de Ciûme,
Baralhas , alvorotas
Da dulcissima Venus o almo Imperio.
Jà enlutando iniquo
Os seyos da alma com pezado agouro ,
Em mágoas , prantos , sustos
Molhas da vida o malogrado fio,
Desaffronta me o peito
Onde o teu fêl (maligno !) derramaste :
Desce ao lôbreo Avèrno ,
A's lagrimosas margens do Acheronte ;
Onde escuro nasceste ,
Onde te fartes de ansias , de pavores.
Là , de mim longe , estende
Sem somno a noite , sem descanso os dias : —
Que en , cheio de esperanças ,
Abundantes por *** franqueadas ,
Quèro espancar os prantos
Trajados de amarguras , com que esta alma
Cingio feio cuidado.
Quèbro as cadeias de captivo-forro ,
Que cansado , e rugindo ,
Arrastei : — rasgo os lutos , que índá em torno
O Engenho en-negreciaõ :
Abro de par em par as tardas portas
A' fugida Alegria. — —

Entrai , branda Amizade , entrai , Prazeres !

O mea leal espirito

Alarga os braços , e a acolher-vos corre. — —

Que gentis sois ! que guapos !

Vòs sois a alma da vida. Vòs , do peito

Limpâes com maõ florîda

As nõdoas macilentas , que deixaraõ

Os Pezares ferrenhos.

Vòs dàes mãis pura luz ao claro dia :

Dourâes os toscos tectos

Das palhòças villans , e lhes dàes côres

Que engeitaõ desdenhosos

Emprestar aos Palacios arrogantes.

Dâes vivida saude.

Dâes todo o Bem ao mui-ditoso humano ,

Que honrâes c'o rosto vosso. — —

C'o desuso tam-longo acêrto apenas

(Absorto !) em conhecer-vos !

Suspirados Ausentes , abraçai-nos :

Bejai na branda face

A mimosa Marfisa , que inda sente

No paladar amargo

O resabio prolixo do Infortunio ,

Mai-devido às virtudes.

Ficai com-nosco , lèpida Alegria :

Ficai , doce Amizade ;

Debaixo deste còlmo sòem sempre

Vossa vòz , vosso riso.

Que eu farei , que aqui desça a acompanhar.vos
Co'a Lyra o louro Phèbo ,
C'o thyrsó folgazaõ o louro Baccho ;
E entre as Graças , e os Jocos
De quem nos deu descanso tal , o nome
Discantarão as Musas.



A M I Z A D E

a la moda.

F A B U L A.

U FANA a Laranjeira c'os dourados
Pômos , que entre a folhagem lustri-verde
Brilhavaõ pendurados ;
Com que ráyva de Inveja , e o preço perde
Toda a árvore em redor , em si dizia :
«Vedes vòs, como vem , mal nasce o dia :
Saúdar-me risonhos , e cortezes
Senhores , e Senhoras ? (1)
Quantas , e quantas vezes
Me vem acompanhar , nas frescas horas ;
Que o sol , descendo ao lucido horisonte ,

(1) Nesse sempo ainda as senhoras se erguiaõ cedo : ma
hoje , ainda ao meio dia estaõ na cama; almoçaõ à uma hora
jantaõ às seis , jogaõ até às duas da manhan ; e estaõ no prin
cipio de primeiro somno , quando o sol nasce.

Debruça pelo monte

Compridas sombras, e suaves cheiros ?

Entam de meus louvores ouço, em roda,

A devida harmonia — a tarde toda

Gabaõ meus fructos, no sabor primeiros. »

Mal que a desprio dos fructos

O Hynverno, com seus sopros desabridos,

Desfez-se a companhia : — os attributos

Tam-gabados telli, saõ esquecidos.

Que amigos, e louvores

De mèrito prestante

Vem co'a riqueza. — Vaõ-se c'os rigores

Da Fortuna inconstante.



FRAGMENTO.

QUEM esperou jamais, que a linda Castro,
Viva chamma, e delicias do seu Pedro,
De Avós Monarchas,
Do throno digna,
Formosa, e pura
Prendada por Minérva, e pelas Graças,
Cahisse em mãos de algôzes;
Innocente, e nos annos piedosos,
Que em vez de mórte, adoraçõs pediaõ?
Rége um braço fatal inevitavel,
Escondido de nós, nòssos succéssos:
Sabêr expérto,
Prudencia cauta,
E aguda vista
Naõ pòdem atalhar-lhe as cégas ordens;
Nem quebrar da cadeia
Um só fuzil, um aro, a que estaõ prezas,
Com nò forçoso, as nossas desventuras.

O D E.

Sicut Pictura Poesis. Horat. de art.

QUANDO, assentada no sublime Pindo,
C'os puros òlhos cércas
As maravilhas da alma Natureza,
Oh divina Poesia (1),
Com arrayadas roupas a Eloquencia
Vem sentar-se a teu lado,
E te brinda co' as jóias mais custosas
De seu caudal thesouro.
A Musica te embébe nos ouvidos
O dulcisono canto,

(1) La Poesie , selon M.^r Baumgarten , est un *discours parfaitement sensible*. Par ce mot *parfaitement* , la poesie se trouve distinguée de l'éloquence , où l'expression n'est pas si sensible que dans la poesie. Le moyen de rendre un discours sensible consiste à choisir des expressions qui fassent sentir la chose désignée plus distinctement qu'elles ne font sentir le signe même. Par là l'exposition devient animée , et

Méde as vózes, os mélicos te ajusta
 Altívos devaneios.

Tambem désce do Olympto, em branca nuvem
 Urania, que se cobre

C'o largo manto azul, entretecido,
 De fulgidas estrellas:

Com élla vem alados Pensamentos,
 Trazendo em coffres de ouro
 Profundos cabedães de improbo estudo,
 Aos Céos, à Terra, aos Mares,
 Pela aguda, tenáz Philosophia,
 Com fadiga arrancados.

Que nóvos Campos de risonha mésse
 Se descóbrem, se enfeitã
 Ao lume perspicáz da tua vista!
 Nóvos Sóes, nóvos Mundos,
 Povoados de incógnitos portentos
 A' conquista se off'recem
 Do teu pincél ousado! Agóra juntos
 Tens todos teus podêres.
 Agóra, já te inspira activa chamma;
 Vás empregando as côres

les objets désignés sont comme immédiatement représentés
 à nos sens. C'est par cette maxime générale qu'il faut juger le
 mérite des images poétiques, des métaphores, des descriptions
 et même des termes poétiques individuels.

Rapports des beaux arts et des belles lettres.

Nos debuxados rasgos do Orbe augusto.

Empinadas montanhas,

Que das nuvens, dos astros são columnas ;

Ou rios caudalosos,

Imagens da perenne Eternidade,

De inesgotavel urna,

Ondas, sobre ondas desatando a fio ;

Robustos arvoredos,

Abrigo de animaes, soberba coma

Da encósta vecejante,

De multi-cor bonina matizada.

Ou já, se aos semideoses

Voltas a mão, de arduo pincél armada,

Para Ti se abrem francas

Da Fama honrosa as pórtas bipatentes,

Alli padraõ glorioso

Poens por alvo ao valor caro e proficuo ;

Alli o primor da arte

Apurando no Heróe de ínclyto peito,

Lhe disféres o braço,

Com que decépa as pullullantes frentes

Do multi-forme vicio. —

Sim ; agóra, sublime e clara Déa

Que finges no alto quadro

Effigies immortaes, com que as virtudes

Dos Heróes mais prestantes

Sálvas do pégo do Acheronté avaro ;

Agóra te insto affouto

Designes de **** (1) o peito nobre
Vaso de saõs costumes,
A mãõ bizàrra, o espirito penetrante,
Gosto reflexo, e puro.
Esta dàdiva affavel t'a merece
A Lyra ingénua, e gra'a.

(1) Nisto de elogios a Moças e a Fidalgos hà pouco q
fiar nos encarecimentos dos Poétas. E com effeito o Fidal
a quem o Author dedicara esta ode, antes de bem o comb
cer, a merecia tam pouco, que Filinto lhe apagou o no
no titulo della.

Nota do Editor.



O D E

Ao Doutor

Antonio Ribeiro Sanches.

Sunt verba et voces , quibus hunc lenire dolorem
possis et magnam morbi depellere partem.

HOR. lib. Epis. 1.

QUANDO já transpozémos as balisas
Do Estiô das paixoês, e a alma cansada
Do vòrtice azougado , pède ao sangue
Consentido reponso :

Entam desce dos Ceos em branca nuvem
A Divina Amizade: e traz com-sigo
Os saôs Prazeres, sazonado fructo
Das virtudes amenas.

Feliz , o que no seyo já n aduro
A agasalha prudente ; esse enthesoura
Riquezas , que naõ rouba a sorte iniqua,
Nem o tempo desfalca.

Contra as lanças da séva Aversidade
Triplicado broquèl , mais que aço duro,

A Amizade lhe oppoem , em que despontaõ ,
Ou ao menos resvalaõ.

Mas tu , sancta Amizade , quanto es rara !

Quam-poucos dignas de teu almo riso !

Nes fundos penetrâes da terra se achaõ

Mâis presto os diamantes.

Sò peitos puros de lizura ornados

Ameigas melindrosa. Em tuas aras

Feliz já puz agradecido incenso

Em dias — mâis serenos.

Tambem já pendurei pelas paredes

De teu sagrado templo alegres votos

De lembrados amigos , que salvaraõ

A vida de Filinto.

Hoje , que em negras nuvens ruin Fado

Graniza sobre mim penas , desditas ;

Hoje que a Ausencia aponta ao peito as flechas

De enfadonha saudade ;

No manto da Amizade me recólho ,

Com suas brandas mãos os òlhos cubro ,

Por não vêr desfrechar de irados arcos

Des-merecidos gòlpes.

Como faz a Donzella pavorosa ,

Quando o Pòlo se accende com relampagos ,

Da Mãe no seyo esconde a face , a vista ,

E , com a vista , o susto.

Tu viste , oh Sanches , cruentar as Parcas

As tezouras nos fios dos Amigos ;

Mas um sacrario ainda te resêrvas

A Láchesis vedado.

Tu com Socrates pòdes , com Aurelio

Adoçar as mordazes amarguras ,

Que os Deoses (quasi digo que invejosos)

Te enviaõ pelo Tempo.

Nada a Molestia , nada as cruas Pêrdas

Podem curvar uma alma que se arrima

Ao pedestal robusto da agradavel

Leitura , que varia.



S O N E T T O.

M O T T E.

De Amor affronto a feya tempestade.

G L O S S A.

Q U A L no horror da tormenta o Marinheiro,
Do lenho naufragante ao mar se lança;
E nũ, co' as ondas verdes lotta, e cança,
Debruçado no trémulo madeiro:
Se lasso o arroja a tẽrra um sobranceiro
Grosso rôlo do mar, co' a praya avança,
Beja o piedoso chaõ; jura, á bonança
Naõ mais dár fé, do pélago embusteiro.
Eu já lutei assim de Amor nos mares;
Assim prometti já naõ mais sulca-los,
E assim pendurei táboa (1) á Liberdade. —
Eis que hoje sacrificio em teus altares:
Vejo os negrumes, vou exprimenta-los;
— De Amor affronto a feya tempestade. —

(1) — — — Me tabula sacer
Votiva paries indicat uvida
Suspendisse potenti
Vestimenta maris Deo.

MADRIGAL

PÉZA esses corações (1) néssa balança
 (Que o meu e o teu figuraõ)
Nossa ausencia lhes pôz na côr mudança ;
Por qué penas as côres desfiguraõ :
Ou tanto os demorou em vivo fogo,
 Que de muito abracados
 (Pelos naõ tirar lógo
Da forja o Amor) saõ negros de queimados ;
 Ou tambem por querer
Que até na côr se mostrem seus captivos.
Tu pelo pézo pòdes conhecer
Qual , no amar, fógos sòffre mais activos.

EPIGRAMMA.

SE aos homens se mostrasse toda nua ,
(Diz Plataõ) a Virtude — encantaria.
Em muitos a vi eu bem nua e crua ,
E em vez de encanto dava zombaria.

(1) Dous corações de azeviche , e umas balanças da mesma
qualidade , mandadas da romagem da Nazareth.

O D E.

Illum aget penna metuente solvi
Fama superstes.

HORAT. lib. 2. Od. 2.

QUE não póde a Virtude, quando inflamma
Inclyto peito de prosapia illustre,
Qual na aurora do Imperio valoroso,
Já tinha claro nome ?

Se léva pela mão o seu Alumno,
Aos íngremes rochêdos escaçados
Onde assentou aspérrima o seu Templo

A cortejada Fama :

Lhana, aprazivel lhe figura a estrada,
Risonha a encosta do empinado monte,
E patentes as pórtas, a seus gòlpes,
A entrada lhe franqueaõ.

Já sonòro clarim, com dobre alento
Abála o Templo, o peristillo tréme,
E re-sôa do Heróe o appellido
Nos estranhados ares.

Com insignias honrosas o decóra,

Grato ao Monarcha, dos iguáes invéja,
Assombro, emulaçãõ dos virtuosos ,
Os Póvos daõ applausos.

Nomeia, oh Musa, esse homem mais que humano,
Tam cháro aos Portuguezes, aos estranhos ,
Tam cháro às lettras, raro esmalte
Das almas bem-nascidas.

Consagra nos teus versos sem lisonja
O nome de ****, poem modelo
Aos que meneiaõ nas difliceis Cortes
O Caduceo sobrano.



C A I X A

De nova invenção.

Nec minus ipsa meas prodebant somnia curas,
Somnia secreti non bene fida mei.

CORNEL. Gall.

SONHEI, que à tarde, n'um calmoso dia,
Sentado à porta do meu póbre alvérgue,
Tomando o fresco à sombra da parreira,
Que me faz verde alpendre buliçoso,
Via chegar um venerando velho
De trajo não-commum, que me saúda,
Junto de mim se assenta, e com amena
E divertida practica experiente
Até fechada a noite me entretém.
Convido-o c'ò agasalho do tugurio,
C'os fructos do vergel compoaho a meza,
Dou-lhe um leito, despeço-me estranhado
Do muito que lhe ouvi raro e profundo.
Na manhan do outro dia me agradece
O acolhimento, e me insta que lhe aceite
Um parco dom de gratidaõ sincéra.

Arredado que fôra da pouzada,
 Fui, curioso, ver o dom que deixa.—
 Vi uma Caixa de arte primorosa
 De labores antigos. — Mal que, abérta
 Com pouco custo; — ao disparar da vista,
 Dou c'um retrato.... móve-se a pintura,
 Vai pouco a pouco... (1) Oh pas no! oh maravilha!
 Avultando em figura. A Caixa mêsma,
 Em molle cama de nevada alvura
 Se convertia, quasi sem que os ólhos
 Dêsem fê da mudança mal-sentida.
 Tambem se alça, e transfôrma a bem-lavrada
 Cobertura da Caixa e já disfére
 Cortinas, sobrecéo; este em sanéfas,
 Aquellas em festoês, em apanhados,
 Com franjas, com cordoês, com borlas de ouro,
 Sustinhaõ pavelhaõ gracioso e ricco,
 Consagrado ao prazer, à formosura
 Que, estendida no leito, figurava
 Ter dado à mórbida attitude as côres
 Do Albano à Venus: Eis sorrindo terna...
 Aquí ponho balisas; que não cãbem
 No papél os remates do tal sonho.

(1) Salva mihi veterum maneat dum regula morum,

Ludat permixtis seria Musa jocos. AUSON.

SONETTO.

EMBÓRA venha a Ausencia despiada
Encubrir-te a meus òlhos saudosos,
E os meus tristes suspiros amorosos
Léve apòz de teu gésto, oh Marcia amada:
Embòra a meu constante amor roubada,
Te cinjaõ tristes Argos odiosos;
Rondaráõ meus afféctos extremosos
Os umbrâes, em que vivas encerrada.
Se és firme à minha fé estremecida,
Da Ausencia zombo, e da violenta Morte.
Tam fino amor termo não tem co' a vida!
Nem com todo o podêr, é dado à Sorte
Tirar-te d'onde estás na alma sculpida
Por mão d'um Deos, dos Deoses o mais forte.

D E Z E J O.

d'um Peccador piranga. (*).

QUEM me dera ser Rei, ou ser Rainha,

Para de todos ser lisonjeado;

E, depois de peccar muito folgado

De gostos recheada Ladainha,

Ir peregrino a Roma em sége guapa

Agarrar meu perdaõ aos pés do Pápa.

Ir (digo) a Roma, velho,

Incapaz de peccar, já vélho e rélho:

E havido um Parayzo neste mundo,

Ir no Céu agarrar inda um segundo.

(*) Já alguns Censores estranharão estas ninharias, e outras mais, aconsoantadas, entremettidas com Odes de cu-tiliquê; a quem logo respondi com este retruque, por mim ouvido muitas vezes da bocca do seu Author Filinto Elysio: " *Quem há hi, que possa sem distracção, ou sem cansaço de animo ler 4 Odes a fio, ou já suas, ou estranhas?* Eu creio que elle de proposito entresachava estas drogas, para dar pasto a differentes paladares. Nem todos se amam

O D E

Nec Læstrigonia Bacchus in amphora
Languescit mihi. HOR. lib. 3. 19.

QUE dia tam feliz me fora o de hoje,
Se eu podésse contente celebra-lo
No honrado grémio, na festiva meza
De Araújo, e de Britto ! (1)

há bem com altisonos disparates. Odes de Horacio, Dithyrambos de Pindaro são Apocalypses para muita gente (não digo de soutaina e béca ; mas . . . Leitores há que achão mais pico n'um Enigma , que em uma Ode. A variedade, Senhores , é o grande segredo do desfastio. Não achão Poesia nessas burundaugas de Filinto ; mas acharão ordinariamente linguagem não mestiça ; que não é peguena prenda nesta éras de çafado Gallicismo.

Nota do Editor.

(1) — — — Anima , quales neque candidiores
Terra tulit , neque queis me sit devinctior alter.

HOR. lib. 1. Satyr. 5.

C'um christal de dourada Malvasia,
 Retinindo arrayado nos dous côpos
 Dos bizarros amigos, empinara
 Poéticos alentos.

Vira lôgo ante mim Linceos malhados
 Tirar pujantes, pelo campo abêr'o,
 O Carro triumphal, em que nas Indias
 Conquistador entrara.

O magnanimo Baccho, sobraçando
 Do mosqueado Tigre a hirsuta pelle;
 E a risonha Ariadna, (1) já depostas
 Saudades de Theseo,

(1) Dêmos satisfação a certos delambidos, que em tudo que não é prosa corrente achão hyperbatos, e para elles hyperbatos são erros de grammatica. Venha primeiro Quiniliano que no livro 8, cap. 5, diz assim: "Hyperbaton quoque, id est verbi transgressionem, quam frequenter ratio compositionis et decor poscit, non immerito inter virrutes habemus. Fit enim frequentissime aspera et dissonata et hians oratio, si ad necessitatem ordinis sui verba redigantur, et ut quæque oritur, ita proximis alligetur. Differenda igitur quædam ac præsumenda, ut in structura lapidum impolitorum, loco quo convenit quidque ponendum. Nec aliud potest sermonem facere numerosum, quam opportuna ordinis mutatio.

Venha depois o Abbade Batteux, que no seus *Principes de*

Lançando-lhe ao pescosso pampinoso
O torneado braço, com meneio
De amoroso semblante, estar pedindo
Da pérfida Ilha os bejos.

Mas, pois desdenha a Malvasia as cazas
Dos Poétas — com tavernal surrapa
Seus nomes banharei. Por ora aquiétem-se
Os Bacchos, as Ariadnas.

Littérature, segue o mesmo dictame, dizendo :

Car l'hyperbate, dans toute langue où elle est figure,
doit, ce me semble, être le renversement de l'ordre usité
dans cette même langue. On ne l'emploie, que pour frapper
l'attention et réveiller l'esprit par une nouveauté.

S O N E T T O

Aos annos.

Da S.^a D. M. J. R. D.

M O T T E

Dança-se muito , canta-se à porfia (1).

G L O S S A.

ESTE Cèdro, que à pórtã da Cabana
Vês erguer a cabêça alta e frondosa,
É dedicado a Marcia , a mais airosa,
A mais fiél, a mais gentil Serrana.
E os que em látada , alli , de limpa canna
Còraõ , entre os jasmĩns , botoês de rosa,
Vassallos saõ desta arvore ditosa,
Que rendem culto à sua Soberana.

(1) Estas palavras , que no Concerto , que para festejar
seus annos nesse dia , alguẽm pronunciou acazo , tomou-as
o author por motte deste sonetto extemporaneo.

Todos os annos, com festoẽs de flores
Seus ramos rindo estaõ neste almo dia,
Que vio a luz do Sol os meus Amores.
Em seu louvor, nas taças da Alegria
Brindo co' estas Serranas, e Pastores,
Dança-se muito, e canta-se à porfia.



L Y R A S.

A P O L L O , quando a mim desce do Pindo ,
Co' a luz, que me allumia,
Mette na ideia o dia
Que as sombras da Ignorancia vai ferindo.

Cupido, quando a mim vem de Cythera
Mette o Prazer no peito;
Meu coração desfeito
Em liquida afeição, no amar se esméra.

Dos mais Deoses esqueço o Nume esquivo;
Dê Juno aos seus Grandezas,
Dê Pluto aos seus Riquezas;
Que eu com Apollo, e Amor ditoso vivo.

O D E

Tale facis carmen docta testudine, quale
Cynthius impositis temperat articulis.

Propert. lib. Eleg. 34.

O que déve entre os homens, entre os Nomes
Ter inelyto renome,
Logo ao nascer, em seu semblante ingénuo
Apollo lhe bafeja
Divino sôpro de arrojados brios.
Naõ temas que fraqueie
Aos duros golpes da Fortuna adversa :
Antes, qual rija palma,
Levanta as ramas, que accurvara o pêzo,
Recem-nascido as Musas
C' os Cantos de Virgilio te embalaraõ,
E junto de teu berço
Por Aya te pozêraõ a Harmonia. (1)

(1) A Harmonia naõ a tomavaõ os antigos Poetas no sentido musical somente, mas symbolizavaõ por ella a Phi

As' vizinhas florésta;

Os louros do Parnasso transplantaraç.

A clara Caballina,

As doudas ondas do vocal Permesseo

Banhavaõ tuas veigas.

Atè Urania Venus, (1) (cortejando-a

Os fieis Companheiros

Da ditosa immortal Sabedoria)

Assentou là seu Templo ;

E brandos Zephyros , batendo as azas

Perfumadas de flores

Tomou por Mensageiros , que a ***

Levassem com disvello

Os gomos das virtudes, e em seu peito,

Como em jardim viçoso

As plantassem. Tães saõ as que hoje vêmos

Em Ti tam bem medradas.


osophia , que introduz na alma a formosa consonancia das
virtudes unidas, que reprimem o tumulto das paixões.

(1) Venus Urania não è a Mãe dos desregrados affectos ;
nascidos para infortunio dos mortaes ; è a Mãe da sapiencia ,
que com suas authorisadas liçoês faz abrolhar no peito toda
boa disciplina : com o nome de Musa lhe devolveraõ os
poetas o conhecimento dos orbes Celestes. Como Venus
Urania teve o seu primeiro templo ; e como tal , e como

Quiz que tam pura se desate, e corra
Tua clara facundia,
Como passa o ribeiro transparente
Sobre a dourada arêya ;
E teus versos tam meigos, tam suaves ,
Fossem dignos de Apollo.
Se me igualasse co'a vontade o engenho,
Oh quanto eu te emulàra !
Oh quanto a ter por mim mãis cêrta a Clio
Te louvara em meus versos !
Mas melhor Clio tens em teus Poemas ,
Melhor Flacco te louva.

omnipotente Senhora do universo , a invoca Lucrecio
quando diz no livro primeiro :

„ Quæ quoniam rerum naturam sola gubernas. ”



S O N E T T O.

QUEM visse andar Cupidos estendendo
 Esmaltada alcatifa pelo prado,
 Uns dando ao ar perfume delicado,
 Outros c' roas nas arvores prendendo :
 Este afirando, aquelles apprendendo,
 Um canta, outro se arréda, e retirado,
 No chaõ um joélho, e o outro levantado
 Brandos versos na areya está screvendo. . . .
 Eis do aureo càrro nitida se apeia
 Entre danças das Graças e Prazères. . . .
 Quem não dirà que è a bélla Cythereia?
 É Nize, que honrar vem Pomona e Céres,
 Nize, que o Deos, que os Deoses senhoreia,
 E Venus bella ornou de seus podêres. (1)

(1) Post Helenam hæc terris forma secunda redit.

Propert. lib. 2. Eleg. 3.

F A L L A

D E P I G N O T T I

A' sombra di Pope.

———— A P P L A ' C A , oh Vate,
 O enfado applàca, e nesta altiva empreza
 Dá-me auxilio, e favor. — Ah! se a miúdo
 Senti ao som de teus sublimes versos
 Pelo peito correr tremor suáve,
 Que nos sensiveis ànimos dispérta
 A harmonia de Pindo; e se os abálos
 Que outrora te agitaraõ, quando as bellas
 Imagens, que ante os olhos te surgiaõ,
 Tanto na alma me entravaõ, que tremia,
 Como acòde co' a unisona harmonia,
 Tréme, e re-soá a naõ-toccada chórda,
 Ao tremôr da vibrada companheira. —
 Se o vòo teu seguindo, tinha a vista
 No portento do ardor, com que rompías
 Pela nevoa dos Fados. — Se maviosos
 Prantos verti sobre as amargas nótas
 Da affligida Eloysa, quando pugna

Contra os sentidos seus alvorotados ;
Dos Céos, do Mundo rebatida vaga ;
Qual baixel contrastado do Austro e Nóto,
Ao Céo severo offréce incértos vótos ,
E entre o Amante, e entre Deos pende perpléxi.
Emprésta-me em tal ancia , oh Vate egregio
A lyra tua , que em silencio amigo ,
Pende , armada de chórdas sonoras.



S O N E T T O.

Q U A L corrente de lympha cristallina
Dos alpestres rochêdos debruçada,
Beja a rayz á fâya levantada,
Salpîca a folha á rosa purpurina :
Ja, rasgando em meandros a Campina ;
Ora fôge, óra vólta , óra abraçada
Có pè do tronco amante , remansada
Se demôra ; que Amor assim lho ensina :
Tal désce a minha Marcia aquelle outeiro,
Mais candida , que a spuma da corrente,
Vindo a Filinto, seu amor primeiro ;
E òra esquiva , óra meiga , me consente,
Ou néga um bejo, um furto aventureiro,
Reclinada em meus braços brandamente.

O D E.

Huc vina et unguenta et nimium breves

Flores amenæ ferre jube rosæ

Dum res et ætas et sororum

Fila trium patiuntur atra.

HORAT. lib. 2 Od. 3.

AGÓRA, que curvadas as videiras
C'os rôxos cãchos staõ, c'os cãchos louros;
Cólhe, oh Mancebo, adórna-me ésta meza
C'os dons do acceso Baccho.
Cólhe as lizas maçãs envergonhadas,
Os felpudos marmélos, rôtos figos,
A fresca melancía assucarada,
O melaõ bem-cheiroso.
Em quanto o hirsuto Nauta verde-negro
Da barca nos não brada, e cuida em pôr-nos
Nas escuras pouzadas, onde nunca
Se empina ò ruyvo néctar :
Enche as taças, corôa-mas de flores ;
Embórca pela meza (não me enfado)
A cervêja espumante, o verde vinho.

Entórnas?... Bom agouro (1)
 Hoje quero brindar ao meu Sacchêtti.
 Hoje faz annos, que nos foi cedido,
 Merecedor de vir nos tempos de ouro,
 Nascido nos de ferro.
 Sacchêtti, o bom Sacchêtti, Juiz récto
 Que o animo insubornavel não entórta
 A lisonjas, a rogos, a promessas
 Quando reparte o bôlo (2).

(1) Dizem as nossas Vêlhas que o vinho entornado é agouro de festa, e de alegria; como o é de perda de desgraça o derramado sal na meza. Estas boas superstições lhes vem de Mouros e Judeos; com muitas que fora longo referir, e mais longo ainda de arrancar. Mata gente que ata cravatta lavada cahe nellas. Tanta comichão lavrou sempre na vontade de saber o que não é de adivinhar!

(2) Era cousa muito para edificar, o innocente divertimento de quatro pessoas estudiosas, que sahiao a espreitar, e passeando repassavaõ seus estudos, conversando, e instruindo-se, e com proveito. Compravaõ para a merenda um bôlo em S.^{ta} Martha, e iaõ comê-lo no campo. Alli éra para vêr a singeleza de seus animos contentes, accomodando à circumstancia dictos, e historiettas engraçadas, largando todas as vélas à Eloquência jovial, para peitarem o Juiz, e terem mais avultado que não. Os quatro ingenuos sujeitos eraõ Sacchetti, Roberto Nunes, Sebastião Barroco, e Francisco Maaol.

Nota do Editor,

S O N E T T O.

Tu não ouviste, Amor, na despedida,
Como Delmira ser fiél me jura?

Que protéstos! que fé constante e purá
Me não prométte aquella fementida!

Tu viste os prantos, viste a côr perdida;
Soluçar, desmaiar de ancia e ternura;
Segurar, que inda alem da sepultura,
Leál me guardaria a fé devida.

Do Céu (dizia) o lume fulminante,

» A vida, a indigna vida, sem piedade

» Me consuma, se falto a ser constante.»

Ah! pasma, Amor, da torpe deslealdade!

Vem. Vê Delmira em braços d'outro Amante.

Vem. Apprende esta nova falsidade (1)!

(1) Hoc unum didicit fœmina semper opus.

PROPERT. lib. 2. Ely. 4.

E P I G R A M M A.

QUANDO vejo um Quintilio virtuoso
Tam pòbre e desvalido ;
Quintilio que perdeu o premio honroso
Da virtude, a tal custo merecido ; —
E que vejo abundar dobroës a rodo
Em caza do vil Menas ;
Chover as honras, e a Lisonja ; em modo
Que as espàduas lhe accurvaõ, de pequenas ;
De formadas de fragil baixo lodo ;
En com despeito forte
Digo entre mim a miude ;
» Isto é querer a Sòrte
» Dar pérros à virtude. »

O D E

*EM 23 de Dezembro de 1792, dia
dos meus annos.*

E' la vîta appunto um fiore
Da goderne in un sul matino ;
Sorge vago , ma vicino
A quel sorgere é il cader.

METASTAS.

NÉSTA rápida via, que corrêmos
Com mal-abertos ólhos ;
Acertamos por tino raras vêzes
Co' a constante Ventura ;
Que a Natureza a todos deparara :
Mas mil nos transviamos ,
E em vêz da Dita, dâmos c' o Despenho,
Este de fama avaro
Arrosta hervadas lanças, e pelouros ;
Ou, duro, não reccia
De Eolo a sanha nas cavâdas ondas.
Outro os degraos sanguentos

Piza arrogante, tropeçando impio
 No corpo do Visir,
 Que desce de rondaõ decapitado.
 Busca thesouro aquelle
 No Sérro-frio, entre áridos penhascos
 Precipitando a vida.
 Surdos todos às vózes da Verdade,
 Que nós ouvidos trôa :
 » Hómens, vòs todos sois lanço da Mòrte ;
 » E entre vòs nenhum sabe
 » Se do crástino Sòl o rayo puro
 » Lhe hade banhar a vista. »
 Gravou-o assim o Fado em bronzeas folhas.
 A mim fio mais curto
 Dobou a Pàrca, a Ti de ouro comprido ; (1)
 Mas ambos ignorantes
 Do termo a que se estende o estãme nosso.
 » Apprendei, sérios, dóceis
 » A màxima immortal de ser felices ;
 » E a que no Olympto sacro
 » Em perenne alegria entranha os Numes.
 » Gozai almos prazêres
 » Do doce nectar, de Cupido meigo.
 » Ponderai, que è só vòsso
 » Este momento, o résto è da Fortuna.

(1) Et mihi forsàn , tibi quòd negarit
 Porriget hora, Horat. lib. Od. 16.

- » Os prantos, as tristezas
» Os sustos do Futuro espavorido
» Com duro cadeado
» Cerrai nas còvas do profundo Olvido :
» Colhei a flor sòmente
» Da colorada veiga dos succéssos.
» Sem toccar nas espinhas
» Da muda Reflexaõ consumidora.
» Bebei suave alento
» Da aura cheirosa dos jardins de Idalia ;
» Lavai o Esprito inquieto
» Nos tanques de Lico bordi-spumantes.
» E quando em altos marcs
» Soprar furioso o vento do Infortunio,
» Coroai-vos de rósas,
» Que amansaõ as procéllas, ou lhe encobrem
» Os amaréllos sustos :
» Erguei aos Numes as Canções prezadas,
» Libai com roxo sumo
» Neptuno e Eolo ; o Zéphyro macio
» Infunará as vélas,
» E entre empinados retinnidos brindes
» Entrareis pela barra.»
-

S O N E T T O.

Q U E escura sombra os ólhos te entristece,
Do affadigado peito remettida?
Vérte-a, meu Bem, nesta alma à tua unida; —
Míngua a dôr, se em dous peitos se padece!
Quando a turvada Cheia em forças crêsce,
Do ameaçador estrago intumescida,
Se o Lavrador a còrta, repartida
Os ameaços québra, e desfalece.
Naõ mais me tenhas a alma suffocada;
Que é mór a dôr, qual t'a suspeito agóra,
Do que hade ser, em mim depositada.
Naõ cresças o pezar a quem te adora.
Assaz lhe dõe, oh Marcia, a sétta hervada,
Que o Ciûme arrojou com maõ traidora.



D E S C R I P Ç A O .

O H Céos, quanto aprazível sitio é este (1)!
 E quanto este alto plátano copado
 Sólta prazer à vista! Não encanta
 Co'as verdes fôlhas sò, que ao longe estende,
 Nem com a magestosa, alçada fronte;
 Mas de flores se véste e de perfume (2).
 Quem das límpidas águas se não lógra :
 Tam frescas desta fonte, e tam ligeiras?
 Das offrendas, que as margens lhe povoaõ,
 Cólho, que è sácrã às Nymphas, e a Achelôo.
 Sentis, quam meigo Zéphyro recreia
 Este ar, que se respira, entrelaçando
 Sua frescura ao canto harmonioso?
 Mas, tu, mais c'rôas deste sitio a graça,
 Tu, relvoso verdôr, que a Natureza

(1) Esta descripção vem no Phedro de Platóo, e este Plátano, à sombra do qual Socrates tam profundamente discorria, è o mesmo de que Cicero faz menção nos Dialogos do Orador, lib. 1. (pag. mihi) &c.

(2) De perfumadas flores = figura trivial nos Clássicos.

Lançon á'rosa pela encòs'a amena
 Deste combro, que p'acido convida
 A recòsto, e repouso os passageiros.

O D E

*EM 23 de Dezembro de 1795, dia
 dos meus annos.*

Sit meæ sedes (utinam !) Senectæ,

Sit modus lasso maris et viarum.

HORAT. lib. I. Od. 5

Nã quiz o Fado meu inda outorgar-me
 Um viver a meu modo; um quintalzinho,
 Uma cãza modèsta, e pouca renda,
 Que eu pòssa chamar *minha* (1).

Que là me pòssa erguer ao meio dia,
 A' meia noite — a bel prazer — e em ròda

(1) Etiquetta vem etymologicamente de Hécticos, ou Thysicos. Nada há mais Héctico, ou Thysico que o ma-
 to, e as fallas da Etiquetta,

D'uma mêza frugal vêr dous amigos

Co' as suas duas Chlôris.

Entam, vasando um cópo... e inda outro cópo

A' saúde do bem — dançante Olindo,

Brindaremos Marfisas, Dulcinéas,

Descarregando em Britto.

Lógo a affouta Alegria, desatando

Os nós do pundonor, e da etiquetta (1)

Virá dar um bellisco ao bom gracejo,

Ao jovial sorriso.

E abeborado em gáudio pachorrento,

O bom Filinto lançará a Horacio (2)

Risonhos ôlhos, a pedir-lhe vénia

Para entoar uma Ode.

(1) Petit bien qui ne doive rien,

Petit jardin, petite table,

Petit minois qui m'aime bien,

Sont pour moi chose délectable.

Pannard.

(2) Sim, Senhores, que da Statua de Horacio que'stá em Roma tirou *le Moine* uma pintura, que eu possuo, e a tenho penduradinha ao pé do espelho, para no meu Venusino me revêr a toda a hõra; no Horacio (digo) e não no espelho; que de mui tenros annos soube que era feio, e desde entam foi o espelho traste inutil para mim.

S O N E T T O

T R A D U Z I D O .

FÓGE a Amor : que seu mimo venenoso
 Causa , oh Nize , por fim acérbas dores (1) ;
 É sérpe occulta entre engraçadas flores ,
 Taça de flammas , jogo caviloso .
 Prazer bréve , que dà pezar moroso ,
 Jardim regado a fio de amargores ,
 Matta escura de atalhos burladores ,
 Que em paradeiro dão precipitoso .
 É labyrintho em que a Razaõ se enleia ,
 Fructo que engana com mortal doçura ,
 Brando jugo , que accurva mal-cuidado .
 Campa de infortunosos vivos cheia ;

(1) Não me lembrei , que allegando as Academias antigas como a dos Occultos , Enfarinhados etc. etc. chama o Zuniga contra os *simucadentes* , *simulsoantes* e *lunares* . Foi grão descuido . Que remedio agora ? Emendar o Sonetto ? Péde isso muito tempo , e trabalho . Deixa-lo ir . Algum Zuniga virá depois de mim , que faça

Inférno em fim de tanta desventura;
Que nem do Olyvido o río lhe foi dado.

a este Sonetto , e a outras obras mais o que elle fez a um Poema feito na India , cujo manuscripto elle estragou inteiramente , descompondo-lhe todas as Outtavas , para as limpar da peccante *simulsoancia* ec. etc. etc.



O TEMPLO

D O

E D E S T I N O.

LONGE do Pólo, onde as tormentas bramaõ
E além do Sól, além do Firmamento,
 Sobre o Abyssmo tragador dos séculos
 Se érgue, e sustenta um temeroso Alcàçar
 Chapeado de triple bronze em torno:
 Quando as pórtas nos buídos eixos rugem
 Rebrama o interior; e os abicesses
 Mandaõ ôcco rimbombo às furnas do Orco.
 Incenso humedecido em nosso pranto,
 Intimas préces, vótos, mágoas, queixas,
 Vapôres saõ que estaõ subindo sempre
 Aos cercos dêsse inexorado Alcàçar,
 E que em róda, arquejando, se esvaêcem.
 Surdo à dôr, ao pezár, esse contorno
 Véda entrada ao clamor, inda avultado
 Com ecchos repetidos. Nunca o Nume
 Ouvio um sò: que no ar, que os muros córre
 Do bronzeo Templo, embaçaõ, frios gélaõ.
 N'um quadro lhe relúz de aço burnido,

Em longo trácto a face do Futuro.

Móve co' a esquerda firme o instavel eixo

Das Estaçoës , co' a dextra desentranha

Da Urna que vólve , as sórtes dos succéssos.

Jáz retirado o throno do Destino

Em recôncava abôbada faiscante ;

Com rayas , com balizas inaccessas

A todo o ímpeto e pòsses dos humanos.

Gráve , immóvel , em si reconcentrada ,

Seupre sevéra , sempre obedecida ,

Fatal Necessidade , sobre os homens

Traz sempre alcado o sanguinoso sceptro ;

Com que àbre o abysmo , em que se affunde a vida ;

Com férreo braco aos Reis a fronte encurva ,

E com os pés a Terra submettendo ,

Diz ao Tempo : — *Executa as minhas ordens.* —

O D E.

De cada vez te falta mais cabello.

Garçon. Sonet. 3o.

CHEGOU o Borges, que nos trouxe a nova
Da tua liza — accrescentada Cálva,
Da calvissima Cálva, avêssa (1) imagem
Da Occasiaõ que fôge.

Pintou-se-me na mente o Tempo curvo,
Mui-ferrênho, em rapar com a ágra foice
Tua fêlpa de ouro, que dos annos rã
Na pachorrenta fronte.

(1) A Calva de Sr M. Th. de A. e S. è muito avêssa da calva da Occasiaõ. Esta (dizem os Poetas que a virãõ) tem na dianteira da cabeça um monho de cabellos, de que travaõ os venturosos, e o resto da cabeça è pelado e liso. A do Sr Dr. toma-lhe desde a testa até ao tontigo, e o monho de cabellos que lhe résta, faz apenas uma engoiada estriga, e serve de mesquinha mécha no cõtto do rabicho.

Cáhe immatura a presumpçosa mésse :

Daquî, d'âlêm, despojo do áço avaro:

Chóraõ as Nymphas o precóce agouro

Da gâsta mocidade :

Quál vês chorar no rubido Oriente

A Moça de Titon luzente aljofre,

Quando ao sahir do leito vê a Cálva

Do derrengado Sposo.

Vê gâstos dous Estîos (1), dous Outonnos,

Com tanta ancia pedidos, e outorgados,

Duas vezes branquissima, ou pelada

A têza côma de ouro.

Tambem vi do Garçaõ a curta sombra

De sonóros epithetos cercada,

C'o seu Delfim, de lôba, psalmeando,

Co' a lisa calva às môscas.

« Dâ-me (lhe disse) o teu jocoso esp'rito

» Para cantar do Souza o calvo assumpto ;

» Dâ-me uns vérsos facétos, campanudos, —

» Vérsos de desempenho. »

» Não tenho mais que dâr-te (me responde)

» Cansei neste Delfim a Musa toda.

(1) Todos sabem que a Aurora, quando sentio o ma-
rido envelhecido e frouxo, foi ter com Jove, que lh'o
remoçasse; e e este lh'o concedeu: — com o appenso
porém, que cadavez que usasse da nova mocidade, usa-

» Busca outro Vate jovial, pelado : —
 » O calvo Anacreonte. »

ria dez annos de vida. Settenta annos, com esta al-
 valla, de préssa são corridos. Ella formosa como um
 Aurora ! Quem hà hi com maõ tam forte, que tenha
 rédeas ao ginêtte ?



SONETTO

FILINTO, em teu amor mal-respondido,
(Me disse o Desengano) a Nize adoras,
Que noite, e dia empréga as brandas horas
Nos braços d'um rival favorecido.

Já, das portas do peito fementido
Te pôz fóra. Não vês, que quando a imploras;
Vólta os olhos às lágrimas, que choras,
Aos teus suspiros cerra o duro ouvido ?

E tu — inda amoroso... Não tens pejo
Della ? dos mais ? de ti ?... Tam mal tratado
Com tam secco desdém. Desdém sobejo ?

Ah ! torna em ti. Rompe o grilhaõ malvado.
Érgue da falsa Nize o vil dezejo.
Dà mais fiõl emprêgo ao teu cuidado.

C A R T A

Saúde a Alfeno o seu Filinto envia.

SONETTO, pêssegos, quintilhas, — tudo
 Éra bom, Meu Doutor ; só lhes faltava
 (Porque nada haja sem senaõ no Mundo)
 O serem por mais vêzes repetidos.
 — Não digo os pêssegos , mas sim os versos. —
 Porque os teus são dos únicos que eu leio
 Com mais gosto, e com mais doutrina minha.
 Fique aquí entre nós este segredo ;
 Não o saibaõ B*** e Al**** ,
 Que são capazes de engolir-nos vivos.
 Sim : gósto de teus vérsos ; gósto , e muito.
 E os teus sonéttos tem para comigo
 Patente de sublimes , desde aquelle
 Do *Ciúme* (Sonetto incomparavel !)
 Que eu sei de cór, que não tem de esquecer-me ;
 Esquecendo-me quanto a minha Musa
 Me temperou na desleixada Lyra.

Ninguém se queixe. É gôsto: e assim o ente
 E assim o digo a quantos pôsso, e devo.
 Tu tens nos vérsos um pensar tam novo,
 Tam-bem bebído nas mãis claras fontes,
 Que lêr-te é lêr o seculo de Augusto,
 Ou no Lyrico altivo, ou no jocoso.
 E ninguém desempenha tanto à risca
 O *molle atque facetum*, como Alfeno.
 Haja vista às Quintilhas engraçadas,
 Cheias de Attico sál, de mil donaires,
 Tam nóvos, tanto a ponto sazoados. (1)
 Oxalà, possa eu vê-las todas lindas,
 E a Perguiça, e o *mão olho* as não fascine!
 Haja vista ao Sonetto primoroso,
 (Dos pêssegos bizarro camarada)
 Não o móstro a ninguém, que m' o não gabe.
 Todos concébem delle a grande idéia,
 Altivo pensamento, ouzada phrase,
 E ficção bem-sostida, e verosimil.
 Condições, que requer o vêlho Mestre;
 E o perluxo Boileau seu bom Alumno,
 Para que os vérsos se oução com deleite,
 E vivaõ com bom nome éras, e éras.

(1) — — — Seu condis amabile Carmen

Prima feres hæderæ victricis præmia,

Horat. lib. 1. Epist. 3.

Não esperaõ tal fado óbras de Mattos,
 Bem que a tam dezejada imprensa vissem;
 Bem que a sollicita Segunda Parte
 Viésse pôr espéques à Primeira.
 Tem ambas de morrer morte immatura,
 Sem que chêguem a ter honradas câns.
 Embora as *Nélhas*, e os ruíns versistas,
 Extáticos, babando-se célebrem
 Sonéttos de *Saveiro*, e *Pòbre ou ricco*;
 E as *Endéchas à sua Lavandeira*: —
 Inda melhor, que explicações do Crédo
 Saibaõ de cór cruêzas de *Damiana*,
 E suspiros de *Albano*; embora inculquem
 As *oultavas da eterna madrugada*;
 Que as *Tendas*, com muita ancia, ambas as *Rimas*
 Já lhe estaõ esperando para embrulhos.
 E já, c' o gancho erguido, o *Esquécimento*,
 Ameaca afferrar-lh'o no seu nome,
 E arrasta-lo às voragens, onde jazem
 Tantos mil seus iguâes em prósa, ou rima (1).

(1) *Descriptas servare vices operumque colores,
 Cur ego, si uequeo ignoroque, Poeta salutor?*

O D E

A' Snr.^a D. M. J. R. D. (*)

Par ne' campi del Ciel Rosa nascente ,
Ch' ogni preggio immortale hà in seno accolto ,
E sul labbro di mele hà una soigente :
Che qual Palma fiorisce , il cui bel volto
Somiglia un sol , ch' è d'ogni macchia essente.

Badini. Cantica delle Cantiche.

Se as nuvens de ouro ràsga apavonadas
O sól radioso , e na água reverbéra,
Imagino vêr Marcia
Que arredando as cortinás do aureo leito ,
Se érgue , e aníma o cristal c'o ástro do rosto.

2

Se o rouxinól sandoso esméra o' canto ,
Por dár ao Sól festivas alvoradas ,

(*) N'um dia de Primavera , em que eu com Marcia

Imagino ouvir Marcia,
Da perfumada bôcca disferindo
Na Lyra de Amphião Canções de Sapho .

3

Se as tèrras matizadas deixa Mâyo
Co' as côres da florída Primavéra ,
Imagino que Marcia
Correu aquelles prados , e co' a vista
Deu vida , e deu matíz a aquéllas flores.

4

Se'nûs os peitos , junto de uma fonte
Cynthia orna a côma com gentís bouinas,
Logo imagino Marcia ,
Nos thesouros , que Flora lhe offerece ,
Naõ vendo flor , que ao vê-la naõ desmaye.

5

Tudo accende de Amor , tudo conquista
C' o doce riso , c' os formósos ólhos
A muito linda Marcia ;
Rendido o Mundo a vê , rendido a adóra.
* Quem naõ será de que lle rôsto amante ? *

passeava na quinta da Sra.^a D. F. J. de N. Soares
como eu me desculpasse com a ditto Sra.^a da por
atençaõ que déra a várias flores do seu jardim que
me encareceu, dizendo que pouco podia reparar nas

NOVO BIVIO

Para nòvos Hercules.

MESQUINHOS neste Mundo , sem o auxilio
 D'um lume penetrante , que registre
 Os refòlhos d'um pérfido matreiro ,
 Jáz victima do Engâno o hómem próbo,
 Que em bazes da Virtude , e da Franqueza
 Funda o Deleite saõ , funda a Ventura.
 Só dous caminhos se abrem. — O da Astucia ,
 Com que lógre os ruins , e os embelése :
 Ou do animo despido de interesse ,
 De amor da Sociedade , e seus prazêres ;
 Que viva sò , de si , por-si contente.
 Visite os bósques , suba ao sérro erguido ;
 Amante da singéla Natureza ,
 Convérse os animaes , limpos de frâude ;
 Rousseau na solidaõ affortunado ,
 Despido de dinheiro , e de malicia :
 Ou Voltaire riccasso , espèrto , agudo ,
 Seja neste Universo , e seu bullicio
 Negaça de Livreiros , e Magnatas.

do seu jardim , quem no rosto de sua sobrinha Mar-
 a contemplava uma Celeste Primavera , a ditta Sni^a me

S O N E T T O

T R A D U Z I D O.

QUANTO em nós pôssa um gésto peregrino
 Deu-o a Fabula a vêr , e a Fè Sagrada :
 Quando Eva tanto a Adam formosa agrada ,
 Que por ella engeitou o dom Divino.
 Pàris um pômo deu , (pômo maligno !)
 Que Asia abalou , deixou Tróya arrazada.
 Tu causaste , Maçân desventurada ,
 Que a ambos lhes dêsse o Céu azêdo ensino.
 Se Adam , se Pàris êssa graça pura
 Vissem , Marcia , inda mais que E'va formosa
 Ambos a tua graça , ambos rendera
 E inda , a pezâr da antiga desventura ,
 Dêssa mãõ , a Maçân tam perigosa
 T'a recebêra Adam. , Pàris t'a déra.

respondeu sorrindo : « Quem não será daquelle
 amante ? Respõsta que me servio de stimulo para
 Ode ; e com ella a fechei em lembrança sua.

O D E

em dia

Do Anno-bom.

Hæc mihi præcipue canenda dies.

Ovid. Fast. 2.

COMSIGO lévaõ mãgoas e trabalhos
Os Dias pressurosos ;
Comsigo lévaõ féstas e alegrías
Para a vorage' immensa
Da escura Eternidade. Os annos passãõ
Perante os nõssos õlhos ,
Carregados de impròvidos succêssos ;
E a Parca abre as tezouras
Contra saudosas vidas immaturas ,
Em quanto esquece o enfado
D'uma alma ruím , votada ao vil desprêzo.
Jà , largo tempo , vemos
Reinar ufanas neste esquivo clima ,
Abhorridas dos Numes
Rôta Anarchia , sôffrega Vingança ;

Das Leis em menoscabo ;
 Com mágoa e injuria do Saber supérno.
 Oh novo — entrado Jano,
 Das bemfeitoras pórtas nos remette
 Bem assombrados dias,
 Opulentos de affortunados gostos.
 Oh traze aos nòssos Lares
 O gésto soberano da Justiça ,
 A Paz conservadora,
 Hoje de nòs tam longe foragida.
 De seu regaço Thémis
 Nos entórne abastada os aureos fructos
 De Ordem, de Leis prestantes ;
 Com que des-franza a tèsta negociosa
 O Estadita ***.
 Se vir lavrar pelos confins tam largos
 Deste abalado Imperio
 As idéias sublimes que povoaõ
 Sua mente philântropa.
 E eu mais feliz de vê-lo comprazer-se
 Na dezejada nôrma ,
 Cante seus altos dons , galardoados
 De alegria , e saúde

RETRATO

D E * * * .

1

SE eu soubêsse n'um quadro accertar côres
Déra ao vivo de * * * * a formosura ,
Garbo de Nympha , em trajos caçadores ,
Que alcança o veloz vento na espessura.

2

Nos labios lhe apontara o almo riso
D'uma das Graças : indicara as prendas
D'uma índole mimosa , um peito liso ,
Crêdor de amantes férvidas offrendas.

3

Mas imperfeito fôra o seu retrato !
Que não pode a pintura presumida
Debuxar , sem profundo desacato ,
Tam doce canto , falla tam subida.

Que pincél hà , que em seu lavor intente
Imitar, sobre intrépido, arrogante ,
Uma Musa , que enléve de eloquente ,
Uma Sereya , que suave cante ?

E 3



S O N E T O .

A G O R A ; que nas líquidas Campinas
Jove de ardentes settas implumado,
Os almos gômos do Verao dourado
Nas entranhas de Juno poëm divinãs :
Agóra , que nas ondas Neptuninas
Sólta o baixel o panno desfraldado ,
E sobre o tronco de verdôr trajado
Canta endechas a Rôla , de Orptheo dignas :
Agóra que a Natura espalha as cores
Com larga maõ nas órlas dos ribeiros ,
Que ufanas brilhaõ nas viçosas flores :
Vou eu , por entre Chôpos , e Sobreiros ,
Bradando queixas contra uns crûs Amores ,
E arrancando os suspiros derradeiros.



O D E.

Aux yeux , que Calliope éclaire ,
Tour brille , tout pense , tout vit.

Gresset. Epît. au p. Bougeant.

NAõ sò foi dado ao Cidadão de Teyos ,
Tam valído de Vênus , no declivio
Dos annos , conceber agudas chammas
Entre alastrados gelos.

Filinto , que no altar do Desengano ,
Tinha deposto , inda de sangue tinctas ,
As fléchas , que arrancàra de seu peito ,
Voltou a , recolhê-las ;

Quando , ao ver-te , Senhora , em muda effigie
Levantar-se sentio , soprada , a cinza
Do mal-coberto fôgo , e luzir breve
Insólita faisca.

Como pôde Cupído roubar tantos
Attractivos à Mãe , prendas às Graças,

(*) Vendo um retrato do Sur D. A. A. de V. A. S.

Para adornar com pródigo disvélo
Uma sò formosura ?
Felizes os que gozã face a face
De tam meigo ineffavel Parayso ,
Da branda falla , e brando sentimento ,
Que revê do teu peito !
Se tanto em mim podéraõ froxas côres ,
Mais na alma presumidas , que inculcadas ,
O fito de teus ôlhos deleitoso ,
Que Céos não me arbririria ?
Qual nas veyas inquiétas , e admiradas
Naõ serpéara jubilo divino !
E qual no coração me entrara a furto
Respeitoso dezejo !

S O N E T T O.

QUANDO agora cantaveis , vi , Senhora ;
Ferver as ondas (1) que alva espuma banha ,
E o mudo gado , que Prothéo rebanha ,
A flor da água as cabeças deitou fóra.

Muita Deosa , dos mares moradora ,
Surgio : — Prothéo à praya as accompanha ;
E sentado nas fradas da montanha ,
C' o à falla os ventos rápidos demóra : (2)

» Esta Nympha , que canta , inda algum dia
» Farà a Jòve descer do ethéreo assento ;
» Darà novo ciúme a Juno impía.

» E , envóltaa magestade em fugimento ,
» Virà à nõva Deosa da harmonia
» Prestar gostoso amante rendimento.

(1) Não foi milagre a visãõ ; por que subiaõ pelo
fo da corrente do Tejo acima , cardumes e cardumes de
Toninhas , que das janellas viamos marulhar. Prothéo ,
que falla , Deosas que escutaõ , Jòve que desce , etc. etc.
sãõ poeticos chesmininés , accessórios dos pulos das To-
ninhas.

(2) Ingrato celeres obruit otio.

Ventos , ut caneret.

Horat. lib. Od. 15.

E P I T A P H I O

Da S.^{ra} D. M. J. R. D.

SEGOU da Morte a aguda souce impia
A flor que ornava de beldade o Mundo :
Amor quebrou as sêttas ; — com profundo
Suspiro , junto as pôz da campã fria.

O D E

A l'envi laissons-nous saisir
Aux transports d'une douce yvresse :
Qu'importe , si c'est un plaisir ,
Que ce soit folie , ou sagesse ?

La Mothe-Houdart.

FOGEM os annos ; desfructar a vida
Naõ demores , *** :

Poucos dias nas tâças
Veràs brilhar o néctar.

Ri dos Médicos , zomba das diétas.

A Doença , a Morte espreitaõ
Quem das rans na bebida
Ensõpa ensõssos dias.

Viva o Setubal , que a Tristeza affunde ,
Cria sangue sádio. —
Empiña este , que enramo ,
Põrta-júbilos na alma.

Bom!.. Mais um cõpo.. Entam!.. Naõ vês já a Baccho;
E , traz elle , a Cupido ,
Que c'o Prazer te esperaõ
N'uma câma de rosas ?

EPIGRAMMA.

Com grande devoção Phillis corria
A vêr os Penitentes
Da processão dos Passos, certo dia:
Mas vai neste entrementes
Com a prèssa descòze-se um sapato.
Aqui foi ir ao Mestre, dar-lho em rosto;
E (este bem descomposto)
Parar a devoção em 'sfolagato.



S O N E T T O (*).

PODÊSTE , astuto Amor , cravar-me o peito
Com alados farpoões abrazadores ;
Que nos olhos de Marcia vencedores
Armaste o tiro , com que o mal tens feito .]
Nelles tens throno , nelles te respeito ,
Nelles tens os desdens , tens os favores ,
Que nas azas ligeiras mil Amores
Lévaõ a tanto coração sujeito .
Nem pôdes vêr de là peito sevéro

(*) Isto de Sonettos , nunca eu soube (quanto a Poesia) que régras tinhaõ : Soube somente que toda a pintura poética lhe convém , com tanto que caiba nas quatorze régras . Os Italianos são quem tem Sonettos mais poéticos ; os Francezes quem tem régras mais austéras . Haja vista aos versos de Boileau : em que Apollo ,

« Voulant pousser à bout les rimeurs Français ,
» Inventà du Sonnet les rigoureuses loix . »

Não direi qual das duas Nações accertou melhor o rumo . Portuguezes , que eu conheci , faziaõ alguns bons sonettos sem régras . Academias (e fundado nellas o Zuniga) fallaraõ muito em régras do Sonetto ; e nunca deraõ um só ,

De Mârcia um volver de olhos sancto e puro
Porâ manso e rendido um tigre féro.
Vassallo de teu Reino , allî te juro
Obediencia e fê , delles espéro
A' minha fê o galardaõ seguro.

que mercesse a leitura. » Ils ont laborieusement écrit
» des volumes sur quelques lignes que l'imagination des
» Poètes a créés en se jouant. »

Essai sur la poesie épique;

O D E.

Quem fors dierum cunque dabit , lucro
Appone , nec dulcis amores
 Sperne , puer , neque tu choreas
Donec virenti canities abest.

Horat. lib. I. Od. 9.

As sérras não tem sempre os cumes crespos
De enregeladas cans , nem os ribeiros
Tem sempre as claras aguas algemadas
 Com frígidas cadeias :

Naõ vibraõ sempre lanças de água as nuvens ,
Nem os pólos se accendem sempre em fogo
C'os relampagos feyos , enxofrados ,
 E c'os fuzis ardentes.

Jà là sóbe , já aponta a Primavera ,
Que affugenta os negrumes detençosos ,
Derréte o gêlo , espanca os dias tristes ,
 Co' a alégre maõ florída.

Vem o tempo , em que as Graças dos Céos descem ,

Déscem brincoês Cupídos , convidados
Dos Campos de esmeralda , que atropéllaõ
Com pé travêso e léve.

Amigo calvo e louro , è mais que tempo
Que partas tu tambem , que tambem venhas ;
Que trãgas as Lampreias promettidas
Hà mais de tres quarêsmas.

Jà o sol , tres vêzes , um e o outro corno (1)
De roubader de Európa hà aquécido ,
Dêsqe espéra por ti o Padre amigo ,—
E de esperar se enfada.

Jà , dêsqe espéra , encalveceu Barrôco ,
E de bexígas se cobrio a Deosa ,
Que a Vénus deu ciûme ; e fez que o Hynverno
Forjou defluxo novô. (2)

Deixa os labrêgos hispídos e hirsutos ,
E as fregônas de calcanhar gretado ;
Que alvo e louro , de azûes-palheiros ólhos

(1) Quando um é outro corno lhe aquentava.
Camoês. Cant. 2. est. 72. imitado de Petrar. Cap. 1.
« Scaldava il sol, già l'uno e l'altro corno.

(2) Defluxo de nova qualidade , que deu em que entender ao Deos Hynverno , para lo inventar. Allude tambem a dous sonettos , que à conta do tal defluxo se composeraõ.

Ès só digno da Corte.

Digno ès da Corte , digno de Assembleias ;

Digno da Moça sbélta boqui-rubea ,

Que faz negaça aos ólhos cubiçosos

C'o mal-pregado lenço.

Vens pois ; vem dar um dia bom ao Borges ,

Namorar os painéis , vêr dançarinas ;

Vem ; que a Irman da Canhòta quer ter gasto

Debaixo do Capòte. (1)

Dà de mão às Demandas ; fécha os livros ,

Arruma Ordenaçõs ; naõ ouças queixas ,

Naõ trapâças do astuto Requerente ,

Que a Parte , e o Juiz lògra.

(1) Il n'y a point de doute qu'un chacun Auteur ne mette quelques choses en ses écrits , lesquelles lui seul entend parfaitement. Marc. Ant. prefat. du 1. vol.

Falla aqui o Poeta d'um jogo de prendas , cuja expli-
cação custou um bôlo ao Senhor Roberto Nunes. O sér-
to è , que nesta e n'outras Odes escriptas a Amigos acha-
ri o Leitor muitos lugares escuros , pela allusaõ que fa-
tem a varios acontecimentos , claros e sabidos das pea-
soas a quem as escrevia , mas ignorados do commum dos
Leitores. De todas essas allusões me deu o Poeta a escon-
dida intelligencia ; e eu a poséra aqui , se naõ temêra abar-
atar de notas este livrinho. Estou porem promptissimo

Naõ dórme a Parca , tórce o velòz fuso :
E a nõssa vida corre , como o fio
Da ampulhêta incansada , atè que pàra
Solto em poeira inérte.

a communica,las a todo o curioso , que m'as pedir.

Nota do Editor,



S O N E T T O.

TEU rôsto vi, teu rôsto peregrino ;
Vi de teu peito as fôrmas delicadas ;
Naõ as mais : que o Recato as traz cerradas ,
E as chaves deu ao tardador Destino.
Mas Vénus quiz n'um Sonho almo , e Divino
Dellas dar-me umassombras animadas...
Ah ! quanto éraõ à Deosa assimilhadas
As perfeiçoës do corpo alabastrino !
Amor entam comigo menos duro
Co' a estrêa me brindou de teus favores ;
Crescendo a sêde a meu affecto puro.
Mas se à estrêa chegar mimos mayòres ,
Eu grato em seu altar painél penduro :
« FILINTO Q VOTOU EAUSTOEM SEUS AMORES. »

QUARTETOS.

1
QUANDO , os Celestes ólhos derramando
Pelos pradòs bordados de boninas ,
Dàs alegria ao ar , riso às Campinas ,
Que os parabens de vêr-te se estaõ dando :

2
Naõ vês , Marfisa , andar no teu cortejo
Um alado Menino mui formoso ,
Que no rosto promette bonanças
Perenne gosto de immortal dezejo ?

3
Tu lhe déste o nascer , azas lhe déste
Com que subîr , e pretendeu c'os Nomes
Tomar lugar c'os vencedores lumes ,
Que roubar de teus ólhos concedeste :

4
Já venceu Jòve , e o formidavel Mârte :
Facil lhe foi dos outros a conquista !

Bem sabes quanto vence a tua vista,
Quando a vòltas airosa a qualqnèr parte.

5

Hoje è um Deos. Um Deos mui-poderoso,
Que seu imperio ao Céu, à Terra estende,
Arnado de teu Canto, que lhe rende
O Mundo, de render-se vaidoso



O D E. (*)

Cor mio , deh , non languire ,
Che fai teco languir l'anima mia.
Odi i caldi sospiri : a te s'invia
 La pietade e il desire ;
S'i ti potesse dar morendo aita
 Morrei per darti vita.

Caval. Guarini.

NA ã te lastimes mais , naõ desesperes ;
 Que o Céu enternecido
 Naõ quér que , antes que eu , cruzes
Da Stygiã as surdas ondas verde-negras.

Nem que vejas , sem mim , Cérbero , Furias ,
 Sombras ôccas , errantes ,
 Nem Dite em negro throno
Co' a Mórte aos pés , em frente à pòrta as Parcas

Se éssa alma , que compoz de duas almas
 Amor , official primo ,

Quèr désunir Lachésis;
Còrte antes ambas ; vaõ ao Orco unidas.

Sem ti que faço, eu triste odiado résto
D'uma tam linda fôrma ?
Superste a màis ruin parte?
Morra ésta. Tem tu vida E's digna della.

Jurei seguir-te. — O juramento è sancto ! —
Pelas ermas estradas
Do Reino dos temôres
De mãos dadas irêi fièl comtigo.

Da Morte , nem de acérbas Dôres fujo
Ao assanhado vulto,
Manda o Céu , que comtigo
Sinta o gólpe da fouce agudo e frio. (1)

(1) Agoniado dos muitos Romances hendecasylla
vos *et reliqua* que andavaõ entam em voga ; e em cuja
Poesia (por alcunha) eu achava tanta differença da poe-
sia de Horacio e de Virgilio , que eu usualmente lia
nesse tempo , lancei-me a uma tentativa , que foi arreme-
dar Horacio em Portuguez. A mocidade è muito atrevida ,
eu tinha dezoito annos , e nesse tempo não tinha que te-
mer dos Criticos ; que ainda elles não sabiaõ , que eu
zia versos.

As lanças , os venenos , vês Ministros
Do Infortunio , da Inveja
Em vaõ me buscaõ. Zombo
De terrífico aspécto de Saturno. (2)

On nous vend cher la gloire , et le monde aisément
Nous pardonne un défaut , et non pas un talent.

Verdade era , que eu sô para os gastos cazeiros os fazia
Ainda me não tinhaõ vindo à mão ; e até creio , que ain-
da não eraõ nascidas as bellas Odes de Garçaõ e Diniz.
Ora a Ode de Horacio , *Cur me querelis* , composta em ca-
zo semelhante ao meu , me fez negaça para a imitar. Que
se perdia nisso ? Provavel era que não sahisse da algi-
ra da Menina , nem apparecesse à vergonha do Mundo.
Fatal imitaçaõ ! que me empurrõu a penna para a cater-
va d'Odes (*trôvas* lhe devêra eu chamar) de que tenho
as pastas cheias ; sem contar as que uma vez soltas da
mão , não terãõ retorno.

J'ai connu ses douceurs , j'ai goûté ses plaisirs.
Ils trompent les ennuis , enchantent les loisirs.

(1) Tinha uma Sigâna tirado a sina à Snr.^a D. F. C.
X. de S. e a mim ; e nos affirmava , que depois de dilata-
do; annos de venturosos amores morreriamos no mes-
mo dia. N'uma doença , em que a ditta Snr.^a estava com
muito susto de morrer a consolei com a prophécia da Si-
gâna , e persuadida melhorou. Muito boas cabeças se per-
sam com menos.

O resplendor de Jóve favorece

Ambas as nossas vidas ;

Co' a mão, que torce o rayo

Prende do Influxo as malignantes azas.

A's supplicas, que arranca o teu perigo

Do coração de todos ,

Jove a tua vida esconde

No seyo , e argúe a Doença , desabrido.

» Nunca te dei poder nesta beldade.

» O abrigo de meu peito

» Deixou , para ir benigna

» Anos compridos aditar o Mundo.

» Empréga o teu furor n' outros sujeitos

» De inferiores dotes,

(1) Todos sabem (e os Sarrabães o abonaõ) as más influencias deste planeta ; que produzem o chumbo e a melancholia ; se as não atalhamos de chegarem a nós, interpondo cousa que ellas não possaõ transpassar : como por exemplo , um encerado bem alcatroado , um manto de Cauchó etc. etc.

» Em Heróes, em Monarchas, (1)
» Que eu à Terra mandei para servi-la. »

Assim disse. Amparado eu fui de Apollo ;
Deos tutelar dos Vates.
Tu, mimosa de Jove,
Brilha ; que ao Céu gratúlo ambas as vidas.

(1) Exageraçãõ poética ! Mas, quantas coroas se não
tem abatido aos pés de tantas formosuras que talvez, nã
yalessem a da minha docente ?



SONETTO.

ENGANASTE-ME , Amor : em teus altares
 Vótos não insto mais , nem dons off' reço :
 E's Deos protervo , injusto : hoje o conheço
 Promettes gostos , págas com pezares.
 Médes hórás , seguras os lugares ;
 Tentas o amante c'o anciado preço :
 Depois entras no jogo , Deos trasvesso ,
 Trócas as sortes em ruíns azares.
 Ou me lisonjes c'o fagueiro rosto
 Da falsa Nize ; ou de mordaz Ciûme
 Me arremesses o facho , — a ambos arròsto,
 Não me acobardo ao teu irado Nume ,
 Déssa Nize desdênho o indigno gosto ,
 E de teu facho o amortecido lume.



A D. F. M.

Poetam Lusitanum ,
Ex gravi morbo convalescentem

C A R M E N .

SIC est ; neque humanæ immerito gemens

Inflicta genti tot quereris mala,

Francisce , damnatosque longi

Terrigenas miseros laboris.

Eheu ! quot atris pestibus urimur !

Urunt Medentes acrius : ingruunt

Mentis tumultus æstuosi

Quos et amor movet et cupido

Insana famæ : quid quod et insuper

Viris adhærens Mercurialibus

Plerumque paupertas acumen

Ferrea et ingenium retundit ?

Nobis iniquas sic variat vices

Volvens arenam Clepsydra mobilem,

 T R A D U C Ç A O. (*)

E' certo : e não sem causa te lastimas
 Com gemidos das penas
 Infligidas à triste pròle humana ,
 Votada a longas lidas.
 Como ardem negros Males ! como os Médicos
 (Ay !) mòr ardor lhe sopraõ !
 Brigaõ na alma estuosos alvorotos ,
 Que incita , e que revolve
 Já do Amor , já da Fama ansia phrenética ;
 Inda entra neste quadro
 A Pobreza , que aos Sabios , quasi a fio ,

(1) Com grandissima repugnancia miuha traduzi esta Ode feita à convalescença de mortal infirmitade. Louvores exaggerados d'um amigo pòdem (talvez) agradar em bocca alhea , nunca na propria. Mas instancias da filha do Author , a quem muito disvello devi na minha doença , me vencerãõ. Que não pòdem rogos de formosas Damas ! e mormente quando ao rògo dà mayores forças a obrigação ! Moderei , quanto pude o excesso do elogio ; mas não tanto , que não fique ainda super-abundante. Creiaõ-me, ou não ; traducçoẽs feitas contra vontade não podem ser boas : e esta servirá de pròva.

Ut dulcibus miscens amara
 Stare diù vetet ulla Fatum ?
 Spirare primam qui dedit, ultimam
 Decrevit horam: ver breve currimus ,
 Fessique mox curvam subimus
 Canitiem, stabilesque rugas:
 Hac lege rerum callidus arbiter
 Mundique Rector ambiguo semel
 Mortalibus concessit uti
 Munere, ne nimiùm beati,
 Fretique vanis artibus, ebrios ,
 Dum fluxa sensus gaudia detinent ;
 Hanc lucis usuramque vitæ
 Perpetuam propriamve sperent.

Ergo querelis pone modum tuis
 Condisce vitam, nec muliebriter
 Frangi neque extolli insolenter
 Socraticum patiare pectus.

Est vir ferendo : tu neque desines ,
 Recti decorique officii tenax ,
 Per damna, per fraudes, malorumque
 Insidias animosus ire
 Quò prisca virtus, quò Patriæ vocat

Com fèrrea mã comprime,
E lhes embõta o gume dos Engenhos!
Desse modo a Ampulheta,
Volvendo a miûda arêa movediça,
Nos desigualta os lances;
Nem (mesclando as doçuras c'os amargos)
A algum , repouso fixo
Outorga a Fado. Quem primeiro alento
Nos concedeu , balisas
Assinalou ao derradeiro arranco.
Nós curta primavera
Corrêmos no Orbe , e lògo submettemos
A's curvas cans o vulto ,
E às rugas duradouras. Lei foi èsta,
Com que, Arbitro sabido,
O Creador do Mundo deu licença
Que dèssa ambigua dadiva
Lograssemos : a fim que mãis que muito
Ditosos , confiando
Em nossas artes vans (em quanto os gostos ;
De si resvaladios
Embríaguez lavrassem nos sentidos)
Naõ possèsemos fito
Em ter por proprio , e requerer perpetuo
Da Luz , e Vida o lògro.
Assim poem termo a lastimar-te ; e a tempo
O que è viver aprende :
Sem deixar quebrantar-te mulhermente ;

Cura instruendæ consilio et manu ;
 Scriptisque falles seu jocosis
 Tædia , seu libeat severis.

Olim procellas et celerem fugam

Nosti , relinquens (non avibus bonis)
 Laresque mærentesque amicos ;
 Et Patriam reditus negantem.

Sed liberales vertere spiritus

Injuriousum non valuit nefas ,
 Nec magna divinis sonantem
 Carminibus cohibere venam.

Te nuper pessima febrium

Formidoloso proruit impetu :
 Quàm penè non-tangenda furvæ
 Stamina subsecuere Parcæ !

Laborioso cùm tibi anhelitu

Virile tussis concuteret latus
 Horrenda (vidi) luridusque
 Marcida tingeret ora pallor.

Flevisse Clio , Melpomene suum

Flevisse fertur , visa iterum sibi
 Lugere Flaccum : sed rapaci
 Te Deus herbi-potens ab Oreo

Nem que insolente se alce
Teu Socratico peito lh'o consintas.
Saber soff'rer è de homem.
Ferrenho em teu devêr honrado , e justo
Naõ faltes animoso
A atravessar por damnos , dólos , riscos
Onde te chama a antiga
Força , e divêllo de acodir à Pátria
C'o braço , co' a doutrina.
Vai enganando o enojo c'o que escrevas
Jovial , ou sevêro.
Com ruins auspicios , ja , deixando os Lares ,
Os saudosos Amigos ,
A Pátria , que voltar te nêga injusta ,
Dos sustos , das tormentas ,
Da desenvolta fuga te inteiraste.
Ah ! que naõ pôde tanto
Amalvada Calúnnia , que minguisse
Teu solto , e nobre Engenho ;
Nem contêve os divinos sons que rompem
Da grandiloqua veyá.
Pouco hà que , com medonho insulto , a Febre
Péssima te prostrou.
Quam pèrto a fusca Parca pôz o gume
Nos naõ-toccandos fios !
Quando horrenda (eu a vi !) o viril peito
Te sacodia a Tósse
Com trabalhoso anhelito , e tingia

Salvum reduxit, non sine plurimo un —
— de quaque plausu: reddere debitum
Carmen memento, nec repostâ
Pulchra dies careat Lagenâ.

Sic te benigno numine Delius
Diù sororum servet amans choro ;
Longamque depe lat senectam
Difficilem, querulosque morbos.



Handwritten signature or mark at the bottom of the page.

Co' a pallidez da Morte

O teu murcho semblante. Chorou Clío ;

E iuda outra vez Melpomene

Cuidou carpir (è fama) o seu Horacio. (1)

Mas com bastante applauso ,

E universal , o Nume herbi-potente

Te arrancon da garganta

Do Orco voraz. Lembra-te da dívida

De agradecidos versos :

E em dia tam formoso naõ nos falhe

Recondita botelha.

Assim , com rayo amigo , Apollo ao Choro

Aõnio longos annos

Te guarde ; e enfermos ays , rabuje idosa

Desterre de ti longe.

(1) Ah ! que se asim fosse em verdade , por quam feliz me dera ! O mais alto ponto a que sempre aspirei foi de imitã-lo de bem longe ; mas , apenas creio que sou pèssima morte cõr de elegantissima pintura. Vivissimos dezejõs meus , naõ sereis nunca cumpridos !

EPIGRAMMA.

NESSES dourados sèculos antigos ,
 O Amor , e o Hymeneo eraõ amigos.
 Entre Hymeneo e Amor tal odio hà hoje ,
 Que mal entra Hymeneo , Cupido fôge. (1)

(1) Não digo que assim succeda sempre ; que seria lutar
 contra a virtude do sancto Matrimonio ; sòmente faço allusão
 a uma jocosidade franceza. — Os tães Franceses , que são ma-
 ganos , que chasqueaõ de tudo , e mesmo de certas palavra
 pontudas , que traziaõ com-sigo arrancamento de espadas
 entre Hespanhões e Portuguezes , abriãõ uma Estampa da
 cerimonia casamenteira , na qual , quando o Noyvo entra
 com grande acompanhamento pela porta da Salla , em que
 o espèra a Desposada , sahe logo voando o Amor pela ja-
 nella fôra.

SONETTO.

MENTIO quem pôz no Templo da Memoria
 Os monstros carniceiros, que emprenderão
 Com mòrtes, com estragos que fizeraõ,
 Pizar o Orbe co' as plantas da Victoria.
 Risquemo-los dos marmores da Historia,
 Onde vis Lisonjeiros lhes pozeraõ
 O vaõ nome de Herões. — Herões não eraõ :
 Que o Mèrito moral lhes não den gloria.
 Por grande, e sò por nobre seja havido
 O que ama o Bem, que o traz sempre no peito
 Com lettras indelèveis insculpido.
 Que da Virtude o amor, nunca-suspeito
 De interesse, nem de ambiçaõ tingido,
 Só à c'rôa immortal tem saõ direito.

DYTHIRAMBO (*).

Juvat integros accedere fontes
Atque haurire ; juvatque novos decerpere flores
Insignemque meo capiti petere inde coronam,
Unde prius nulli velârint tempora Musæ

LUCRET. lib. 4.

LÉVA, rápido Bóreas ,
Em tuas frescas azas ,
Leva-me a Chypre , essa Ilha , onde Lyco
Plantou nectareas párras ,
Onde ensina os Amors
A beberem à sombra das parreiras.
Rápido Bóreas , sâe do Eólio claustro :
Estou sequioso , oh Baccho ,
Do succo almo e divino ,
Que plantaste nessa Ilha , onde Amor reina.
Muito hà que agita
Zéphiro fraco
Minha undosa madeixa coroada.
O claro Evan já désce ,
E no seu coche ethéreo me transporta.

(*) Que não tem de meu, senão o feitio.

Gram cazo, que voltée
Lêve fita no tópe da cabeça !
Rapido Bóreas, sàe do Eólio claustro ;
Que me consume o peito ardente chamma :
As cópas sós de Chypre
Podem frouxar a sêde que me affóga.
Tal sobre os gróssos pastos me arrebrates,
Que nem co'a lêve planta
Curve o cume das hérvas ,
Nem da bonina as plumas multi-cores.
Das rosas o perfume
Me preceda obsequente pelos ares.
Dêmos vólta por Scylla, e a assombrêmos ;
Que a sex-fauce vorágem
Abra ao vêr-me, e ao fugir-lhe hórrenda uyve,
Lá vem, lá vem ; qual negra tempestade
Traz (1) claros serros se amontôa ao longe?...
Já guia até meus ólhos
A travéz do horizonte fugitivo.
Naõ, naõ. E' Baccho, e as Onças que o carróçaõ.
Sacro dador do vinbo, eu te saúdo.
Saúdo sim : mas. . . Brómio ,
No peito me árde a sêde em labarêdas.
Quem me véрте aqui vinho
Dêssa Ilha fortunada, em que Amor reina ?
Evan, Evan, Evoé!

(1) Traz por detrás.

Jà rápidos rasgámos
Dos alvos Céos a estrada omni-patente!
Em meu attento ouvido
Pilagorica sóa
Dos órbes a harmonía escasso instante.
De Africo tigre a mosqueada pelle ,
Que as espáduas me cinge ,
Se errica, se arreganha
Contra o negrume , que em ameaçò nosso
Zurra, e berra... Mas já do azul abysmo
Surdem musgósas téstas
De escarpados rochedos.... Ay que é a Ilha!
E o Coche desce... O Coche para... E' Chypre
Sim : que Evan me aclamou seu sacro nome.
Evan, Evan , Evoé !
A Alegria me arranca, e vou correndo
A aquélla gruta flórida.
Tu me acénas de là, Taça bojnda !
Vermelhas ondas
De arroyo manso
Da alma gruta perennes escorrégaõ ;
E os combros verdes
Das pampinosas
Ramas distillaõ
Gotta a gotta os rubis na angusta pia.
Sentados pelas bórdas os Amores
Se humedêcem c' o rúbido deleite :
E tomados de insano
Affonto enthusiasme

Licoes de Dythirambos daõ, e as tomaõ.

Jã descem trépidos

A' cópa undi-sona ,

E de Lyeo , folgando , a face enrugaõ.

Os lábios mórvidos

No humor dolci-fico

Molhando sôfregos ,

Jã, debatendo as azas marulhadas ,

Turbaõ, encréspaõ a úvida lagõa.

Um que se azõa , despenhado affunda,

Beja o poraõ do vaso ;

Mas , rindo , a salvo , os Deoses o re-péscaõ.

Ei-lo , que vergonhoso

N'uma azelha da taça vai seccar-se.

Accocorado , e tiritando espéra

Que o vapor encantado

Do licor mui-sobejo

Vã descendo , e a Alegria restitúa.

Mas.... já se ergue.... Eis debate as soltas azas ;

E de odóro chuveiro nos horrifa.

Amores , debruçai-vos ,

Ponde-me a peitos esse frasco sancto ;

Que eu sou de Baccho alumno:

Elle mesmo no rapido — rodante

Coche me trouxe aos pampanos desta Ilha ;

Por que eu bebesse....

Ay! e os Numes , que espreitaõ curiosos

Por me vêr escorrer d'um trago heróico

O frasco estanque !...!

O licor , com que Jupiter se ensópa
Nos dias festivães , não é tam doce ,
Inda quando o tempéra co' a Ambrosia.

Mas como assím , oh Brómio ,
Oh Padre , e quam pequena é a minha taça!
Dà-me vaso maior . Que o peito anhéla
N'um diluvio de vinho mergulhar-me.

Tanto me encanta , e en-deosa ,
Que em sua fonte meiga
Bebêra o Olvido , e até bebêra a Morte.
Que é o que lá apparece !... E' um gordo almude

Parri-crinito , o bojo
D'alli me faz negaças.

Vem a mim , barrigudo rubi-néctar ,
Enfrasca-me os velhacos gorgomilos.

E o como meigamente
Côas , licor Divino ,
Nos mais encruzilhados reconcovios !

Qual espérta Gazélla
Pula de rócha em rócha ,
De pico em pico , folgazona , e léve ,
Em dias de cerrado nevoeiro :

Assim vou eu saltando
Por prados , que a saltar dançaõ comigo ;
Comigo cambaleaõ.

Da Idália selva os troncos vejo-os dôbres :
E os freixos , descarnadas as rayzes

Vem correndo traz mim.... Pasmaõ as Driades;
De ver como lhes fógem as pouzadas.

Os Rouxinóes puxados
Na folhagem vivaz volteiaõ tûrbidos,
E tonos cantaõ Bacchicos.

Onde corre essa Nympha espavorida .
Que a travez das floréstas vai fugindo
Com a cinta na maõ,

Porque Rosáes , ou Sylvas , não a estórvem ?
C'uma infusa atestada

De vinho , um Fauno bêbado a perségue ,
Tremelhica , e resvala a cada passo ;
E o vinho salta , e espirra ,

Desbórca , e vai golfando nas estêvas.

» Pára , formósa Nympha , (diz) detem-te ;
» Que a amar quéro ensinar-te.

» Ah bébe , oh chara Nympha : que , bebendo ;
» Atinei que te amava.

» O' lha , .. Vê como bêbo... Eis tomã o bojo
Da infusa , alça-a à bocca , que almejava ...

Por faces , por orêlhas desgarrado
Rosnando em terra cáhe , e se esperdiça.

Entam turvado e trópego

Busca â Nympha , que lhe escapou dos ólhos ;
Contra a Nympha braveja , e contra a infusa ,
Que lhe tóa a vazão :

Ao chaõ a arroja , e em cacos mil a québra .
Eu que a Nympha espreitava em sua fuga ,

Pela fresca pegada

Sigo o alcance (Ah maligna!) e quasi a cólho

Pela cinta... Eis já vólve

A mim donoso olhar c'um gésto meigo,

Que ancioso lhe bejára.

Ei-la se está mirando

Com largo fasto

Sobre o espelho do rio, nova Thetys.

Naõ attenta, naõ vê

Que eu manso junto della

A maõ estendo, abranjo-lhe a cintura...

Ladina! ... que entre os dedos

Me deixa a subtil roupa,

Que qual vapor das flores se esvaêce.

Com que vergonha o digo!

A Cruel se arremessa ao fio da agua;

E as ondas reverentes

Longe de mim... Ay! ... Longe dos meus olhos

Cubiçosos,.. a lévaõ.

Lá se fende, e marulha o grande lago.

Neptuno mui sereno e magestoso

Érgue a trisulca lança — e alhana as ondas. —

C' os reconcavos buzios,

TRIUMPHO verdes vem Tritões troando;

Porque nesta Ilha entra hoje a Deosa della

Formosa e refulgente.

Já vem chegando, e vem sorrindo Venus

Na concha multi-côr, multi-lustrosa.

Assim brilhou, quando a fecunda espuma

A confiou à praya.

Desenrugando mindinhas ondas,

As agnas humilhadas, quasi mudas

A' florecente Deosa

Cousa como hymno entoãõ. —

Penduradas do ramo as avezinhas,

Alégres a saúdaõ.—

Debaixo de seus pés alabastrinos

Flora brotando vai louçans boninas,

Que a bejar-lhos se curvaõ.

Tigres, Leoës se arrastaõ respeitõs,

Ante os seus pés mimosos,

Lambendo o sacro chaõ que Venus piza.

Jã cercada dos Jocos, dos Amores,

Das Graças, e dos Risos, moradores

Nos labios das Donzellas,

A Cypria se avisinha :

Amor, que fêcha a marcha do cortejo,

Vai dardejando os seus farpões mais meigos

Nas lédas Nymphas

Desenfadadas;

Que ólhaõ, que riem, que lévemente zombaõ

E como chuffas

Lhe vaõ soltando :

» Amor, ólà! não tens farpões mais rijos,

» Na derrengada aljava? «

Mas onde a vista cravarei inquieta

Entre o vago tropél, que se lhe off'rece
 De lépidos transumptos
 Por toda a parte promptos a enlevar-me;
 A enfeitiçar-me
 O animo absôrto?

Traz mim retinnir ouço os sons festivos,
 O canto harmonioso, a frauta, a avêna,
 Os brados da alegrîa,
 Com que estes Insulanos
 Festejaõ a Rainha dos Amores
 Nas prayas dançaõ flóridas Zagalas
 Junto da bella Deosa,
 Com léve planta o chaõ cheiroso pulsaõ.
 Tráva d'uma, outra encara

Venus, que estrêma as mais donosas déllas
 Para ao chôro as junctar das Nymphas suas.
 Qual se érgue accessa ao longe
 Poeira, sobre a terra, strépitosa.

E' Baccho, sim: é Baccho;
 É do vinho de Chipre a Divindade!
 As Ménades ante elle amotinadas
 Vem correndo esparzidos os cabellos:
 Na s'estra maõ os fachos fulgurando,
 Férem co' a dextra os mosqueados tigres
 Que o coche triumphal do Nume tiraõ.
 Os Sylvanos Capripedes,
 Os temulentos Satyros

Em chusma transmalhada o mato fusco

Vem de longe trilhando ,
Em quanto Baccho appressurado acólhe
A Deosa , e com grinaldas de corymbos
Lhe ennastra a eburnea tésta , as ondas de ouro.
Com vagarosos passos vem descendo

Pelas ferteis encóstas

A's verdejantes fraldas. Já lá chegaõ
Ao consagrado templo de Erycina.

Os outeiros derreiaõ

Com o Celeste encargo as duras cóstas.
Oreadas , Napéas yaõ diante
Folheadas saltando , e dis-cantando :

Invejoso adejando

Sentado em cima da Aquila alterosa
Jóve das altas nuvens as contempla.

Desferr olhadas

As bi-patentes

Portas do Templo

De mil amplas caçoulas de ouro fino
Remoinhos cheirósos esfumeaõ.

Ante os formosos Numes

Os sacros Vates, seus Ministros, prostrao-se ;

E no xadrez de jaspe

Aguas lustraes entórnaõ recedentes.

Tibullo , Horacio , e o velho

Convidador de Venus

Saõ os Ministros. Seus immortaes cantos

Delicias foraõ das felices E'ras ;

Hoje os revéste fulgido renome.

O D E

âos tiros

d'ElRei D. Joze Primeiro.

Quis scit an adjiciant hodiernæ crastina summa
Tempora Dii superi !

HORAT. lib. od. 4.

QUEM de nós, no balanço dos successos
Deste mar empolado e naufragoso,
Póde dizer seguro : » Puz um cravo
» Na róda da Fortuna !
Ou » Lancei duas âncoras ferrenhas
» No firme pégo, (1) e zombo das desditas
» Que ao vêrem tal contento e tal descanso,
» Descorçoadas fôgem !
» Já agóra abrio-me Pluto as veyas de ouro ;
» Deu-me a Saúde os philtros nunca-achados
» De perenne Juventa, e poz-me ao longe

(1) No fundo firme pégo. Figura mui trivial nos Poetas
ainda nos prosadores.

» Os limites da Vida !

» Esprayando o dezejo , abraço as margens

» De todos os deleites ; lédo e livre

» Entre os viçosos , entre os mais floridos

» A meu sabor escolho ?

Ninguém téqui , ninguém sîzudo o disse :

Nem dirà , se mil séculos corrêraõ ;

Naõ o pôde dizer Jozé Primeiro

Amado, e poderoso ;

Quando entre sceptros , quando entre corôas

De tantos seus Mayores repousava

Encostado na baze vencedora

De encanecido Imperio.

Traidor chumbo acceitou no régio braço ,

E ante elle se assomou , brandindo o gume

Da fouce despiedosa , a sêcca dextra

Da descorada Morte.



EPIGRAMMA.

UM Nobre (porem côxo) desposado
Com Senhora de rara formosura,
» Cazei com Venus. « Tinha por dit'ado;
E a gente que o ouvia
Assegurava ser verdade pura
O que o Nobre dizia.
Mas tanto a apregou o tal Esposo ,
Que se fez enojoso ;
E um (dos que muito o ouviu) sonso, e magaco
Que , sem a Dana ver , via o Marido ,
A quem mãis perto achou, disse ao ouvido:
» Venus déve ella ser ; que elle è Vulcano.

CONSOLAÇÃO.

QUEIXAVA-SE a Santeuil certo Marido
Que no hymen sua Mulher trapaccava.
» Seu mal , Senhor (o Cónego tornava)
È imaginario mal. Caso è sabido
Que em inuitos lavra ; mas que a poucos malta
E home' hà , que dahi cóme, arfa, e contrata.

O D E

à Amizade.

Itē procul durum curæ genus , itē labores ,

Fulserit hic niveis Delius alitibus.

Vos modo proposito dulces favعاتis , amici ,

Neve neget quisquam me duce se comitem.

Tibull. lib. 3. El. 6.

QUAM forte és, Amizade, quando escóras
No Mérito; e a phalange das Virtudes
Poens em campo contra ásperos revézes

Da arrojada Fortuna!

Contra Ti cõrra a Tyrannia, o Erro
Co' a lança herváda, c'os sanguineos ólhos;
Na aço do escudo a lança lhe despontas,
Com o brilho o deslumbras.

Mortâes, que disvellados, nas estréllas
Buscâes de fausta sôrte o incérto agouro,
Que esperaes na doença, no infortunio

Restaurador alivio,

Buscai-o na Amizade; que encostado

Nas benéficas aras de seu Templo
Pouza o S. côrro , pouzaõ os Disvéllos
De condoída face.

Ouvíz ! ... ou aprazível phantasia
Me entretém , e me encanta ! ... Como descem
Ruidósos os Prazêres ! ... Como alégres
Juncto a mim dispoem álas ! ...

Que chuva de florîdos arremêss o
Cravaõ no peito às Mágoas ? ... Lá recûa ,
Lá cáhe a turba infanda ! ... Aqui resoã
Os hymnos da Victoria. —

Modésta Venus, comedido Baccho
Tiraõ trás si a folgazan Companha,
Que me tráva das maõs, e em danças guía
A mui-vistósos longes.

Com'igo vem pizando a vèrde felpa
Desta veiga aprazível, e sagrada
Atinida Marfisa, e vem sorrindo
A Eufrosina, e Aglae.

Apenas entro no copádo seyo
D'uma antiga florésta respeitada,
Curvaõ-se as cimas, cercaõ-se em verdura
De cúpola alterósa.

Surge em baze de lucido alabaastro
Uma Deosa de plácida presença,
Trajando airosa simples vestiduras —
Era a meiga Amizade;
Que a mim se inclina, e co 'a mimosa dextra

Limpaudo o coração de toda a nódoa
Me arrojou fóra o fêl dos infortunios ,
E o livor da Tristeza.

is se lhe avivaõ com mais graça os ólhos ;
arrayando de fausto e sancto lume
senhoril semblante, rompe neste
Alentador presagio:

- » Virão inda outros dias venturosos
- » Que apaguem os vestigios denegridos
- » Do injusto exilio, infausto ao Erro armado
- » Quam festivo a Filinto :
- » Em que na ufana Elysia entoarêmos
- » A prudente fugida vencedora,
- » A pobreza invejada, e os superados
- » Trabalhos, sem deshonra. «



QUAL È A COUSA.

QUAL È ELLA.

CUBRO c'um manto o sòl, em c'aro dia,
Para que outrem lh'o rasgue. — Mui lampeiros

Mil espreiteiros

A conhecer-me acòdem à porfia

Captivados da máscara sigana,

De formosas feições, poucas posturas

Mil aventuras

Se promette cada um (cada um se engana.)

Vem namorar-me,

Quer conquistar-me :

O sabio sò, com seu engenho agudo

Da máscara me priva ;

u bemque esquiva,

A's gaifonas do rudo ,

Do rudo , ou sabio accêito um appellido ,

Com que encubro , ou descubro o meu sentido

MORALIDADE

para o dia de finados. §

Mortaes , com mil contrarios tendes guerra,
È curta avida ; e cedo acabarã.

Hoje cubris a terra ,
Que a manhan (pode ser !) vos cobrirã.



O D E

aos Poetas Lusitanos.

— — Mediocribus esse Poetis

Non homines, non Di, non concessere columnas.

— HORAT. de Arte.

— — — Sparge rosas, audiat invidus
Dementem strepitum Lycus.

Id. lib. 3 od. 19.

NA Lyra, que me dás, que Vate ousado
Quêres, oh douta Clio, que eu discante,
Cujos echos reclamem, retinnindo
Nos Lusitanos montes !

Louvarei antes o Camoës sublime,
E o bravo Gama arando ignotos mares,
E as Nereydas nûas impellindo,

As Nãos que ameaça o escólho (1)
Máis brãndo sòpra a avêna Campesina

(1) Canto segundo.

O Bernardes suave, e saudoso,
De cujo canto o placido ribeiro

Enamorado, para.

Escutando os antigos sons da Grecia,

E do Lacio, lá pulsaõ com trabalho

A repugnante Lyra de Venusa

O Caminha, o Ferreira.

Entam, chorando, a Castro abriu a Lusa

Scena, e lhe deu Melpòmene o cotharno,

Com que Euripides, Sophocles pizaraõ

De Athenas o tablado.

Amor da Patria, amor de altivo canto

A desusados sons a maõ lhe adèstra,

Digna de saõ louvor, que abriu a ròta

A melhores Engenhos.

Coridon, Coridon, nos braços destes, (1)

As Musas te visitaõ, te bafejaõ

Co' a harmonia do Pindo; e em ti as Graças

Canto de Horacio vertem.

Mais atrevido, e fero engrossa Elpino

A vòz, que na Campina Elèa outrora

Trovejou Pindaro, infiando os rôstos

Dos assombrados èmulos.

Alfeno esses vestigios vai pizando

Nolle. fitando os òlhos cubiçosos;

(1) Ferreira, Caminha, Sã e Miranda etc. etc.

E por affouto modo vai tecendo
Pindâricos delirios.

Um Boeage, um Targini, com Vicente (1)

Côrrem a colher louros no Parnasso ;

E as Musas se daõ prèssa a lhe enramarem

As merecidas c'roas.

Que naõ pôde esperar a Elysia Terra

De Cesario jovial? (2) Donosa Musa

A froxo lhe emborcou na mente ingenua

O sal, e o mel de Athenas. ,

Em quanto humildes Vates affannando

Nos atolados lôdos de Agannipe ,

Se prendem das estevas, sem podêrem

Trepar à esquiua encòsta.

(1) Vincente Pedro, Medico das caldas da Rainha, que se dizem ter toda a instrucção Poetica.

(2) Igualmente Medico è morto um 1798.



HA POUÇO QUE FIAR

em

MÈDICOS.

Nãõ hà Mèdico ahî , que vos nãõ diga ;
 Que um bom côpo de vinho generoso ,
 Esprayado no bôjo da barriga ,
 Bordaõ nãõ seja aos velhos vigoroso. —
 Quem beber dous , terà por conseguinte ,
 Dous bordoës. — Eu bebi bem quinze — ou vinte ;
 E devo ter seguro o corpo inteiro ,
 Como Nãõ cachorrada (1) no estaleiro.

(1) Chamavaõ-se *cachorros* as escôras , com que no estaleiro sustentavaõ os Navios. Já pôde ser que hoje se nãõ chamem assim. Tem là *chrismado* , com tanto nome francez , as cousas que no meu tempo eraõ baptisadas com nome Portuguez , que temo que a minha *conduta* nãõ pareça *affrosa* aos senhores que hoje *jouissaõ* do mais alto *rango* entre os *sentimentistas* , e *massacrantes* : metter-me-hei debaixo do *egidio* da obscuridade ; afim que a *populacça* *debandando* os *ressortes* da sua vingança me nãõ *ecrase d'affaires* vilipendiosos , faltando-me as *ressurgas* do *espirito toccante* , com que *esquisse* o detalhe das *recherches* e dos *regardes*.

Ora, pelo contrario,
O passo mal-sostido, o juizo vário,
Cambaleando,
Tremelhicando,
Para mal-ter-me a prumo, bem o vedes
Preciso ir pondo as mãos pelas paredes.
E que se fie em Medicos a gente!
O'them em mim, como um Galeno mente.



SONETTO.

VERA's, Phillis cruél, sahir correndo
Destas veyas o sangue derramado,
E veràs este peito traspassado
Dar provas de leal, inda morrendo.
Veràs o braço erguído, a mão tremendo,
Segundar a ferida, e no rasgado
Coração o teu rosto estar gravado,
Pola abérta ferida apparecendo.
Com amoroso placido murmuro
Sentiras pela mão, bella homicida
Correr-te, como um sopro brando e puro:
Sim; que abonar-te irá, não re-sentida,
Penhor de sua fé claro e seguro,
Com te bejar a mão, a minha Vida.

(1) Si mai senti spirarti sul volto
Lieve fiato, che lento s'aggiri,
Di: son questi gli estremi sospiri
Del mio fido chi muore per mè.

Metastasio.

O D E

De Mr. HOUDART de la Motte.

Buvons , amis , le tems s'enfuit
Menageons bien ce court espace ;
Peut-être une éternelle nuit
Éteindra le jour qui se passe.

Peut-être que Caron demain ,
Nous recevra tous dans sa barque :
Saisissons un moment certain ;
C'est autant de pris sur la Parque.

A l'envi , laissons-nous saisir
Aux transports d'une douce yvresse :
Qu'importe , si c'est un plaisir ,
Que ce soit folie , ou sagesse ?

TRADUZIDO.

BEBAMOS : que nos vái fugindo o Tempo ;
Forrem-se , Amigos , estes curtos prazos.
Talvez que noite eterna apagar venha
O passageiro dia.

Talvez, que a todos ámanhan Charonte
Na barca nos navègue. Este , que è cèrto ;
Momento aproveitemos. C'o este roubo
As Parcas desfalquemos.

Finulos uns dos outros , entreguemo-nos
A' suave embriaguez. Que nos importa
Que ao Prazer , que os sentidos nos enlèva ;
Chamem Sizo , ou Loucura?

TRADUCCAO LATINA.

BIBAMUS. Ætas præcípites ag
Festina cursus: hanc spatiis Deus
Inclisit arctis. Nos fugacis
Damna hilares reparemus ævi.

Quæ nunc citato carpit iter gradu
Claudet perennis fortè diem sopor.
Cras fortè nos traducet atra
Nave Charon. Quod adest avaro

Usu occupemus. Postera quod libet
Fortuna volvat: juverit invidas
Parcas sefellisse, et severis
Particulam hanc rapuisse Fatis.

Ergo potenti nunc decet uvida
Explere vino corda: quid interest
Prudens an insanus voceris,
Certa modo subeat voluptas?

T R A D U C Ç A O .

BEBAMOS: que velóz transpoem a Idade
Despenhada carreira. Em curto espaço,
Se Deos no la acanhou, saneêmos ledos
Do fugaz Têmpo os damnos.

Quiçá perenne somno cêrre o dia ,
Que òra caminha a passo despejado :
Quiçá àmanhan Charon , na fusca barca
Nos navèga. Colhamos

Sôffregos o que ora hà: volva a seu gosto
Vindoura sorte os casos. Triumphemos
De haver burlado as Parcas invejosas ,
Roubado ao Fado esquivo

Ténue porçaõ. As almas ensopemos ;
Eya , em potente Baccho. E ahi que importa
Que sizudos nos chamem , chamem loucos ,
Se o deleite è seguro ?

E N I G M A.

EM quanto dous visinhos. (1)
(Que eu conheci!) sem se ajuntar viveraõ,
Ambos tivéraõ
Honras, carinhos;
Ambos a todos agradar souberaõ.
De graças animados,
De presumpçaõ inchados,
Tributos recebiaõ,
Que entre si, sem disturbio repartiãõ.
Tinhaõ quinze annos, quando à luz sahiaõ
Tam guapos, tam formosos,
Tanto a si parecidos, tam áyresos,
Que os disseras n'um molde ambos fundidos.
C' os rêditos de offrendas, vassallagens,
E adquiridas ventagens
Viveraõ abastados, e crescidos,
Muitos annos, mas seccos, e arrufados.
Tè que em fim de enchimento assoberbados,

(1) Os visinhos naõ, mas o nome delles se acha no fim do versos 65 de nuptiis Pelei et Thetydos. Catull.

A si mesmo enfadonhos ,
Pezados , e tristonhos ,
Viêraõ a ajuntar-se ,
A achegar-se ,
A bejar-se

Com tanto affinco , e tam estreitamente ,
Que sempre unidos ,
Um com outro cozidos ,
Fizeraõ nojo à gente
Que os amava ,
Em quanto largo régo os separava.



O D E

à Paz de Portugal com França em 1797.

— — Est animus tibi
Rerumque prudens, et secundis
Temporibus, dubiisque rectus. —

Horat. lib. 4. Od. 9.

NAõ tomou a seu cãrgo a douta Clio
Decantar de Cataõ, nem de Aristides
Invejados palacios, vãsos de ouro,
Opiparos manjares.

Essas vanglorias (idolas de inéptos)
Com maõ irada, a Musa as arreméssa
Na água turva do Léthes, e dos Dônos
Os nomes desprezados.

Sò da térra levanta, e léva aos astros
Na alli-sonante Cythara virtudes
Bemfeitoras do Povo; um Curcio, um Décio,
Inmolados à Patria.

TRADUZIDA.

Quæ Pindo super imperat
Clio doctiloquis Castalidum Choris,
Regum celsa palatia
Auratasque trabes, et dapum eburneis
Mensis impositum ordinem et
Interfusa scyphos fercula gemmeos,
Quæ vulgus stolidum stupet,
E montis bifido vertice despicit
Alti Musa supercili:
Tales delicias, ludicra gaudia,
Et viles dominos simul
Lethæis abigit Indibrium vadis.
At caros populis duces
Post mortem Lybithinæ eripit, et bonis
Civem civibus utilem
Utro congenere evehit ad Deos.
Purus vivit Aristides,
Vivunt Scipiades et geminus Cato,
Æternus Deciis honos
Perstat pro patria non dubiis mori;
Chartis Illa perennibus
Quæ commisit, amat nomina pertinax
Alis protegere aureis:

Com as ázas lhe ampara o nome claro
 E às furnas desce da infeliz Invêja ,
 A despontar-lhe as fléchas venenosas ,
 Frouxar-lhe a córda do arco.

Entoa-me hoje , oh Clío , um desses nomes ,
 Que máis célebras com robusto canto ;
 Seu duradouro som zombe de aváras
 Fouces do Tempo , e Mórte.

Sõe-Araujo-a Lyra. Ouça-me a Elysia ,
 Gloriosa ouça a Gállia ímprobas lidas ,
 Com que apertou discórdes interesses
 Em disputado laço.



Incassum furias spirat et halitus

Tetros Invidia ; assidet

Non segnis rabiem et tela retundere

Armis vindicibus Dea.

Nunc, nunc egregium, Pieri, selige

Cantu quem celebres virum,

Et voce et cythara prome reconditi

Thesauros modulaminis,

Quales falcigeræ non violent manus.

Araujo resonet Chelys,

Araujo Tagus et Sequana personent

Discordes populos modò

Nexu difficili jungere callidum.

A. M. de Curnieu.



EPIGRAMMA.

V I O - M E Venus jurar , contra Delmira,
De não tornar (em quanto eu viva) a vé-la;
Pérfido rindo disse : — Applaca essa ira ;
— Que as juras faz quebrar Cára tam bella.

O D E

*No dia dos meus annos 23 de De-
zembro de 1797.*

— — — — — Neque
Mordaces aliter diffugiunt sollicitudines.

Horat. lib. Od. 18.

Q U A N D O outróra a florente Mocidade
Vecejava em meu rosto,
E nos rúbidos lábios, — doce canto
Florejava esta Lyra,
C'os ricos dons de Marcia, — c'os carinhos
De seu peito amoroso.

Mas, mal me pôz as câns com maõ madura
Pela enrugada tèsta
O Lustro nôno, e os traços dos amôres
Foi no ânimo apagando,
Tambem as chòrdas déraõ sons sizudos.
Naõ já folgaz Thalía,
Mas as graves Caménas de Stesíchoro
Vinhaõ prégar na Lyra
Quarèsmas mui morâes, Sénecas ódes,
Replêttas de Virtude.
Tanto Ethico sermaõ sahio do bôjo
Do lyrico instrumento ;
Que o Prégador dormio com o Auditorio : —
E dormindo, — e sonhando
Moral, e mais moral, entrou nos Paços
Do intorpecido Enojo : —
D'um tombo, que là dei, cahí na furna
Da ruin Melancholia. —
Que Alcídes, que Thesêo podéra destes
Tetérrimos lugares
Trazer-me à quádra alegre? — A naõ ser Baccho,
Que me toccou c'o Thyerso ;
Que a alma me aviventou amodorrada
Com Stóicos vapôres ?
Salve, potente Baccho; o dia de hoje,
Solemne a Ti só voto,
Dia, em que os meus sessenta e quatro hynvérnos
Com teu favor, encélo.

O D E.

Quantus eram , pharetra cum protinus ille soluta
 Legit in exitium spicula facta meum,
 Lunavitque genu sinuosum fortiter arcum ,
 Quod canas , Vates , accipe , dixit opus.
 Me miserum , certas habuit puer ille sagittas !
 Uror , et in vacuo pectore regnat amor.
 Ovid. lib. 1. Amor. Epist. 1.

QUANDO à Cythara de ouro a mão lançava
 Para entoar a Lusitana gloria,
 Um Deos, de sobre as chordas se levanta
 Joven, formoso, e meigo,
 Que o braço recostando sobre a meza,
 Affavel me induzia a que cantasse;
 E que elle o canto meu reforçaria
 C'um, que escutara às Musas.
 C'os dedos tenteando os sons Thebanos,
 Desusada responde a molle Lyra:
 Brandamente me dà de Anfrisa o nome
 Entre harmoniosas falsas. (1)

(1) Quanto molliores sunt , et delicatiores in cantu

Então conheço o Deos, que ri, e zomba
Do azêdo enfado, com que o arguo de impio:
» Não bastão, Deos maligno, inda não bastão
» Seis lustros de servir-te?
» Já Lalage cantei, cantei Delmira,
» E a minha escravidão, e os teus triumphos:
» Já a meus cansados cantos (1) dá de rosto
» A livre Mocidade;
» E inda zombas das cans — das cans nascidas
» Nos pezados grilhões de teu Império?
,, Veterano soldado lograr devo
,, Emérito descanso. ,,
Nisto me torna o Amor. — Canta a teu gosto
,, Fortes Castros, e duros Alboquerque;
,, Disfere a voz, a Cythara tempêra;
,, Cinge-te a ganhar louros.
,, E, este farpaõte esperte a voz, e o canto. ;

iones et falsæ voeulæ, quam certæ et severæ.

Ciêr. de Orator lib. 3. Cap. 25.

(1) E bem cansados! Que até eu mesmo canso de os ler:
e a não estar d'um lado a Pobreza a acotovelar-me, que
se traslade, e que os dê à imprensa, e de frente de mim,
mas muito longe, e um tanto annuiada a Esperança, fa-
zendo-me negaças com varias moedichas, maldita a mão,
maldita a chave que abraisse a gavetta em que estão
fechados!

Na còrnea Lúa o embébe , e a mim fréchado;
No coração me cála. — Os ays rebentaõ,

Os suspiros recrêsem.

„ Canta os Heróes (me insulta o Deos protérvo

„ Canta , se podes. „ — Eis que as azas bâte,

E aos ares se remonta , celebrando

A certeza do tiro.

Eu arrancar do peito a sétta hervada

Em vaõ forcejo. — As fârpas prendem na alma

C'o joélho em térra , ao perfido , que fôge

Brado em desfeito pranto :

„ Perdoa , ingente Nume; Amor perdóa.

„ Não quero Heróes cantar ; louros engeito.

„ Meu Heróe , minha gloria , minha Musa

„ Será des-de hoje Anfrisa. „



S O N E T T O.

M O T T E.

Aquella graça, aquella formosura.

G L O S S A.

Ouvira Marcia. — Eu te amo. — Tam ditoso
Como eu não foi nenhum mortal tégora.
Forcejaõ por sahir pela alma fóra (1)
Largas ondas de tam sobejo gozo.
lo mundo ir quizera (de vaidoso)
D'onde o sól morre, até o ergner da Aurora,
Louvando a que em meu peito é sò senhora,
Contando o quanto Amor me traz mimoso.
Por vêr esse Orbe attento, e transportado
De ouvir, que tanta graça estranha e pura
Recompensa risonha o meu cuidado;
Por vêr morrer as bellas, de amargura,
Olhando o Mundo inteiro ajoelhado
A aquella graça, a aquella formosura.

(1) L'abondante allegrezza che' ho nel core
Non potendo capervi esce di fuore.

Bembo.

O D E.

— — — — — Nonne videre
 Nil aliud sibi Naturam latrare , nisi ut quum
 Corpore sejunctus dolor absit , mente fruatur
 Jucundo sensu , cura semota , metuque.

Lucret.

A PENAS no alto pégo procelloso
 Das révoltas paixões , nòvos Neptunos ;
 Estendêmos , ao brado da Virtude ,
 A repousada calma ;
 E a Rainha Razaõ pômos segura
 No throno , (onde reinar sempre devêra ,
 Se com fagueira mão doloso Vicio ,
 Naõ a cêga , e derruba)
 Olhando para tráz , vemos o estrago ,
 Que insana , infrene furia commettêra :
 Sóbem às fáces chammas de vergonha ,
 Cerra-se o peito de ira :
 Qual , passado o naufragio , e o Céu já puro
 Das nuvens da tormenta , o Passageiro
 Vê vir boyando à praya os mastos rôlos ,
 As nadantes enxarcias.

EPIGRAMMA.

O dominio de Terra

os o entregou a Adam. Noé se encerra

N'uma Arca , e toma posse

das Aguas. Quem do fogo o Senhor fosse

Naõ o réza a Escriptura ,

Menos que ao Démo caiba. Ao côxo Nume

Daõ sceptro sobre o Lume

Os Gregos que aviavaõ Divindades ,

Qual nós Paternidades.

No ar Dédalo reinou com pouca dura :

Mas o Francez mais léve

Por *sécula* sem fim no ar scéptro obtêve.

S O N E T T O (*).

M O T T E.

Triumphe na illustrissima Abbadessa.

G L O S S A.

DÉSCE dos Céos, oh Musa soberana,
Que os Hymnos nos entôas da Verdade;
Inspira ao canto meu tal suavidade,
Que affeição à Virtude a gente humana.

Os mortâes imprudentes desengana
De quanto o império é frágil da Maldade;
Que a Virtude tem a alta potestade
De atar do Vicio tôrpe a mão insana.

Poem-lhe à vista em valente quadro os damnos
Desse Amor proprio, em que a Vaidade empêça,
E a Vingança, que accende os ruíns Tyrannos.
Veja-se ao vivo o Mal, e se entristeça,
Mas ria-se a Virtude, e em muitos annos
Triumphe na illustrissima Abbadessa.

(*) Muito tempo hà que disse [não sei quem foi] que os Poetas éraõ como os salteiros; porque uns e outros com saltos, com versos altos, faziaõ mais altos, do que elles eraõ os freguezes, para quem trabalhavaõ.

O D E

A Patria.

Invenies aliquem qui me suspiret ademptam,
Carmina, nec siccis perlegat ista genis.

Ovid. Trist. lib. 1. r.

VEM, doce Lyra, dom das brandas Musas,
Com que no verde Pindo
Gostosas me prendaraõ, quando apenas
Encetava tres lustros.
Alli da sacra chamma, que rutila
Nas Apollineas aras,
Vi desprender-se a aguda labarêda,
Tomar subito vôo,
Rayar-me no semblante, e calar dentro
Nos penetrâes do Engenho;
Onde ateada em luz perenne aclara,
Aquêce, aviva os gômmos
Abrolhados das ràpidas idéias.

Lyra prezada, e nóbre,

Que nas mãos de meu Mestre (1) decantaste

Os pendoões arrancados

Ao Partho féro, tam humilde a Augusto,

Quanto soberbo a Crasso. (2)

Tu, remontada com as meigas chórdas

De Páphos, de Amathunta,

Modulavas de Lydia, e de Glicério

As graças, os amores.

Pois que eu ousei, das Musas incitado,

Mover teus sons tranquillos,

E estranha-los com plectro ándouto, e rudo ;

E pia me acudiste

Com canto, que o desdem quebrou de Nize,

E da formosa Marcia

Ameigou a cruíssima saudade ;

Agora te intercêdo

(1) Sim. Mestre : que outro nunca o tomei. Ah ! que se o discipulo não ficara tam longe do Mestre ! Mas eu vergonho-me cada vez que leyo uma Ode de meu Mestre e que sinto quam pouco aproveitei em sua escola ; fosse em mim falta de engenho, ou falta de applicação. Quizêra queimar quantos versos escriptos tenho e só me atalhão a mão 40 moedas, que já alguns impressos me renderão, e o dizer que nem todos os Pintores são Apelles, e que toda via com painéis, ganhaõ a vida. E ja eu disse que Pobreza e não vaidade pôz os meus versos à vergonha do mundo.

(2) — Et signa nostro restituit Jovi.

Me ajudes a tecêr da Patria amada (1)

O sandoso elogio.

Amado Berço de meus novos dias,

Que arrayando risonha

Mimósas esperanças, no teu cóllo

Me acolheste benigna,

Arredado de ti, na alheia terra,

Suspiro e clamo — Elysia —; (2)

Em ti cuido, a tí vejo, de ti fallo:

Tu sò em meu sentido

Noite, e dia incessante me appareces;

Ora trajada de ouro,

Com reluzente sceptro, em alto sólio

Magestosa sentada,

Ao Indo Hydaspe, ao Gange as leis mandando:

Em gravadas bandejas

Accitando os tributos, as corôas

De tantos Reis Vassallos

Do altivo Oriente, da Africa guerreira.

Os trophéos, as conquistas

Direpta Parthorum superbis

Postibus. — — — —

Horat. lib. 4. Od. 15.

(1) A tous les cœurs bien nés que la Patrie est chère!

(2) On souffre en sa patrie; elle peut nous déplaire;
Mais quand on l'a perdue, alors elle est bien chère.

— Voltaire. Tragéd. des Scythes.

A ti devo o caminho abalisado,
Que da Honra às áras guia;
Meu lado ornaste, na ingreme subida,
De leães Companheiros,
O saõ Merecimento, a san Virtude :
Nas azas me encostaste
Do prazenteiro Agrado, quando o peito
Quiz conquistar honrado,
E pudica esquivança de Marfisa.
Em seu coração frio
Tinha provado Amor os seus podêres :
Mil vezes apagados
Os fachos vio de crepitante lume,
Que lhe apontou de pértio. —
Os escassos talentos, com que apenas
Lucrei mui bréve nome
Na Elysia saudosa, e estranhos Lares,
Bem foraõ mercês tuas.
Ah! Tu, que foste ninho tam-prezado
Desses Varoões egrégios,
Que em letras, que em batalhas te ennobrecem ;
E tu, que Armania, e Anarda
Affagaste contente em teu regaço,
E de claras virtudes
O peito lhe abundaste ; tu, que déste
Ao docil Araujo
Immensos dons, que em climas arredados
Requêrem summo obséquio

A' Patria egrégia, que tães filhos brótá.
Tu, que ao nascer cingiste
Com amorosas fâchas, e a teu seyo
Apertaste mimosa
Um Britto, exemplo de honra, e de bondade....
Como a tanto desceste
Que deixes ir a immérito desterro
Teus innocentes filhos;
E a vóz não soltas, hórrida não féchas
As despiedadas pórtas;
Não amparas nos braços? ... não rechâças
As fréchas da Calunnia?
Devo-te a vlda, a luz; mas triste, estranho
Consintas em teu grémio
Monstros de alma cruél, que te des-honraõ!
Malévolos podêres,
Dos bens, da fama honrada estrago, e abysmo,
De infames linguas couto!
Porque as indignas vidas não engeitas,
Que engeitaria averso
Esse inhóspito Caucasos feróce,
E a anthropópaga térra?
Que mal commetti eu contra um covarde,
Contra uma vil progenie
D'um Heróe tam famoso no Oriente,
Para ir com çujo bafo
Empanar o meu nome intacto e limpo?
Foi culpa inexpiavel

(183)

Ter eu aís honra que elle? mais virtudes;

Ter alma, que naõ torça

A baixezas, a crimes, como a sua?

Daqui tomou peçonha,

Iniquo Delator, (1) com que pôz nódoa

No manto ingénuo, e puro

Que talhar para elle, e seu consórtes

Rejeita a Natureza

(1) Pour perdre un sage, il ne faut qu'un bigot.

Gresset.



S O N E T T O .

TRAVOU-ME da alma a crua Saudade,
E entre tórtos cordéis pô-la a tormento.
Nunca revolve o afflicto Pensamento (1)
Que não lhe ache medrada a crueldade.
O Ciúme flammejando impiedade
Na esquiiva phantasia està de assento;
Dalli manda o inquieto Insoffrimento
Assettear a ingénua Lealdade.
O Tempo, com a fouce no ar erguida ;
Obriga as Parcas a fiar depressa
A têa, em que se adianta a minha vida.
Ah! Mância, se não vens, talvez que desça
Ao coração a Mórte prevenida,
E a vida, antes que venhas, se despêça.

! 1 ; But absent what fantastic fôcs , arou's'd ,
Rage in each thought , by restless musing fed
Chill warm check , and blast the bloom of life.

Tompson's Spring.

EPIGRAMMA.

Com fivéllas de ovál abbrilhantado,
Abbrilhantada a cifra, que cubria
A correia com rasgo entrelaçado,
Passeiava, parava, e se revia
Moço, de tanta prata glorioso.
Quam pouco basta para ser ditoso

O D E.

Num tu quæ tenuit dives Achæmenes
Aut pinguis Phrygiæ Mygdonias opes
Permutare velis crine Mariliæ

Plenas aut Arabum domos.

Horat. lib. 2. Od. 12

BIESTER, o Fado austéro tem vedado,
Que uns com os outros em tenáz corrente

Se encadeiem os dias venturosos,
Sem a turba dos tristes.

A mim pôz por exemplo aos mortaes rudes :
Fez força ao glóbo da Fortuna instável ;
Com o abalo os meus bens cahirão todos,
Dando praça aos desastres.

Em vão forcêjo, e os mui leães amigos,
Por dobrar-mos o Nume inexoravel :
Surdo a rógos, a làgrimas, não muda
O sanhudo decreto.

Sós, neste crú desterro, me consolaõ
Dous bens, que segurei na infeliz quèda :
Sou livre, e gózo ao longe o prazer puro
Da saudosa Amizade.

Tu gózas muitos, para mim perdidos,
Que co'a lembrança o coração me rasgaõ.
Tu vês, tu trataes os honrados peitos,
Que o *Mal* não tingio nunca.

Ouves Marilia, Lálage modérna,
Que doce ri, (1) que doce cantà ao Cravo
Mio bel tesoro.... Ah! que saudade aguda
Pela alma se me enterra! (2)

(1) Dulce ridentem Lalagen.

Horat. lib. 1. Od. 23.

(2) Integer laudo, fuge suspicari

De mim, na Pàtria, a melhor parte móra;
Em porçoões brandas, entre vos partida :
Sonho os amigos, quando o Sól fallêce,
Sonho-os, quando renasce.

Cujus octavum trepidavit ætas

Claudere lustrum.

Idem. lib. 2 Od. 4.



S O N E T T O.

Tu queixas-te de mim, limpida fonte,
Que outrora em tuas margens recostado,
Cantei com brando verso o Bem amado,
Que em ti vinha lavar a ingénua fronte?
Nem ouves já como redóbra o monte
Os écchos de meu canto namorado,
Quando a via sahir por este prado
Alegrando c'os ólhos o horisonte.
Vê de luto vestidas as estrellas,
Todo o prado assombrado de amargura,
Desfolhadas, sem côr as flores bellas.
Tudo, oh Fonte, mudou. Essa espessura
Cóbrea com sêccas fôlhas amarellas
Da linda Marcia a esquiva sepultura.



REFLECÇÃO.

ADAM, e seus melhores descendentes
Um sò Deos adoraraõ;
Mãos houve, que d'um sô naõ mui contentes,
Cinco ou seis engenharaõ.
Tal capricho lavrou, que ei-los, que atulhaõ]
Todo o Olympo de Divos ;
E a degollar boyadas ;
Lhe andaõ as mãos azádas.
Vem outros lògo, que se desempulhaõ
Destes zombando ; e altivos
Des-carrêgaõ tal còrte]
Na matula dos Divos ,
Que o Olympo despovoaõ. —
Foi venêta ? Perrice ? ou Razaõ forte ? —
Motivos cà me toaõ ,
Que foi nelles perguiça ;
E horror de Numes , gáffos de carniça.

O D E

Ad Sodales.

— — — Dissipat Evius

Curas edaces. —

Horat. lib. 2. Od. 11.

Di purpureo licor tazze spumanti
I molesti pensier , spargan d'obblio ;
E fra festive danze , e suoni , e canti
Trapassiamo , d'Amor fidi seguaci ,
In grembo del piacer , l'ore fugaci.

Cantica delle Cantiche.

EM quanto assanha os ventos furibundos
O encarquilhado Hynvéno , e das masmorras,
Em que Eólo os enfrêa revoltosos ,
As portas lhe franquêa ;
Em quanto a rouca vôz da tempestade
Atrôa , abàla , e o retorcido rayo
Os ufanos Palacios , rudes Chóças
Derroca , accende , arraza ;
E as árvores despídas , e lascadas

Dos furações, da pédra assolladora
Nos calvos sérros daõ magoado assumpto

Aos òlhos, às vontades ;

Em quanto a Primavêra não penteia

C'os Zéphyros suaves as madeixas

Dos verdes, dos umbrosos arvoredos,

Nas espaduas dos montes;

Festejemos, Amigos, o potente

O rubicundo Baccho ; as Nymphas bellas

C'o dourado, e vermélho succo, alégres

A' porfia brindemos :

Ruins cuidados affugenta o Vinho,

Tristezas denegridas affugenta,

As faças avermelha, aviva os òlhos,

Dà forças, dà prazêres.

Hoje dêmos ao Génio horas festivas,

Hóras, que léva o Tempo esquivo a rôjo ;

Séga os annos co'a fouce, e a ampulhêta

Inquiêto sacóde.

Hoje, que em sônhos vi, na madrugada

De Baccho o temulento Pedegògo,

Encostado em dous Faunos, acenar-me

Que lhe siga as pizadas.

Levon-me a vêr os Campos venturosos

Dos que affogaõ no vinho as amarguras,

As ambiçoês, as iras, as vinganças,

Os sustos, côr de cêra.

Apontou-me pendentés das videiras

Mil fôrmas de risonhos passatempôs ;

Cupidinhos a atar macias Damas

C'os famintos Amautes.

D'aquí fêrvidos ósculos reclamaõ;

D'alem resoã chòros namorados.

Arde o Campo em dezejôs, ardem almas

Nas frâguas do Deleite.

Jazem nas câmas uns de mólles parras ,

Co'as mentes vagabundas por Elysios ;

Outros, co'a taça em puuho, se abalançaõ

A girar grandes Mundos. (1)

» Esta gloria te espêra, e a teus Amigos ,

» Mal que vos humedêça o louro Brómio. »

Disse : e cansado encêta a 'taça ardente

C'os rorantes bigodes.

(1) Quid non ebrietas designat ?

Horat. lib. 1 Epod. 4.

A V I S O

A O

L E I T O R.

x

AL'ERTA, al'értta, Amigos; ôlho vivo.
Corramos a apprender melhòr language ;
Dêmos côres da mòda, e sécio traje
Ao albornóz do Portuguez nativo.

z

No Francez se acha tudo : até a lingua.
Haja vista ao Telemaco capado ;
Que tendo o Blutéau bem folheado
Sò deparou com aspereza, e mingua (1).

3

De nóbres, de espanélicos Doutores ;
Que dizem *massaerar, rango, conduta* ;

(1) Assim m'o affirmou mui de véras o Traduc-

Affrôso, *affêres* (1) venha devoluta
A copia, a ornar os Vâtes e Oradores.

4

Ponhamos Barros, Souza, e o bom Ferreira
No cadoz de sedičas Livrariâs,
Que enraivem là das guâpas bizzarrias,
Do fallar culto d'um cabal Faceira (2).

5

Este se a êsmo leu livro Francez,
Tem de verter liçoës de lingua Lusa:
E nós de ir à tal fonte encher a infusa,
Pexóttas, que sò lêmos Portuguez. (3)

(1) Esqueceu-me por *egídio*, palavra muy significativa e muy comesima para certo Emb... que traduzia: " *l'égide de la Loi* " *Debaixo do Egidio da Lei*.

(2) A definiçã de *Faceira*, *Turinas* etc. etc. Vem *Anatomico jocoso*.

(3) Para hora nossa ainda vivem Camoës, Barros e os mais *Classicos Lusitanos*; e para vergonha dos *francesados*, ainda os lem, e os imitaõ os *Elpinos* *Alfenos* e outros *amadores da boa phraze Lusa*. E eu há vinte e cinco annos que vivo em França os leria bem se os possuira: Forcejo com tudo a evitar nisso

escrevo , o Pedantismo e charlataneria desses Senhores , que besuntando-se de francez , antes de aprenderem a sua lingua , enxovalhaõ quanto fallaõ , e quanto escrevem com lambuçadas bordalengas. Vejaõ esses que assim se desestimaõ , desestimando a sua lingua , o que de si , e da sua lingua natural escrevia um homem , por ter viuido quatro annos [e naõ 25 como eu] fora da Patria.

En terminant cet ouvrage , je ne puis me défendre d'exprimer un sentiment qui me presse , un vœu qui sera celui de tous les hommes qui ont conservé l'amour de la littérature française. De grands modèles existent ; mais par quelle fatalité paraissent-ils relegués dans l'oubli ? Ne pouvant les suivre , je me plais à les admirer , et j'ai cru leur rendre le seul hommage dont je fusse capable , en n'employant que le langage qu'ils nous ont enseigné , en écrivant un voyage en Grèce , sans aucune expression Grecque , et avec le soin d'en écarter cette foule de mots nouveaux , que l'incapacité enfanta , comme le charlatanisme pédantesque voulut faire de la langue des Racine , des Voltaire , des Fenelon , des Bossuet et des Buffon , une langue barbare , hérissée de mots étrangers , travestis en français. En prenant la plume pour cette relation... où peut-on mieux placer une invocation au bon goût qu'à la suite d'un voyage dans des contrées qui en furent si longtems le théâtre ? Héritiers privilégiés de ce que la Grèce ancienne nous montra de grâces et de talens , Laharpe , Delille , Saint-Lambert , Boufflers , Lacépède , Bernardin de Saint-Pierre , Segur etc. vous tous qui

avez conservé cette pureté de style , ce coloris dans les images , cette justesse dans les expressions , cette urbanité vraiment attique qui ont fait la gloire de notre littérature : usez de votre droit d'hérédité , et repoussez les efforts sacrilèges du mauvais goût , qui a tenté , et malheureusement avec trop de succès , de s'emparer de votre honorable domaine : qu'il en disparaisse à jamais avec ses burlesques innovations ; et notre patrie sera bientôt ce qu'elle fut naguères , le séjour de la prospérité publique et le brillant apauage des beaux arts.

Voyage en Grèce et Turquie par Sonnini. t. 2.
chap. dernier.



SONETTO.

A trilingue serpente silva, e roja
Pela esmaltada encósta rastolhando,
Em torno agudos ólhos derramando,
O cóllo azul e verde ao ar ariója.
Aguia altaneira, a quem tal vista anoja ;
Désce a afferrar-lhe a gárra, e remontando,
As roscas com que a cinge espedaçando
Vencedora ; de alentos a despoja.
Berpeava assim meu lédo Pensamento
Pelos florentes prados da Esperança
Trajado de louçaõ contentamento :
Quando Marcia gentil c'uma esquivança ,
Com que pune qualquer ousado intento
Despedaçou a minha confiança.

O D E,

Ultra Sauromatas fugere hinc libet, et glaciale
Oceanum. Juvenal. Satyr. 2.

Sous un climat moins aquatique
Je veux respirer désormais ,
Adieu , Messieurs les flegmatiques ,
Bon jour , bon soir pour jamais.

QUE triste festa , Aguiar, que hoje nos fazes ,
No dia dos teus annos !
Longe de tua Chlórís , entre arrufos
De fucinhudo acinte ,
Dà-te vólta o juizo , atassalhado
Da refórma imminente ,
E do dente roáz , ansia curiosa
De adivinhar despachos.
O bom Monge que sonha noite e dia
Pintadas Indianas ,
Tem mais longo o nariz , mais côva a face ,
Tem mais grisalha a grenha.

Alfândegas , Malsins , como uns duendes ;
O sp'rito lhe manteaõ. (1)

E a *Chocolat* c'o vulto abrazeado
Lhe acena co' Espadilha. (2)

Marfisa (coitadinha !) faz resenha
De quanta enfermidade

Escurece os canhenhos de Galeno ,
E encàra , uma apos uma ;

Qual lhe vem màis quadrada nos symptômas ;
Naõ tidos , mas cismados ;

Faz trombas , se a acudir-lhe às vans doenças ;
Prompto se naõ desunha

Filinto. — Este ólhos longos , saudósos ,
Em París encravados ,

Naõ vê , naõ ouve , naõ attenta a nada , (3)

(1) A maneira de mantear se acha descripta , e quasi sempre estampada na veridica historia de engenhoso D. Quixote de la Mancha.

(2) Já adverti que os Poétas alludem algumas vezes a successos que nem a todos compete saber. *Non omnia possumus omnes*. Os que tiverem intelligencia da significação de certas cartas da baralho , talvez que rastream o sentido do Poéta.

Nota do Editor.

(3) Sed quia mente minus validus , quam corpore toto
Nil audire velim , nil discere , quod levet ægrum.

Horat. Epist. 8. lib. 1

Que não seja a partida
Fóra destes paães , appetecida,
Cubiçada , anhelada. —
Tudo lhe enfada , tudo o desconforta ;
Sò quèr França , e mais França. (1)
Com tâes càras de enôjo , e de fastio
Espéras de alegrar-te ?
Guarda esta fésta , guarda o espalhafato
De pratas . porcelanas ,
De luzes , massapões , caffés , Licores
Para as térras alégres ,
Onde brincaõ bonécos divertidos ,
E não cervæes Casmurros.

(1) Illic omne malum vino cantuque levato
Deformis ægrimonix , dulcibus alloquiis.

Id. Epod. 4.

EPIGRAMMA.

FABIO, ao cahir da noite hmida e fria,
Do chupado caraõ déspe a alegria ;
Naõ, porque chore o sòl, do dia enfeite ;
Mas porque accende luz , que gás ta azeite.

SONETTO.

Se um gèsto meigo, se um olhar gracioso,
Que honte' observei, oh Délia, em teu semblante,
Naõ saõ os véos d'um animo inconstante,
Nenhum mortal me vence por ditoso.
Oh quanto o Deos Amor me quér inimoso !
Longe da amada Patria', triste e errante,
Encontrar fé em tam gentil Amante :
Que o meu amor compense fervoroso !
Prometto a Amor queimar-lhe largo incenso
No casto altar do peito, e a alma rendida
Votar a Delia com prazer intenso :
Sim : que a Amor brando, a Délia enternecida]
Sò graças dou de seu favor immenso,
Se entrego a Amor o peito, e a Délia a vida.



O D E.

Il n'appartient qu'à ceux, que leurs vertus suprêmes
Egalent aux Dieux mêmes,

De savoir estimer le langage des Dieux.

J. B. Rousseau. Od. au Prince Eugène.

Gaudet enim virtus testes sibi jungere Musas
Carmen amat quisquis carmine digna gerit.

Claudian.

EM perenne chuveiro, dos Céos cáhem,
No vasto mundo as Ditas, e Infortunios,
Quaes, pelo Outono descem bastas folhas
A tapiçar os bosques.

Nos palacios do Samio Policrates
As sobejas venturas se amontoaõ;
E os bens que estraga, de enfadado, o ricco,
A's pórtas lhe recrescem.

Mas vem, umas sobre outras, porfiadas
As desditas buscar o desditoso,
Que a Fortuna encetou c'o cégo açoute



De sevêros trabalhos.

Assim trême o rochêdo Acroceraunio

Retalhado do trépido corisco,

Em quanto Memphis des-nevosa (1) encara

Com socêgo, o Céu puro.

Naõ levantou de mim a maõ pezada

A féra Sorte, dèsque às Párças duras

Do justo fio da Patérna vida

Fez infausto presente.

Os dóllos; as injurias desabridas

As iras novercães mal-merecidas

Nos bens lançaraõ despiedoso estrago,

Na fama injusta nõdoa.

E a Calumnia, que espreita os passos francos

Dos Cultores da véra Sapiencia,

Laços me armou subtís, para enredar-me

Em duradouras penas.

Um Deos sò pode, ou d'elle humana imagem

Erguer-me deste pêgo de desgraças;

Qual generoso Alcides a Theseo

Tirou da Inferno ao dia.

Nem a Deos um mortal melhor retrata

Que, quando cheio de divino alento,

Arròsta os p'rigos, còrta pelos sustos,

E salva ambigua vida.

(1) Memphim carentem Sithonia nive, Horat. lib 3. Od. 26.

Ou como tu , com braço de ouro abrangẽ;
E encósta ao brando seyo o desvalido ;
Que a tormenta , entre as ondas implacáveis
Lançou sobre os escolhos.



SONETTO.

MOTTE

Dos Céos toda a belleza peregrina.

GLOSSA.

Naõ me luz, nem me aquéce o Sòl dourado,
Se não vejo em Delmira a minha Aurora,
Ella é na Primavera a minha Flora;
Nem sem ella me ri viçoso o prado.
Qual Minérva, no trilho mal-pizado
Da virtude as passadas me affervora, |
Na nuvem, Iris os listoës me cõra,
Quando em mar de tormentas sou tomado.
Se Cõmo, e Baccho a meza me adereça,
Naõ é mais linda, que élla, Hébe divina ;
Bem que a ambròsia immortal a Jove off'reça.
Tende-a, Amor : que terei, quando benina
A meus abraços, nova Cypris desça,
Dos Céos toda a belleza peregrina.

L U T T A

D E

H E R C U L E S

Com o Rio Achelôo.

Ovid. Metam. 9.

Da môcha fronte a causa lhe pergunta
O Heróe Neptunéo, e a causa dos gemidos ;
E assim responde o Calidonio Rio,
Que a côma hirsuta cinge de canniços :
» Triste emprego me pédes. Que vencido
» Ama dar relação de seus combates?
» Por inteiro os direi; que mais formosa
» Me foi a briga, que a vencida feya.
» Tam grande Vencedor me affrouxa a magoa!
» De Dejanira o nome a teus ouvidos
» Devia de chegar; Virgem mui bella,
» Foi de muitos galans ancia e cubiça.
» Mal do buscado Sogro em caza; co' elles
» Entro: — Por Genro teu me acceita (disse)
» Oh filho de Parthàon. — Diz-lhe Alcides
» Igual phraze. A nós dous os mãis cedêraó.

» Conta este, que por Sôgro dáva à Noiva
» A Jove, e os decantados seus trabalhos,
» E da Madrasta as bem cumpridas ordens.
Des doura-se em ceder a um home ' um Numen.
Lhe tornei) — (Que inda Alcides Deos não éra.)
» Em mim vês o Senhor das ferteis águas,
» Que serpeaõ, descendo, em teus Estados :
» Nem Genro hóspede sou, de estranhos vindo,
» Mas teu Patrio, e de teus bens com-parte ;
(*) » Se não me óbsta o não ser da régia Juno
» Abhorrído, e faltar-me o complemento
» Das bem lidiadas ordens. — Se me jactas
» Que a Alcména tens por Mãe, por Páe a Jove,
» Ou falso é o Páe, ou vem-te o Páe d'um crime:
» Sem adúltera Mãe tal Páe te frustra.
» Ou Jupiter, (escólhe) e Paé fingido,
» Ou foi des-houza tua o nascimento.
» Já há muito, que me olháva carregado
» Fallar-lhe assim ; já mal-forçoso as iras
» Accêsas sogigava... Eis me responde :
» Eu mais hàbil que a lingua tenho a dextra :

(*) Ironia, Senhor Leitor. Sei que hà muitos e mui es-
critados Leitores ; mas tam bem já acertei com alguns que
nião nojo, transtornando todo o sentido e formosura
que liaõ. Pobres, miserrimos Authores, em que
niõs calis às vezes !

- » Com quanto na peléja te conquiste ;
» Vence-me einbóra em fallas. « » Feróz travã
» O combate. Corri-me de ceder-lhe ;
» Eu, que inda há pouco féros arrojava.
» Dos hombros lanço ao longe o verde manto,
» Os braços sòlto , e arcadas na postura
» Abro ante o peito as mãos, à lotta os membros.
» Co' pō , que apanha nas cavadas palmas ,
» Me sparge , e a seu turno se enlourece
» Co' a ruyva areia, que por si derrama.
» Eis me abrange a cervíz , eis as micantes
» Cóxas ; ou de abrange-las faz designio :
» Daqui, dalli me investe ; mas em balde
» Me búscas , que o meu pezo me defende ,
» Naõ menos que o rochêdo , que acomméttem
» Com graõ murmurio as veças , e elle firme
» No proprio pêzo seu immóvel jaz.
» Retrahidos , tornâmos à refréga ,
» Já no desplante , e em naõ ceder seguros :
» Pé , contra pé , já lhe entro todo o peito , (1)
» E meus dedos c'os seus entresachando ,
» Fronte a fronte , co' a minha empuxo a sua.
» Taés concorrer já ví torócos (2) Touros ,

(1) Os que tivérem duvida sobre os termos da lotta
fação como eu perguntem a quem melhór o sabe.

(2) *Torosus* dicitur quod *torosum* (eminentia muscu-

- » Quando é anciado prémio da peleja
» Da devêza a novilha mais egregia,
» Duvidaõ sobre quãl cãya a victoria
» De tamanho dominio. Sem proveito
» Tres vezes rejeitar forceja Alcides
» Meu peito , que a seu peito sobrestava ;
» Na quarta (o abraço sacudindo) sólta
» Os revirados braços , e me impelle ;
» (Verdade professei dizer) co ' a dextra
» Me vira subito , e me encurva as costas
» Com todo o seu pendor. — Cuidei que tinha
» (Nem finjo vózes , com que o pejo encubra)
» Um monte sobre mim. De certo o abono.
» Mal que os braços entrêcho , que escorriaõ
» De sobejo suor , e os annéis firmes
» Dos membros descingi , eis me perségue ;
» (Eu arquejava) e aspirar forças me tólhe.
» Já me abârca o pescoço , e c'ós joêlhos
» Batto , porfim , c'o chaõ , e mordo a areia.
» Recorro à astucia , de inferior no esforço.
» Eis , longa cóbra , delle me deslizo ,
» E arcando o côrpo em retorcidos côlos,
» Com féro silvo batto à lingua as farpas.
» Das minhas artes ri , e zomba Alcides :

lorum) amplitudine corporis robur præ se fert. — Virgil.

» Luxuriatque toris. »

- » Des-de o berço apprendi a domar cóbras,
 » (Me diz) e quando a muitos dràgos médres,
 » Que escàsso que és , à vista d'um só vulto
 » Dessa Lernéa Echidna, (1) tam fecunda
 » Nos proprios córtes seus. Das cem cabeças
 » Naõ córtas uma , que naõ brótem duas ,
 » Que hérdem mais fórtes na cerviz morada ;
 » Cóbras tráz cóbras no ramoso cóllo ,
 » Medrando para mal , dos córtes pulaõ.
 » E eu domei-a , e domada a impuz da vida.
 » Em que te fias , quando alheias armas
 » Em falsa sérpe disfarçado móves. « (2)
 » Disse : e à cerviz tal nõ c'os dedos me arma ,
 » Que naõ me anciara mais tenáz ferrênha ,
 » As fauces , que das maõs remir debato.
 » Vi-me vencido ; e só de bravo Touro
 » Me resta a fóрма , e val : nella mudando
 » Os membros , re-pelejo. Pela esquerda
 » Me apérta o bojo c'os nervudos braços ,

(1) Lernéa Echidna. Vejaõ as Metamorphoses de Ovid. Variorum , ou o Diccionario de Sabbathier.

(2) Parece inverisimil que Hercules açodado no combate de Achelão , que com suas forças e suas manhas lhe dava bem em que entender , se desse tam pachorrentas conversas. Mas foi imitação de Homero , que nos mais renhidos duellos entretém os seus Heròes com mais prolixas parlendas.

- » E segurando a preza , a instiga , e ségue.
 - » Té que me humilha os cornos, e m'os crave
 - » No duro chaõ , baqueado eu na alta areia.
 - » Nem se deu por cabal : co ' a féra dextra
 - » Québra o corno que empunha, e m'o des-troncã
 - » Da môcha fronte. As Náyas o sagraraõ
 - » De fructos cheio , e de cheirosas flores,
 - » E no meu corno a boa cópia é ricca.
-

(1) Repararaõ alguns pechosos criticos que tam repidamente ponho *corno* nesta traducção : ao que réspon-do 1º. que assim vinha no Original , e que eu naõ tenho a receita de tirar cornos d'onde os ha. 2º. que para variar naõ achei outros synonymos alem de *Xifre* ou *Xavelho*. Venha o Démo à escolha. Tambem achei *ponta*, mas é equivoco,

O D E

— — — — At fides et ingenii

Benigna vena est , pauperumque dives
Me petit.

Horat. lib. 3. Od. 17.

Ao banquetê dos Deoses convidados
Foreis , Amigos , se do Céu bem-quisto
Na arca rodassem fulgidas medalhas ,
A sabor da Vontade.

Em dourada baixélla , em porcelana
Viriaõ preciosas iguarías
Aguçar desdenhosos appetites
C'o regalado cheiro.

Altos Lacayos com librés custósas
Em polidos cristães derramariaõ
Caríssimo Tokài , fino Constancia
Em borbulhosas ondas.

Mas quem almorça aqui , depoem à porta
Arrôtos de bazófiás opulentas ,
C'um prato de Amizade , e uma fé pura
Singélo se contenta.

SONETTO

A O S A N N O S

Ex.^{ma} S.^{ra} D. A. Ap.

- HOJE Amor ; nos palacios deleitosos
De Idalia , onde dà leis a todo o Mundo ,
Com gésto airoso , com dizer jucundo ,
Declarou aos Cupidos respeitosos :
- » Neste dia dos annos mais viçosos
 - » Daquella em quem meu forte império fundo ,
 - » Ordeno que os Mortaés culto profundo
 - » Lhe rendaõ , em rende-lo venturosos.
 - » Ide , Vassallos , derramar no peito
 - » Humano um alvoroço desusado
 - » De , a tal bondade , se sentir sujeito.
 - » Venha o Universo , e admire tanto agrado ,
 - » Que eu só me dou do mundo satisfeito ,
 - » Se , a seus pés , hoje o vejo ajoelhado ,
-

BILHETTE.

N'um quarto de papél (não todo limpo)
 Que entalládo no espelho achei acazo ,
 Nesta erma salla, em que fallece tudo ,
 Quando viúva chòra ausentes Amos ,
 Escrevi éstas regras de queixumes
 Contra a rija investida porfiada,
 Que embruscando-me a mente , que esguardava
 As estocadas da matreira lingua ,
 Deixou entrada falsa ao surrateiro
 Borgonha tavernal , que cala a furto ,
 C'o ruído da pérfida algazarra ,
 A deitar fôgo ao Templo da barriga.

Ah! manhosa investida! Tu , Troyano
 Cavallo foste, prenhe de maranhas ,
 Que dèste às modorradas sentinellas
 Soporifera mòrte ; com teus fachos
 Ergueste incendio de veloz lavoura ,
 Que ateou pelas veyas espantadas
 Precipitado ardor em todo o corpo.
 Tu mandavas , Sinon astucioso ,
 Ao da Razaõ alcaçar refulgente

Frequentes globos de aleivoso fumo ;
Que traçava ennuclar seu rayo activo.
Ella o rompeu ; mas foi lidado o esforço ;
E naõ sahio sem custo co ' a victoria.
O calor lavra longo nas entranhas,
Nas roxas cinzas, que a àgua mal-extingue ;
E à noite o avivaõ, com mordazes bejos,
Os fétidos famintos persovejos.

O D E.

Non semper idem floribus honos

Vernis.

Harat. lib. 2, Od. II.

PERDES, Andrada, co' a tardia vinda
O mais guapo lavor, os mais amenos
Dias, que inda teceu a Primavera
Para brio dos Campos.

Quanto receio, triste te arrendas
Das malogradas horas, que não tornaõ;
Des-que escapaõ no carro despedido
Do flammejante Phébo!

Com maõ escassa esparge a Natureza
Dourados dias de aprazivel face
Neste enublado frigido contorno,
Em que me pôz a sorte.

Flóra o matiz de alégre bordadura (1)

(1) Variis colorum picturis ad certamen usque luxurians.
Plini.

Lançou sobre as vistosas verdes roupas,
Já os fructos avivando o colorido ,
Co ' a madurez vizinha ,
A's flores daõ ciúme ; e deleitando
Ao que ama antes sabor , que cõr sem succo ;
Dos amantes de Flora , e de Pomona
Dispartem a contenda.

Os bósques já recendem c'os morangaõs ;
Convidando a colhê-los mãos golosas.
C'um pedaço de paõ n'um guardanapo ,
E na garrafa a pinga ,
Na dextra a cûya da alva palangana ,
E o tempero do assucar naõ-mesquinho ;
Podêmos merendar , à tripa forra ,
Morangaõs na floresta.

S O N E T T O.

GRACAS ao Céu, Filinto, conseguiste
A târda, mas risonha Liberdade;
Já não arrastrarás, contra vontade
Duro grilhaõ, que (incanto!) aos pés cingste,
Feliz o que aos farpoês de Amor resiste!
Que lhe conhece o sito da maldade;
Mais feliz quem da esquiva crueldade
Québra a cadeia, e cessa de ser triste.
Nize que a sòlde; e ao cêpo rigoroso
A'te outro amante mais obediente
Mais meigo, mais cortéz, menos queixoso,
Tu, de viçoso louro cinge a frente,
E triumphante exulta. Amor fastoso,
Já te não conta entre a captiva gente.

RABOLÉVA

DO

SONETTO.

PICOU-ME esta insolencia. Meu Cupido
Se escravos queres: dá-lhes menqs dura
Prizaõ, dá mais carinho, mais brandura
Seja o teu captiveiro appetecido.
Fazes fugir, c'os teus crueis rigores,
De teu Reino os mais finos amadores.
Prenda-me, incauto, o teu amavel erro;
Mas com laços de flores, não de férro.

O D E.

Scribis ut oblectem studio lacrymabile tempus,

Ne percant turpi pectora nostra situ.

Difficile est quod amico mones : quia carmina læta

Sunt opus, et pacem mentis habere volunt.

Nostra per adversas agitur fortuna procellas,

Sorte nec ulla meâ tristior esse potest,

Ovid. Trist. lib. 5.

QUERES, Verdier, que a Ernêsto, e que a Maria

Cante enlaçados no hymineo gostoso:

Da-me a vóz délla, dà-me o prazer sancto

Do affortunado Esposo.

Melpómene, entre as Musas, só entôa

Lûgubres oantos, cantos adaptados

A' Lyra inculta do affligido Vate,

Sem Ti, sem Bens, sem Patria.

Crês Tu, que em Tomes desterrado Ovidio,

Cantou Corinna em júbilo alaûde ?

Ou que os brincoës Amores lhe dictaraõ

Festivo Epithalamio ?

Até que a mão da Parca o sp'rito ancioso

Dos laços lhe soltou do cõrpo débil ;
Prantos tecia em verso mal-limado

A saudõsa Musa.

Paris é o meu Tomes (1), onde choro
Os, que vêr me é vedado, amigos firmes ;
Lixboa a minha Roma, onde tem prezas

A alma as rayzes ternas.

Mas pois que inda a Fortuna despiedada
Gozar me deixa um peito agradecido ;

Já que hymnos não entõo, faustos votos

Vos tecerei perennes.

(1) Quando escrevia esta Ode, ainda a Filinto lhe sa-
hião os beijos ao mel da Patria ; ainda cuidava que o
maior dissabor da vida era Paris, onde não via os seus
pais e queridos amigos ; ainda não sabia que havia uma
Hollanda, aonde tinha de beber todo o fél da descon-
versação e soledade ; ainda não suspeitava que havia uma
Francia no centro do Europa, onde os homens eraõ bata-
lantes ambulantes e cachimbantes, a quem as palavras cus-
taõ tanto a lhes sahir da bocca, como os ducados lhe
custão a sahir da burra.

Nota do Editor,

MADRIGAL.

VISTES vós, pelo albor da madrugada
Vir um Zéphyro brando descozendo
Do embruscado horisonte o manto horrendo
De nuvens com que a Noite éra abafada?
Pois minha àlma assim stava em tréva escura.
Eis que de Marcia, ao longe o albor diviso;
Eis que o Zéphyro alado de um sorriso
Vem dissipar-me as nuvens de amargura.



SONETTO

Aos annos

Da Snr.^a D. Marianna de Amorim
e Souza , e da sua filha a Snr.^a
D. Anna Isidora L. de Souza.

SOBRE os annos da bella Marianna
Fazem conselho os Deoses na alta Corte ;
Jóve o querer dos Fados , desta sorte
Expoem á Companhin soberana :
» Dará prazer à Terra Lusitana ,
» Cãras delicias do feliz Consorte ,
» E a Pãrca encolherá o fatal córte
» Enlevada na graça mais que humana. «
» E à gentil Anna , oh Padre Omnipotente ,
» (Diz Vénus) que annuncias de ventura ,
» Anna , meu doce amor , e gloria ingente ? «
» Anna ! (diz Jóve) Estrella tem segura
» Para encantar a humana e ethérea gente ,
» Basta que iguale a Mãe na formosura. «



O D E.

Voi c'havete gli scherni sempre accorti
Contra l'arco d'amor ch'indarno tira.

Petrarca. Sonet 24.

JUNTANDO as pontas da eburnea lua
Tiraste , sem cessar , fléchas a Nize ,
Amor , em vaõ té quî. Ella sorrindo ,
De teus farpoës zombava.

Com a alva maõ as séttas disparadas
As vai do coraçõ des-caminhando ,
E , cahidas no chaõ , as quádra em pilha '
Para trophéo izento.

Quêres tu naõ falsar do peito a senda ,
Amor , que ràivas de baldar os tiros ?
De meus suspiros n'uma spêssa nuvem
Os teus farpoës envólve.

E porque a sequidaõ da esquiva Nize
Naõ resista ; e antes cale na alma o gólpe
Mólha os tiros nas lâgrimas candâes
Que de ternura vêrto.

Vinga-me ; e vinga-te. Que é graõ desdouro
Do braço , que humilhou o ingente Alcides ,
Ser vencido da impróvida esquivança
D'uma inérme Donzella.

S O N E T T O.

M O T T E.

Uma Prelada de virtudes cheia.

G L O S S A.

Do Céu se abriu a pórtá omnipatente ;
E vi junta em Conselho a Divindade ,
Como quando quiz dar na prima idade ,
A' sua image' o Páe da humana gente.
Prerogativas na Divina mente
Se revolvias de alta qualidade :
Virtude . Religiaõ , saber , Bondade ,
Regio solar , Prudencia , e Zelo ardente.
Ora uma , ora outra em grão se preferia ,
E no Congrêssó etérno se pleiteia
Qual a tam alto posto se devia.
Quiz Deos , c'uma mortal encher a ideia :
Pôz os ólhos em vós , que em vós só via
Uma Prelada de virtudes cheia.

EPIGRAMMA.

LIA um Author.... (Naõ digo bem) — cantava
Um canhêho, sem sal de Foesia;
E a gente, que os versinhos mal-ouvia,
Em cousas mui divérsas cogitava.
Leu, e cansou. — (Perg.) — »Dos vérsos repetidos
»Quaes acharaõ melhóres? - Resp. - » Os naõ-lidos(1)

(1) Muitos destes Authores de tróvas, e alguns delles
Titulares, me metterãõ pelos ouvidos à queima-roupa
carradas de similhante mercadoria; mas como eu, nesse
tempo, nenhuma vóz tinha em Capitulo poético, diante
desses Coryphéos da versejadura, louvava-os com a boc-
ca, mas no coração pensava como o Epigramma.

L A C U L T A

Gallici-Parla. (*)

Culta Gallici-parla é um tempêro
A todo o môlho do fallar à moda.

Conduta, *afféres*, *rango* em viva ródã

Méxe um Peralta com *affroso* esmero.

Pois se vai mais a pino a algaravía,

Descarta-lhe um *ressòrte*, uma *insomnía* :

E fica muito inchado

O Patão, de outros tães patãos louvado.

(*) *La Culla Latini-parla* é o titulo d'uma engraçada galantaria, com que D. Francisco de Quevêdo zombeteou de varios tarêlos, que foraõ depois imitados em Portugal pelos fidalgos da Falpêrra.

O D E.

Sed licet asperiora cadant spolierque relictis
Non te deficient nostræ memorare camænæ.

Tibull., lib. 4. Panegy. ad Messal.

NA ò temas que a teus versos sonoros
Do Tempo alcance a fouce, nem que o Léthes
Em suas negras águas somnolentas,

Doce Alfeno, os affogue;

Apollo, (crê-me) os perfilhou gostoso,
E divisa lhes pôz, que à Idade, à Invéja
Respeito influirão: com élla intáctos

Verão o fim dos séculos.

Quando a Crítica a vâra judiciosa

Estender aos Poëmas Lusitanos,

Daqui, dalli, sem conto, derrubando

Te guardará no seyo;

Por dar-te em mimo às Musas; dar a Baccho

O altiloquo arrojado Dithyrambo.

Nilinto ingénuo, Mathevon honrado

Por Ti serãõ étérnos.

F A B U L A.

CÉRT O Ministro assáz prudente , e honrado
Quiz comprar uma quinta em sitio ameno.

Soube-o lògo o ruím tratante Almeno,

Que vem azafamado

Inculcar-lhe uma mui rendosa , e linda ;

Bom jardim, bons repuchos, bellas ruas

Cazas com boa vista , junto às suas

Lagar, cocheira, pòços, càça..... Ainda

Almeno continuava

A ladainha de famoso acêrto :

Quando o outro lhe atalhava

A falla , mal que têve descuberto

Que o tinha por visinho.

Eu àcho-lhe razaõ : que eu não quizéra

Por quando hà hí no Mundo , ter morada

Vizinha de mã lingua , alma danada ;

Nem de quem ser mais que eu se considera.

O D E

Quis desiderio sit pudor, aut modus
Tam cari capitis ?

Horat. lib. 1. Od. 24.

SE arrojado, os grilhoes não despedaças
Da ferrêha Perguiça, charo Amigo,
Enfiaràs tardias Primavéras,
Sem que Paris te veja.

Com ôlhos longos os fieis Amigos
Verão o Hynverno arregaçar a cauda,
Que enfadonhos chuveiros largo escorre
Sôbre os inchados gômos;

Sem que mais aguçoso té despaches
A pôr a cabo as desleães proméssas,
Que lâ do azul mirante vio Apollo
Já tres vezes fallidas.

Para quem volve o Sena as guépas àguas;
Se ao deixar de D'herman o alcaçar nobre,
Buscando o escuro sôtao de Filinto,
Não vens a travessa-las ?

Clô me diz que as Tágides saudosas

Mandaraõ nova às Nymphas cà do Sena ;
Que de seus braços se arrancava um Vate
Por Hébe espediçado ;

E que pediaõ terno acolhimento
Para o mimoso seu, e assumpto digno
Das Cytharas de Alfeno, e de Filinto
Por éllas inspiradas.

Outras Hébes aquí de leves plantas ,
De mattador astuto desalinho ,
Só da fama rendidas, já te esperaõ
Com sóffrego alvoroço.

E Filinto, que a Patria, e os dias ledos
Vê no desterro seu, por entre luctos ;
Naõ só te espéra, mas estende a vida
Só por tornar a ver-te.



F A B U L A

De J. de la FONTAINE.

O Doudo que vende sizo.

NA ã pòsso aviso dar-te màis sízudo ,
Que o de sempre esquivar d'um doudo o alcance:
Fugir de gente eyvada no miôlo
Foi sempre sau receita.

Na Côte hà bôbos : Reis com elles folgaõ
E c'os remóques lépidos , que lârgaõ
A velhâcos , a tôlos , a ridículos.

Um doudo , pelas rúas , pelas praças ,
Dizia em seu pregãõ — Quem compra sizo ? —
E os sempre-crentes homens acudiaõ
A' compra diligentes.

Primeiro , de barãto , dava o Doudo
Muita carêta , muita monaria ;
Mas lógo que ensaccãva na algibeira
Dinheiro d'algum tôlo ,
C'um bofetaõ , que vinha reboiindo

Lhes dava duas braças de barbante (1)

Aos táes freguezes, em lugar de sizo.

Uns se agastavaõ : mas que[valem iras ?]

Ser por éllas de todos mais zombado ?

Fôra o rir, como os outros, mais acêrto,

Ou safar-se, sem chuz, nem buz, levando

O bofetaõ, e o fio.

Quér bem levar de tôlo a surriada

Quem sentido esquadrinha figurado

No proceder d'um Louco.

D'um doudo as óbras qual razaõ desciffra ?

Quanto volve n'uns téstos desvairados

A mão do Acazo o volve.

Mas fio e bofetaõ davaõ tortura

A cértas cachimónias.

Um dos logrados vái-se ter c'um Sabio,

Que lògo lhe entornou, sem muito empàcho 2

O Oráculo seguinte :

» Hyerogliphicos méros vende o Doudo.

» Déve o prudente, duas braças longe

» Se pôr, de quem tem eyva no miôlo,

(1) Cuidava eu, quando éra rapaz, e tinha já meus lãvros de Geographia, que se devia dizer — *brabante* — pelo muito cânhamo, que para esse fio, nesse payz se torce; mas um Padre mestre me reprehendeu assim: diz-se — *barbante* — pelas muitas barbas que esse fio tem. »

- » Se affagos táes não quér recolher delle.
» Bom sizo vos vendeu. Não sois logrado. »
-

SONETTO.

ANDAVA Amor doente, tres-noitado,
E sem poder dormir, magro, amarello :
Já dava um fio a Morte ao eru cutello,
Decepador do cõllo mal-fadado.

Hypocrates acòde appressurado
Manda cortar-lhe as unhas e o cabello ;
Mas foi pôr pannos quentes em bacello,
Que um Cabrito roeu esfomeado.

Vem Hymeneo (medicinal visita !)
Dorme Cupido (mal que elle entra) uma hora,
Dá-lhe um abraço o Irmaõ — noite bemdita

Passa o Amor. Mas por cura duradora
Lhe àta na tésta Hymen marital fita,
Que adormenta a affeição mais veladora.

O D E.

No dia dos meus annos 23 de Dezembro de 1798.

Ingrata misero vita ducenda, in hoc,
Novis ut usque supetam doloribus.

Horat. Epod.

VENS hoje, triste Dia, de meus annos;
Encapotado n'um gabaõ de nuvens,
E arrastas no coalho de altos gêlos
As intanguidas pérnas.

Virás mal-vindo, a naõ trazer na cólla
De Frigi-fûga lénha tres carradas,
Ou pelas algibeiras, e entre-forros
Sonante Chocalhinho.

Que vens tu cà buscar? Cinco ou seis áchas,
Ardendo em rubri-loura labaréda?
Câmaras bem-forradas? Serpentinhas
Com transparente cêra?

Vens cà buscar, em meza acubertada

Com tóalha de Haarlêm, finos manjares ?

Vinhos de Carcavéllos, Malvasias

Em cristães reluzentes ?

Como vens enganado! Oh coitadinho!

Acharàs no fogaõ dous tiçoës negros,

Que se ròçaõ, se bejaõ, e se abraçaõ

Na ansia de tomar fôgo.

Se trazes fôme, — comeràs com nosco

Estrondosos feijoës, com que festejes,

Ià pela noite, os meus sessenta e cinco,

Que encéto entre pobrezas. —

Tal naõ cuidava a que me deu ao mundo,

Nem o que (a invéjas salvas) me abastara :

Tal naõ cuida o benévolo Araujo ;

Que , a cuida-lo, o emendara.

O D E

A um Ausencia.

Fazer poderà ausencia que eu não veja
Aquella viva imagem , não farà
Que da alma onde anda escripta se me aparte.

Ferreira. Sonett. 15.

1

DEITADO à sombra de frondoso Ulmeiro ,
O'lhos fitos na veyta vagarosa
De sonoro regato,
Que as margens beja desta veiga triste ,
Contemplo o como tardos
Da minha amarga ausencia os dias descem.

2

Mas se ás côres do Oriente alongo a vista
Quando Aurora as pomposas roupas traja ,
Lògo a mente me sóbe

O alvorôço, a alegria, com que o Mundo
Adôra a minha Marcia
Se apparece, e nos àbre novo Oriente.

3

Se acaso alvos jasmims, se castos Lyrios
Entretecidos com vermêlhas rósas
Pelos jardins encontro,
Raya-me na alma o rosto lindo e puro
Da minha ausente Marcia
Que assim as faces tem, tem niveo o peito.

4

Ao vêr rodar no Céu a argentea Lua,
E os claros lumes marchetar a Sphéra;
Lembraõ-me as mansas noites
Bafejadas dos mimos saborosos,
Com que me prendou Marcia
Na quadra mais feliz da idade minha.

5

Se me off'rece, por fim, pincél affouto
Amor, sob'rano do Orbe, ingénuas Grâças
Com meigo nó prendidas,
No peito o coração me indica a pulos
O retrato de Marcia,
Sob'rana de meus térnos pensamentos.

E R R A T A S.

<i>Editas</i> , Caderninho	caderninhos
impressos	Impressos
Segundos	segundo
Se o	Se os
Moragdo	Morgado
Malhoos	Matheo
no	do
pag. 6 Paria	Faria
pag. 7 <i>nota</i> sna	sua
pag. 10 <i>nota</i> sabêm	sãbem
(ibi) pell	pêlle
(ibi) quesahiaõ	que sahiaõ
(ibi) e u	deu
19 <i>nota</i> senttmento	<i>sentimento</i>
27 as eis	as Leis
29 sobria	Em sobria
32 chouricos	chouriços
(ibi) <i>nota</i> almoereve	almocreve
34 <i>nota</i> qualche	qualquér
35 <i>nota</i> tmha	tomba
(ibi) avida	a vida
38 <i>nota</i> diga.	diga,
39 desaffrenta	me desaffronta-me
41 acco panhar vos	acompanhar-vos
53 Porquê	Porque
62 <i>nota</i> daus	dans
66 inelyto	incllyto
69 perfume	perfume
74 Ma oel	Manoel
84 <i>Simu cadentes</i>	<i>Simul cadentes</i>
88 <i>nota</i> Snr	Snr
93 ente	entendo
102 divinás	divinas

103 a ;	a
104 arbriria	abriria
105 fraldas	fraldas
(ibi) nota poetieos	poéticos
106 laissous	laissons
108 dovoçaõ	devoçaõ
113 uaõ	naõ
116 subir	subio
125 nota aõ	naõ
127 outorga a	outorga o
129 disvello	disvello
134 Amorss	Amores
ameaçó	ameaço
143 convidador	convidado
146 apregou	apregou
148 arremesso	arremessos
149 limpaudo	limpando
150 posturas	posturas.
(ibi) u b emque	Eu bem que
153 Nolle.	Nelle
157 maõ	maõ (r)
(ibi) que	que
160 ag	agit
161 espacio	espaço
171 farpaõte	farpaõ te
173 ergner	ergner
175 <i>secula</i>	Por <i>secula</i>
182 vlda	vlda
183 ais	mais
(ibi) Natureza	Natureza
192 Amautes	Amantes
201 gas ta	gasta
207 Patrio	Patricio
(ibi) e	e



